

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**  
**CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

**JOSILENE DE JESUS MENDONÇA**

**VARIAÇÃO NA EXPRESSÃO DA 1ª PESSOA DO PLURAL:**  
**INDETERMINAÇÃO DO SUJEITO E POLIDEZ**

São Cristóvão/SE

2016

**JOSILENE DE JESUS MENDONÇA**

**VARIAÇÃO NA EXPRESSÃO DA 1ª PESSOA DO PLURAL:**

**INDETERMINAÇÃO DO SUJEITO E POLIDEZ**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Sergipe, como requisito à obtenção do título de Mestre em Letras. Área de concentração: Estudos Linguísticos, Linha de Pesquisa: Descrição, Leitura e Escrita da Língua Portuguesa.

Orientadora: Profa. Dra. Raquel Meister Ko. Freitag

São Cristóvão/SE

2016

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

M539v      Mendonça, Josilene de Jesus  
              Variação na expressão da 1ª pessoa do plural : indeterminação  
do sujeito e polidez / Josilene de Jesus Mendonça ; orientadora  
Raquel Meister Ko. Freitag.– São Cristóvão, SE, 2016.  
              102 f. : il.

              Dissertação (mestrado em Letras) – Universidade Federal de  
Sergipe, 2016.

              1. Sociolinguística. 2. Língua portuguesa - Variação. 3. Língua  
portuguesa - Pronomes. I. Freitag, Raquel Meister Ko, orient. II.  
Título.

CDU 81'27

**JOSILENE DE JESUS MENDONÇA**

**VARIAÇÃO NA EXPRESSÃO DA 1ª PESSOA DO PLURAL:**

**INDETERMINAÇÃO DO SUJEITO E POLIDEZ**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Sergipe, como requisito à obtenção do título de Mestre em Letras. Área de concentração: Estudos Linguísticos, Linha de Pesquisa: Descrição, Leitura e Escrita da Língua Portuguesa.

Dissertação aprovada em 24/02/2016

**BANCA EXAMINADORA**

---

Profa. Dra. Raquel Meister Ko. Freitag - UFS  
Universidade Federal de Sergipe  
Presidente - Orientadora

---

Profa. Dra. Juliana Barbosa de Segadas Vianna - UFRRJ  
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
1ª Examinadora - Externa

---

Profa. Dra. Leilane Ramos da Silva - UFS  
Universidade Federal de Sergipe  
2ª Examinadora - Interna

## AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter possibilitado a realização desse projeto.

À professora Dra. Raquel Meister Ko. Freitag, minha orientadora, pela dedicação, compreensão e apoio.

Às professoras Dra. Juliana Barbosa de Segadas Vianna e Dra. Leilane Ramos da Silva, pela leitura atenta e importantes colaborações.

À equipe do Colégio Estadual Atheneu Sergipense, por ter possibilitado a realização da pesquisa na escola, em especial à equipe da biblioteca, pela disponibilização do espaço para realização das gravações.

Aos informantes da amostra *Dados de fala de estudantes do Atheneu Sergipense*, que disponibilizaram tempo para participar da pesquisa.

Aos colegas Thaís, Cristiane, Valéria e Gládisson, pela parceria na constituição da amostra *Dados de fala de estudantes do Atheneu Sergipense*.

À CAPES, pelo subsídio financeiro.

À minha amiga Jaqueline Nascimento, por ter estado ao meu lado nessa trajetória, pela amizade e parceria.

Ao meu esposo Janisson, por compreender minhas ausências e pelo apoio incondicional em todas as minhas decisões.

À minha família, por acreditar no meu potencial e por torcer sempre pelo meu sucesso.

## RESUMO

A indeterminação do sujeito é um fenômeno atrelado às noções de pessoa, generalização e especificidade da referência. Além de tais aspectos sintático-semânticos, também pode estar relacionado com a noção pragmática de polidez, visto que o falante pode utilizar as estratégias de indeterminação do sujeito de 1ª pessoa do plural como forma de demonstrar sua proximidade/distância da informação dada, incluindo-se em grupos referenciais genéricos de maior ou menor abrangência, conforme negociações necessárias para o equilíbrio da comunicação, preservando as faces dos interlocutores. Para investigar a correlação entre indeterminação do sujeito, polidez e a variação na 1ª pessoa do plural, utilizamos a amostra *Dados de fala de estudantes do Atheneu Sergipense*, que toma como ponto de partida o conceito de comunidade de prática, segundo o qual um grupo de pessoas compartilham um empreendimento social comum; considerando duas linhas de coleta: a de comunidade de fala (estratificação homogeneizada) e a de comunidade de prática (relações sociopessoais). As ocorrências de 1ª pessoa do plural com referência genérica foram codificadas de acordo com variáveis linguísticas, sociais e pragmáticas, a fim de estabelecer correlações entre as formas linguísticas e seus valores sociais e pragmáticos dentro da comunidade estudada. Após a codificação, os dados foram submetidos ao tratamento estatístico do programa GoldVarb X, a fim de identificarmos as variáveis que influenciam na variação na expressão da primeira pessoa do plural com referência genérica. O controle das variáveis deiticidade do especificador, definitude e grupo referencial dão indícios de que a forma **a gente** apresenta maior frequência de uso em contextos [+ definidos], com probabilidade de 0,61; em contextos com especificadores dêiticos (dêitico pessoal – 0,71, espacial – 0,64 e temporal – 0,54), bem como em contextos referenciais menos abrangentes, com maior grau de inclusão do falante (alunos – 88,2%; família – 86,7%; turma – 81,8%; alunos do Atheneu (78,1%). Esses resultados sugerem que o uso da forma pronominal **a gente** como recurso de indeterminação do sujeito ocorre em contextos com menor grau de generalização da referência, denotando maior inclusão do falante no grupo referencial genérico. Em relação às variáveis sociais, os fatores sexo/gênero feminino, bem como o tipo de coleta entrevista sociolinguística favoreceram o uso do pronome **a gente**. Os resultados em função das variáveis pragmáticas sugerem que a variante **a gente** apresenta maior frequência de uso em interações com grau distante de familiaridade entre os interlocutores, em situações em que o falante se encontra sem o domínio do tópico interacional e em contextos com maior grau de imposição do ato comunicativo, confirmando nossa hipótese geral a respeito da maior probabilidade de uso de **a gente** em contextos mais polidos. Por analisar fatores estruturais, sociais e pragmáticos, considerando dois modelos metodológicos de coleta, nossa pesquisa se mostra significativa para o estudo das formas de 1ª pessoa do plural com referência genérica, haja vista que a inclusão do falante em referente genéricos funciona como estratégia de polidez, em que o falante se aproxima ou se distancia do conteúdo proposicional, conforme negociações necessárias para o equilíbrio da comunicação, preservando as faces dos interlocutores.

Palavras-chave: Indeterminação; 1ª pessoa do plural; Polidez; Variação.

## ABSTRACT

The indeterminacy of the subject is a phenomenon linked to notions of person, generalisation and specificity of the reference. In addition to such syntactic-semantic aspects also may be related with the pragmatic notion of politeness, because the speaker can use the strategies of indeterminacy of the subject of the first person plural: as a way of demonstrating the proximity/distance from the information given, including generic reference groups of greater or lesser scope, as negotiations necessary for the balance of communication while preserving the faces of the interlocutors. To investigate the correlation between indetermination of the subject, politeness and the variation in the first person singular, we use the sample speech Data of students of Atheneu Sergipense, which takes as its starting point the concept of community of practice, whereby a group of people share a common social enterprise; considering two pickup lines: the speech community (homogenized stratification) and of community of practice (socio-personal relations). Occurrences of the first person plural: with generic reference have been encoded according to linguistic, social and pragmatic variables, in order to establish correlations between linguistic forms and their social values and pragmatics within the community studied. After encoding, the data were subjected to statistical treatment of GoldVarb X program, in order to identify the variables that influence on the variation in the expression of the first person singular with generic reference. Control of variables specifier deictic characteristics, definiteness and referential group give evidence that the use of *us* presents greater frequency of use in contexts [+ defined], with probability of 0.61; in contexts with deictic specifiers (personal deictics - 0.71, spatial - 0.64 and temporal - 0.54), as well as in less comprehensive reference contexts, with a greater degree of inclusion of the speaker (students - 88.2%; Family - 86.7%; 81.8%; class students of Atheneu (78.1%). These results suggest that the use of pronominal form *us* as a resource of indeterminacy of the subject occurs in contexts with a lesser degree of generalization, reference denoting greater inclusion of the speaker in the generic reference group. In relation to social variables, sex/gender female factors, as well as the type of sociolinguistic interview collection favored the use of the pronoun *us*. The results on the basis of the pragmatic variables suggest that the use of *us* has increased frequency of use in interactions with distant degree of familiarity between the interlocutors, in situations where the speaker is without the domain of the topic and in international contexts with a greater degree of imposition of the communicative act, confirming our general hypothesis concerning the probability of use of *us* in contexts more polished. By examining structural, social and pragmatic factors, whereas two methodological models, our research shows significant by itself to the study of the forms of the first person plural: with generic reference, since the inclusion of the speaker in generic referent acts as politeness strategy, in which the speaker approaches or if distance from the propositional content, as negotiations necessary for the balance of communication preserving the faces of the interlocutors.

**Keywords:** Indeterminacy; First person singular; Politeness; Variation.

## SUMÁRIO

<b>LISTA DE ILUSTRAÇÕES</b> .....	10
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>1 INDETERMINAÇÃO DO SUJEITO E POLIDEZ LINGUÍSTICA</b> .....	16
1.1 (In)determinação do sujeito .....	16
1.2 Polidez linguística .....	24
<b>2 VARIAÇÃO NA EXPRESSÃO DA 1ª PESSOA DO PLURAL COM REFERÊNCIA GENÉRICA NO PORTUGUÊS BRASILEIRO</b> .....	31
2.1 Traço semântico do referente .....	31
2.2 Variação nós x a gente .....	34
<b>3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b> .....	38
3.1 Sociolinguística variacionista .....	38
3.2 Dados de fala de estudantes do Atheneu Sergipense .....	40
3.3 Categorias controladas .....	46
3.3.1 Variáveis linguísticas .....	47
3.3.1.1 Definitude .....	47
3.3.1.2 Grupo referencial .....	49
3.3.1.3 Tipo gramatical do especificador .....	56
3.3.1.4 Deiticidade do especificador .....	59
3.3.1.5 Posição do especificador .....	63
3.3.1.6 Paralelismo formal .....	63
3.3.2 Variáveis sociais .....	64
3.3.2.1 Tipo de coleta .....	64
3.3.2.2 Sexo/gênero .....	64
3.3.2.3 Interação quanto ao sexo/gênero .....	65
3.3.2.4 Simetria .....	65
3.3.3 Variáveis pragmáticas .....	66
3.3.3.1 Distância social .....	66
3.3.3.2 Poder relativo .....	66
3.3.3.3 Custo de imposição do ato comunicativo .....	66
3.3.3.4 Microgrupo de amizade .....	68



3.4	Natureza da análise .....	68
<b>4</b>	<b>1ª PESSOA DO PLURAL COMO RECURSO DE INDETERMINAÇÃO: RESULTADOS E DISCUSSÃO .....</b>	<b>71</b>
4.1	Análise geral dos resultados .....	71
4.2	Funcionamento sintático-semântico da variação .....	73
4.2.1	Paralelismo formal.....	74
4.2.2	Deiticidade do especificador .....	75
4.2.3	Definitude .....	78
4.2.4	Grupo referencial.....	79
4.2.5	Grau de generalização das formas de 1ª pessoa do plural .....	82
4.3	Valor social das estratégias de indeterminação .....	82
4.3.1	Sexo/gênero .....	82
4.3.2	Tipo de coleta .....	84
4.3.3	Interação quanto ao sexo/gênero .....	84
4.4	Indeterminação do sujeito e polidez .....	85
4.4.1	Distância social.....	86
4.4.2	Poder relativo.....	86
4.4.3	Custo de imposição do ato comunicativo .....	87
4.4.4	Microgrupo de amizade .....	88
4.5	Tendências de uso de nós e a gente e a indeterminação como polidez.....	89
	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>91</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>93</b>
	<b>ANEXOS .....</b>	<b>96</b>
	<b>ANEXO A – Cartões de interação .....</b>	<b>97</b>

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1:</b> Circunstâncias que determinam a escolha da estratégia. Fonte: Brown e Levinson (2011 [1987], p. 60 e 69, tradução nossa). .....	26
<b>Figura 2:</b> Fórmula para avaliar a quantidade de trabalho de face requerida para realizar um determinado FTA. Fonte: Brown e Levinson (2011 [1987], p. 76). .....	28
<b>Figura 3:</b> Redes sociais de interações com laços fortes. ....	42
<b>Figura 4:</b> <i>Continuum</i> do tipo de assunto quanto ao custo da imposição (adaptado de Araujo, 2014). ....	43
<b>Figura 5:</b> Rede de interações .....	43
<b>Figura 6:</b> Representação das interações .....	45
<b>Gráfico 1:</b> Distribuição geral das formas de 1ª pessoa do plural com referência genérica .....	72
<b>Gráfico 2:</b> Distribuição geral das formas nós e a gente com referência genérica .....	72
<b>Quadro 1:</b> Representação das noções semânticas de impessoalidade de acordo com Siewierska (2007) .....	18
<b>Quadro 2:</b> Representação da relação entre definitude e especificidade de acordo com a proposta de Enç (1991). .....	19
<b>Quadro 3:</b> Classificação cruzada de definitude e especificidade (VON HEUSINGER; KAISER, 2003, p. 61)..	20
<b>Quadro 4:</b> Relação referencial presente na indeterminação do sujeito. ....	21
<b>Tabela 1:</b> Resultados do uso de <i>a gente</i> em função do traço semântico. ....	33
<b>Tabela 2:</b> Resultados do uso de <i>a gente</i> em função da variável sexo/gênero. ....	34
<b>Tabela 3:</b> Resultados do uso de <i>a gente</i> em função da variável paralelismo. ....	35
<b>Tabela 4:</b> Sumarização de resultados do uso de <i>a gente</i> em função de variáveis pragmáticas. ....	37
<b>Tabela 5:</b> Grupos de fatores selecionados como estatisticamente significativos em função de <i>a gente</i> .....	73
<b>Tabela 6:</b> Uso de <i>a gente</i> em função paralelismo formal .....	74
<b>Tabela 7:</b> Uso de <i>a gente</i> em função da deiticidade do especificador .....	75
<b>Tabela 8:</b> Uso de <i>a gente</i> em função da definitude .....	78
<b>Tabela 9:</b> Resultados em função do grupo referencial. ....	80
<b>Tabela 10:</b> Uso de <i>a gente</i> em função do sexo/gênero. ....	83
<b>Tabela 11:</b> Uso de <i>a gente</i> em função do tipo de coleta. ....	84
<b>Tabela 12:</b> Uso de <i>a gente</i> em função do tipo de interação quanto ao sexo/gênero .....	85
<b>Tabela 13:</b> Influência do grau de familiaridade no uso de <i>a gente</i> . ....	86
<b>Tabela 14:</b> Uso de <i>a gente</i> em função do domínio do tópico interacional .....	87
<b>Tabela 15:</b> Uso de <i>a gente</i> em função do custo de imposição do ato comunicativo .....	88
<b>Tabela 16:</b> Influência do microgrupo de amizade sobre o uso de <i>a gente</i> .....	89

## INTRODUÇÃO

O foco de análise desta dissertação incide sobre o uso da 1ª pessoa do plural com referência genérica, buscando investigar a variação entre as formas **nós** (explícito e desinencial) e **a gente** como estratégias de indeterminação do sujeito. O objetivo da pesquisa consiste em correlacionar o uso da 1ª pessoa do plural como recurso de generalização da referência a variáveis pragmáticas atreladas à expressão da polidez linguística.

A indeterminação do sujeito é um recurso linguístico utilizado em situações contextuais específicas que envolvem intenções comunicativas, ou seja, o sujeito indeterminado é uma estratégia do âmbito semântico-pragmático, visto que o falante indetermina o referente por não o conhecer ou não querer determiná-lo, buscando impedir ou atenuar eventuais conflitos durante a interação verbal. A indeterminação é um fenômeno atrelado à função semântica de especificidade (ENÇ, 1991), pois o referente indeterminado apresenta o traço [- específico], isto é, não estabelece relação com referente discursivo anteriormente estabelecido no contexto. Além de tal função semântica, a indeterminação, conforme demonstramos nesta dissertação, também estabelece relação com a polidez linguística (BROWN; LEVINSON, 2011[1987]).

As formas pronominais de primeira pessoa do plural com referência genérica envolvem o falante na ação verbal, ou seja, os pronomes **nós** e **a gente** são utilizados para fazer referência a um grupo social genérico no qual o falante se inclui. Em (1), por exemplo, a generalização da referência deve-se ao fato de o sujeito poder ser qualquer pessoa que faça parte do grupo social referido – *as pessoas de Sergipe* – inclusive o falante.

(1) F1: *na verdade aqui em Sergipe nós não temos essa*

F2: *esses recursos*

F1: *esses recursos né? a única coisa que nós temos é as vezes é o nosso conhecimento do dia-a-dia como fazer então a gente mesmo presta*

F2: *o socorro*

F1: *presta recurso socorro (Jk-Fp D FM I26)<sup>1</sup>*

A indeterminação do sujeito por meio das formas pronominais de primeira pessoa do plural também apresenta gradação na abrangência do referente, podendo apresentar diferentes graus de generalização, conforme ilustram os excertos (2) a (4). Em (2), o falante utiliza o

---

<sup>1</sup> Os dados são da amostra *Dados de fala de estudantes do Atheneu Sergipense*. A sigla identifica a interação quanto ao falante (iniciais do nome), grau de familiaridade (próximo – P; distante – D), tipo de interação quanto ao sexo/gênero (MM – masculino/masculino; MF – masculino/feminino; FF – feminino/feminino; FM – feminino/masculino), interação (número ao final).

pronome **nós**, bem como o sujeito desinencial expresso pela forma verbal **somos** para referir-se ao grupo genérico *humanidade*, expressando uma referência com maior grau de generalização, se comparado aos dados em (3) e (4). Em (3), a forma pronominal **nós** expressa uma referência genérica aos *brasileiros*, inferida a partir do contexto linguístico precedente, que expressa um sujeito indeterminado com menor abrangência, se comparado à *humanidade*, porém, com maior grau de generalização quando comparado ao referente genérico *amigos*, referenciado pela forma **a gente** em (4).

(2) F1: *assim são nós temos as nos- dife- somos iguais algumas alguns aspectos diferente em outras e ninguém tem que aceitar nada de ninguém nós temos que viver cada um a sua vida* (Jk-Fp D FM I26)

(3) [...] *uma pena dura tipo lá na da China eu não sou a favor da Indonésia porque a Indonésia fez de matar então assim mas você também tem que entender o país que você tá é o que você tá fazendo eu não não sou a favor não fui a favor da morte daquele rapaz brasileiro mas também nós precisamos entender o lado da Indonésia se lá é uma lei que se for pego usando com cocaína essas drogas assim você vai morrer você não não não use não contra bandido não faça nada que envolva cocaína porque se isso vai lhe levar a pena de morte [...]* (E06M)<sup>2</sup>

(4) F1: *você gosta muito de viajar?*

F2: *olhe eu viajo direto todo todo todo mês eu fico eu viajo pra algum lugar a última viagem que eu fiz foi pra Xingó com os meus amigos do colégio rapaz a gente saiu daqui cinco horas da manhã foi uma coisa muito boa fiz tantas coisas e antes eu já tinha viajado um tempinho antes eu fui eu viajei pra* (Pc-Mk P FF I07)

A abrangência do grupo referencial expresso pelas formas de 1ª pessoa do plural também estabelece relação com o grau de inclusão do falante na situação enunciada, pois à medida que a generalização da referência é maior, menor parece ser a noção de pertencimento do falante, há maior grau de distância da situação enunciada. Em (4), por exemplo, a noção de ser parte integrante do sujeito genérico da forma verbal *sair* apresenta-se em maior grau se comparamos com o enunciado em (3), em que a inclusão do falante na ação de *compreender* apresenta-se de maneira mais genérica.

A variação na expressão da primeira pessoa do plural tem sido amplamente estudada no português brasileiro. Os resultados gerais apontam para uma maior frequência de uso da forma **a gente**, o que, segundo Vianna e Lopes (2015), evidencia um processo de mudança em progresso. Estudos sociolinguísticos têm demonstrado que o traço referencial atua significativamente no condicionamento da variação **nós** e **a gente** na posição de sujeito na

<sup>2</sup> A sigla refere-se à identificação da entrevista. A letra inicial diz respeito ao tipo de coleta (E = entrevista sociolinguística); o número identifica a entrevista; e a letra final relaciona-se ao sexo/gênero do informante (F = feminino; M = masculino).

variedade falada no Brasil (OMENA, 1986; LOPES, 1998; SEARA, 2000; BORGES, 2004; SILVA, 2004; RAMOS; BEZERRA; ROCHA, 2009; SILVA, 2010; FRANCESCHINI, 2011; MENDONÇA, 2012, dentre outros).

Considerando que as formas de 1ª pessoa do plural apresentam graus de generalização diferentes de acordo com a abrangência do referente, conforme apontam os estudos de Milanez (1982) e Santana (2014), dentre outros, bem como com noção de inclusão do falante, assumimos a hipótese de que o uso desses recursos de indeterminação funciona como estratégia de polidez, por meio da qual o falante pode demonstrar proximidade/distância da informação dada, incluindo-se em maior ou menor grau na referência genérica. Os excertos (5) e (6), por exemplo, ilustram essa possibilidade: embora o sujeito genérico de 1ª pessoa do plural funcione como estratégia de polidez, tendo em vista que o falante generaliza a referência ao mesmo tempo que se inclui no fato verbal enunciado, os contextos apresentam graus diferentes de inclusão. Em (5), o grupo referencial *humanidade*, expresso pela forma pronominal **nós**, apresenta maior grau de generalização se comparado ao referente *alunos do Atheneu*, expresso pelo pronome **a gente** em (6); há, portanto, em (5), menor grau de inclusão do falante, pois seu pertencimento ao grupo *humanidade* se dá de maneira menos direta do que no grupo *alunos do Atheneu*. Em outras palavras, quanto menor o grau de generalização, maior a inclusão do falante na referência, por conseguinte, maior seu grau de proximidade com o fato enunciado.

(5) F2: *as redes sociais são um ... meio de comunicação que eu acho que foi ... a grande descoberta do nosso século ... que foi o século que deu mais vazão pras redes sociais ... e eu acho que é uma ... uma coisa muito boa ... é uma coisa que se a pessoa souber utilizar ela vai poder se beneficiar daquilo mas também se ela não souber utilizar ... aquilo vai servir como uma arma pra ela própria ... ou seja ... **nós** temos que ter a consciência do que **nós** fazemos em todas as áreas da nossa vida inclusive ... na internet (Pc-Fp P FM I08)*

(6) Doc: *em relação ao sistema integral de ensino pela escola sua opinião foi o que você falou... o que você acha o que deveria ser mudado aqui?*

(7) Inf: *as eu acho que aqui deveria ter a tarde cursos técnicos porque **a gente quem estuda aqui** não tem tempo de fazer um curso técnico porque só tem a noite já que **a gente** sai daqui pela tarde... então tem tudo aquilo você passa o dia todo na escola tem matérias que eu acho desnecessária tipo OCIMA OLEPO horário de estudo eu acho desnecessário esses horários ao invés deles deveriam implementar os cursos pra gente assim específicos entendeu? ajudaria muito seria bem melhor porque tem muitos dias que **a gente** não tem aula dessas matérias ou então se tem o professor não faz quase nada entendeu? então eu acho que não é produtivo (E16F)*

Segundo Brown e Levinson (2011[1987]), toda atividade verbal é contexto de polidez, que pode ser expressa em menor ou maior grau. Isso porque toda interação verbal face a face é intrinsecamente ameaçadora, já que nem sempre os interlocutores compactuam dos mesmos

interesses, ocasionando desequilíbrio entre as faces (BROWN; LEVINSON, 2011[1987]). Considerando que a linguagem é um dos meios pelos quais os papéis sociais são expressos, o sexo/gênero está atrelado à expressão da polidez, já que a relação entre gênero e linguagem está ancorada nas práticas sociais, sendo que tanto a linguagem quanto o gênero são construídos nessas práticas (ECKERT; McCONNELL-GINET, 2010 [1992]). Assumimos a hipótese de que a indeterminação do sujeito é uma estratégia de polidez, pois o uso dos recursos de indeterminação pode impedir, atenuar ou reparar eventuais ameaças à face do locutor ou interlocutor durante a interação, visto que o falante, por meio da indeterminação do referente de 1ª pessoa do plural, demonstra sua proximidade/distância do conteúdo proposicional (BROWN; LEVINSON, 2011[1987]).

Os estudos de Santos (2014) e Mendonça e Nascimento (2015) reforçam a hipótese de que os condicionamentos da variação **nós** e **a gente** como recurso de indeterminação podem estar atrelados aos valores de polidez. Para testar a hipótese, nesta dissertação, objetivamos, a partir do controle de variáveis linguísticas, sociais e pragmáticas, analisar a variação no uso da 1ª pessoa do plural como estratégia de indeterminação do sujeito, a fim de verificar os fatores estruturais e sociais, bem como os contextos pragmáticos, como distância social, poder relativo e custo da imposição, que condicionam a escolha das variantes **nós** e **a gente** com valor polido de pertencimento/distanciamento do falante em relação ao referente genérico. Para tal, utilizamos a amostra *Dados de fala de estudantes do Atheneu Sergipense* (ANDRADE; MENDONÇA; SANTANA; SOUSA; SOUZA; FREITAG, 2015), composta por vinte entrevistas sociolinguísticas e trinta e uma interações conduzidas, vinculada ao banco de dados *Falares Sergipanos* (FREITAG, 2013).<sup>3</sup>

Para encaminhamento da análise, a presente dissertação está organizada em quatro capítulos. No primeiro capítulo, **Indeterminação do sujeito e polidez linguística**, apresentamos nossa fundamentação teórica, explicitando as noções relativas à indeterminação do sujeito, referenciando trabalhos como Enç (1991); Von Heusinger e Kaiser (2003); Siewierska (2007); Jensen e Gregersen (2015) e Milanez (1982). Em seguida, discorreremos

---

<sup>3</sup> Atendendo às diretrizes norteadoras de pesquisa envolvendo humanos, normatizada e regulamentada no Brasil pela Resolução 196/96, o projeto *Falares Sergipanos* foi submetido à apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa – CEP da Universidade Federal de Sergipe, o qual está vinculado ao Sistema Nacional de Informações sobre Ética em Pesquisa – SISNEP, recebendo certificado de atendimento às diretrizes éticas de pesquisa de 0386.0.107.000-11.

sobre o modelo de polidez linguística adotado em nossa pesquisa (BROWN; LEVINSON, 2011[1987]).

No segundo capítulo, **Variação na expressão da 1ª pessoa do plural com referência genérica no português brasileiro**, fazemos uma sumarização da frequência de uso de **a gente** com referência genérica nos estudos a respeito da variação **nós** e **a gente** (Lopes (1998), Seara (2000), Borges (2004), Silva (2004), Silva (2010), Franceschini (2011) e Mendonça (2012)). Apresentamos também os resultados relativos à variável sexo/gênero nos trabalhos a respeito da variação **nós** e **a gente** (Seara (2000), Silva (2004), Brustolin (2009), Mendonça (2012) e Santos (2014)), como também em estudos a respeito das estratégias de indeterminação do sujeito (Godoy (1999) e Souza e Oliveira (2014)). Resultados em função da variável paralelismo também são apresentados, com base nos estudos de Borges (2004), Mendonça (2012), Santana (2014) e Souza e Oliveira (2014). Apresentamos, ainda, os resultados de Santos (2014) e Mendonça e Nascimento (2015) em função das variáveis pragmáticas atreladas à expressão da polidez.

No terceiro capítulo, **Procedimentos metodológicos**, apresentamos os procedimentos metodológicos adotados para desenvolvimento deste estudo. Apresentamos considerações a respeito do modelo teórico-metodológico da Sociolinguística variacionista. Expomos os procedimentos de constituição da amostra *Dados de fala de estudantes do Atheneu Sergipense*, apresentamos também uma descrição geral da comunidade de prática *Atheneu Sergipense*, bem como as variáveis controladas e a natureza da análise.

No quarto capítulo, **1ª pessoa do plural como recurso de indeterminação: resultados e discussão**, expomos a análise das formas pronominais de 1ª pessoa do plural com referência genérica. Apresentamos, ainda, os resultados em função das variáveis linguísticas, sociais e pragmáticas controladas.

Por fim, apresentamos nossas considerações finais retomando o que fora exposto em cada capítulo.

# 1 INDETERMINAÇÃO DO SUJEITO E POLIDEZ LINGUÍSTICA

A indeterminação do sujeito, expressando uma referência genérica, é utilizada comumente para reportar discursos hipotéticos ou de senso comum, exemplificar situações gerais que possam ocorrer com qualquer pessoa, podendo expressar também desejo de preservação de face. Neste capítulo, apresentamos, inicialmente, delimitações conceituais a respeito da indeterminação do sujeito (ENÇ, 1991, VON HEUSINGER; KAISER, 2003; SIEWIERSKA, 2007); em seguida, descrevemos o modelo de polidez linguística de Brown e Levinson (2011[1987]), base teórico-metodológica para nossa investigação.

## 1.1 (IN)DETERMINAÇÃO DO SUJEITO

A determinação/indeterminação é uma propriedade semântico-pragmática do sujeito, visto que todo sujeito tem um referente que pode estar determinado ou indeterminado em um dado contexto. Os sujeitos expressos por formas pronominais de 1ª pessoa do plural “podem abarcar uma variedade de referenciais, específicos e genéricos, elaborados nas negociações entre interlocutores” (SILVA, 2004, p. 80).

A propriedade da determinação/indeterminação do sujeito envolve o modo como a referência às pessoas do discurso é feita. Para Milanez (1982),

estamos, portanto, diante de um processo da língua que permite ao falante passar do universo das três pessoas especificadas e identificáveis (que consideraremos como o nível da *determinação*) a um nível de generalização, que transcende o anterior por implicar numa referência de tal forma abrangente que pode envolver *qualquer* pessoa. É o fenômeno da *indeterminação*. (MILANEZ, 1982, p. 26)

As noções de pessoa, referência e generalização são importantes para a definição da indeterminação do sujeito, visto que o sujeito indeterminado pode englobar qualquer uma das três pessoas gramatical ou as três indistintamente, abrangendo inclusive o locutor e o ouvinte, denotando uma referência genérica. Entenda-se referência como a relação estabelecida no universo comunicativo entre o sintagma nominal e o elemento por ele representado.

Seguindo o que outros estudos sobre variação na 1ª pessoa do plural no português já adotaram, também adotamos a noção de pessoa de Benveniste (2005[1974]), que se baseia em um sistema de oposições, em que a 1ª, 2ª e 3ª pessoas opõem-se por meio da correlação de pessoalidade, pois, segundo o autor, as duas primeiras pessoas – eu-tu – apresentam marca de



pessoa, enquanto a 3ª – ele – não, considerada, por isso, como não-pessoa. Em relação à forma de 1ª pessoa do plural – nós (*a gente*) – Benveniste afirma que a construção referencial do ‘nós’ inclui necessariamente o ‘eu’, porém, não se trata de “multiplicação de objetos idênticos mas de junção entre o ‘eu’ e o ‘não-eu’, seja qual for o conteúdo desse ‘não-eu’ (BENVENISTE, 2005[1974], p.256). Ainda em relação ao uso de ‘nós’ (*a gente*), Benveniste (2005[1974]) afirma que seu uso vincula uma globalidade indistinta de outras pessoas ao ‘eu’. A determinação, no contexto, da natureza do ‘não-eu’ é o que define a especificidade da forma pronominal de 1ª pessoa do plural.

Em (7), a referência da forma **a gente** apresenta o traço [+ específico], tendo em vista que é possível recuperar o ‘não-eu’ – Milena – anexado ao ‘eu’, o referente nesse caso trata-se de eu + ela. Por outro lado, em (8), o ‘não-eu’ acrescido à referência da primeira forma **a gente** destacada trata-se do grupo genérico *humanidade*, portanto, o referente apresenta o traço [- específico], pois se refere a eu + todos. No caso das duas últimas formas **a gente** destacadas em (8), de maneira semelhante à primeira, porém, com menor grau de abrangência, o ‘não-eu’ diz respeito ao grupo *pessoas do estado*, identificado pela expressão dêitica “no nosso estado”, o referente é, pois, eu + todos (todas as pessoas que fazem parte do grupo referido).

(8) Doc: *qual é a turma a sua turma?*

Inf: *terceiro A*

Doc: *terceiro A*

Inf: *turma A*

Doc: *então não é a mesma de Milena?*

Inf: *não*

Doc: *e como vocês se conheceram?*

Inf: *na verdade foi teve um projeto daqui no Museu da Gente Sergipana aí lá por um acaso **a gente** se falou (E09M)*

(9) F1: *é o que você faria para mudar alguns hábitos que prejudicam o meio ambiente?*

F2: *então é vários (hes) tem várias ações né do meio ambiente que é o uso de água não jogar é **a gente** recebe muitas informações também né isso do meio ambiente mas vai de cada pessoa vai de cada ser humano querer praticar ou não porque tipo a seca mesmo em São Paulo o problema não é nosso né isso não é aqui do nosso estado entendeu mas não é por causa que o problema não é nosso não tá acontecendo em nosso estado que **a gente** não deva também se policiar né isso? não é porque a seca é lá que **a gente** também não possa o uso de água possa diminuir entendeu porque muita gente abre a torneira e deixa lá toma banho uma hora duas horas então é a pessoa mesmo praticar entendeu não é só porque o problema não é seu que você não deva fazer jogar lixo mesmo todo mundo assim muita gente pratica isso entendeu então num (Jk-Pc D FF I29)*

Ao tratar de impessoalidade no inglês britânico, Siewierska (2007) atribui duas noções semânticas ao fenômeno: (i) ausência de agentividade humana; (ii) agentividade humana não

específica. Segundo a autora, a primeira classe de construções impessoais inclui fenômenos da natureza, sensações físicas, emoções etc. No segundo caso, há a presença de um referente humano, embora não específico. Siewierska ressalta que, nesse tipo de construção impessoal, a não especificidade é diversamente compreendida, podendo ser interpretada como referente a nenhuma pessoa, indivíduo ou grupo de indivíduo concreto; ou como implicando qualquer pessoa, qualquer um e/ou todos. Tendo em vista que a indeterminação ocorre apenas com verbos que possibilitam a subcategorização do sujeito com o traço [+ humano], o segundo tipo de interpretação semântica das construções impessoais apresentado por Siewierska está no âmbito da indeterminação, visto que apresenta os traços [+ humano] e [- específico], noções semânticas inerentes à indeterminação.

<b>Noção semântica de impessoalidade</b>	<b>[- humano]</b>	<b>[+ humano] e [- específico]</b>
	Fenômenos da natureza, sensações, emoções etc.	Nenhuma pessoa, indivíduo ou grupo de indivíduo concreto.  Qualquer pessoa, qualquer um e/ou todos.

**Quadro 1: Representação das noções semânticas de impessoalidade de acordo com Siewierska (2007)**

O fato de a indeterminação apresentar o traço inerentemente [+ humano] a diferencia do âmbito da determinação e da indefinição. Embora as noções de indeterminação e indefinição tenham em comum a imprecisão do referente, outros traços semânticos diferenciam esses fenômenos entre si. Ao contrário da indeterminação, a indefinição não se restringe a referentes humanos, podendo referir-se também a elementos não humanos. A indefinição abrange apenas as formas lexicais de 3ª pessoa (alguém, algo, tudo, nada etc.), distinguindo-se da indeterminação, conforme afirma Milanez,

se na indeterminação o conteúdo dos recursos de certo modo "transcende" essas marcas sintáticas, uma vez que é possível ao falante referir-se às três pessoas mesmo através de um item lexical de 1ª, 2ª ou 3ª pessoa, na indefinição isso não ocorre: seus recursos são, por si, insuficientes para remeter a outras pessoas que não a 3ª (MILANEZ, 1982, p. 38).

Enquanto a generalização está obrigatoriamente presente na indeterminação, na indefinição é apenas uma possibilidade. Além disso, quando ocorre na indefinição, há a presença de um aspecto quantitativo em relação a um conjunto de elementos, que pode ser expresso: em sua totalidade (todos, tudo); no seu esvaziamento (nenhum, nada); ou parcialmente (alguns, uns etc.). Enç (1991), tratando da semântica da especificidade, afirma que sintagmas indefinidos podem apresentar tanto leitura específica quanto não específica.

Porém, segundo Enç, a especificidade de alguns indefinidos é previsível (por exemplo, partitivos e quantificadores universais são necessariamente específicos), pois pressupõe a existência de um conjunto previamente estabelecido no contexto. Em outras palavras, o aspecto quantitativo presente nos partitivos e quantificadores universais viabiliza uma leitura específica, pois, ainda segundo Enç, “não há sintagmas nominais que introduzam novos referentes e quantifiquem sobre eles ao mesmo tempo” (ENÇ, 1991, p. 11)<sup>4</sup>. Assim, a generalização presente na indefinição é de natureza específica, contrapondo-se ao traço [- específico] presente na indeterminação.

De acordo com Enç (1991), os fenômenos de definitude e especificidade são claramente relacionados, pois sintagmas definidos e específicos exigem referentes previamente estabelecidos no domínio do discurso; já sintagmas indefinidos e não específicos requerem referentes não estabelecidos previamente. Porém, ainda de acordo com a autora, a natureza da ligação estabelecida entre os referentes é distinta, já que a definitude apresenta relação de identidade entre os referentes; e a especificidade estabelece relação de inclusão. Segundo Enç, todos os definidos são específicos, pois a relação de identidade pressupõe inclusão. Porém, os indefinidos podem ser específicos ou não específicos; Enç afirma que “especificidade deve ser compatível com a indefinitude” (ENÇ, 1991, p. 10).

<b>NP Definido</b>	Específico
<b>NP Indefinido</b>	Específico
	Não específico

**Quadro 2: Representação da relação entre definitude e especificidade de acordo com a proposta de Enç (1991).**

Enç (1991) considera que todos os sintagmas (NP) definidos devem necessariamente apresentar referente específico, pois a noção de identidade referencial (definidos) pressupõe inclusão (específicos). No entanto, segundo Von Heusinger e Kaiser (2003), uma classificação cruzada entre definitude e especificidade, com base em dados do espanhol, mostra a possibilidade de NPs definidos, porém, não específicos, conforme o quadro 3.

<sup>4</sup> No NP introduces new referentes and quantifies over them at the same time.

	[+ definido]	[- definido]
[+ específico]	<i>la mujer que sabe inglés</i>	<i>una mujer que sabe inglés</i>
[- específico]	<i>la mujer que sepa inglés</i>	<i>una mujer que sepa inglés</i>

**Quadro 3: Classificação cruzada de definitude e especificidade (VON HEUSINGER; KAISER, 2003, p. 61).**

No português brasileiro, quando se trata de referência genérica, a relação entre identidade (NP definido) e inclusão (NP específico) não ocorre de maneira direta como defendido por Enç (1991), uma vez que sintagmas com referentes definidos podem apresentar o traço semântico [- específico], pois, embora haja a relação de inclusão em um grupo identificado, a natureza dessa relação é genérica, conforme o exemplo em (10). O sujeito das formas verbais *viajar*, *ter* e *ser* apresenta referência definida no contexto linguístico – *participantes da igreja adventista* –, porém, o referente das formas de 1ª pessoa do plural apresenta natureza [- específica], pois, embora haja a relação de inclusão no grupo genérico *participantes da igreja adventista*, essa inclusão não ocorre de maneira especificada, uma vez que a referência expressa por **viajamos**, **temos** e **nós** pode referir-se a todos os integrantes do grupo genérico ou a apenas alguns, indistintamente.

- (10) Doc: *you acreditava faz parte de alguma religião?*  
 Inf: *faço... Adventista*  
 Doc: *e como é tipo assim vocês viajam você tem grupos de jovens?*  
 Inf: *é tem os cultos jovens os sábados a tarde culto geral sábado de manhã viajamos temos acampamento na época de carnaval acampamento de inverno e alguns retiros*  
 Doc: *e como é a sua amizade com o pessoal?*  
 Inf: *muito boa nós somos muito amigos (E04M)*

De acordo com Von Heusinger e Kaiser (2003), “a interpretação de termos específicos está ligada à uma expressão âncora, independe, portanto, do contexto linguístico direto, pois a interpretação de especificidade do termo depende da interpretação da expressão âncora” (VON HEUSINGER; KAISER, 2003, p. 48)<sup>5</sup>. A interpretação do traço de especificidade expresso pelas formas **nós** e **a gente** na função de sujeito depende do contexto, pois a identificação do referente está ancorada em outra expressão. Em (11), por exemplo, a interpretação do referente genérico expresso pela forma **a gente** depende do termo âncora “da igreja católica”, em que o

<sup>5</sup> The specific expression is linked or anchored to another expression (the anchor), and therefore its interpretation is independent of the direct linguistic context. The interpretation depends instead on the interpretation of the anchor expression.

termo destacado funciona como especificador da referência, possibilitando a inferência do grupo referencial – *adeptos do catolicismo*.

(11) Doc: *you can talk a little like this about ... what are ... the beliefs the guidelines of the Catholic Church?*

Inf: *a gente crê em Jesus né ... tipo que muito ... por exemplo os evangélicos ... eles não creem em Maria ... mas Maria existe ... como é que uma pessoa não ... foi criada ... e ... não nascer de uma mãe ... não tem essa pessoa ... até animais nascem das mães ... é uma coisa interessante ... que se você for abrir a bíblia tá tudo lá escrito ... se você tiver ... precisando de uma palavra amiga ... cê abrir a bíblia ... só é pesquisar na internet mesmo ... tem falando ... eh ... dando dicas pra umas pessoas ... se você precisar de alguma coisa só você chegar lá e procurar e vai ter lá naquele capítulo o que você quer ouvir ... aquele versículo* (E12F)

Porém, determinados contextos de uso genérico dos pronomes de 1ª pessoa do plural não apresentam termo especificador; são os casos em que há maior grau de generalização, conforme ilustrado no exemplo (12), em que o conhecimento compartilhado a respeito da natureza humana permite a identificação do referente genérico *humanidade*. Segundo Silva (2004), “o contexto pode ir além do texto falado, como, por exemplo, o conhecimento compartilhado, fatores psicológicos, atitudes do falante, complexidade do assunto abordado, entre outros aspectos, que podem ser determinantes para a interpretação referencial” (SILVA, 2004, p. 65).

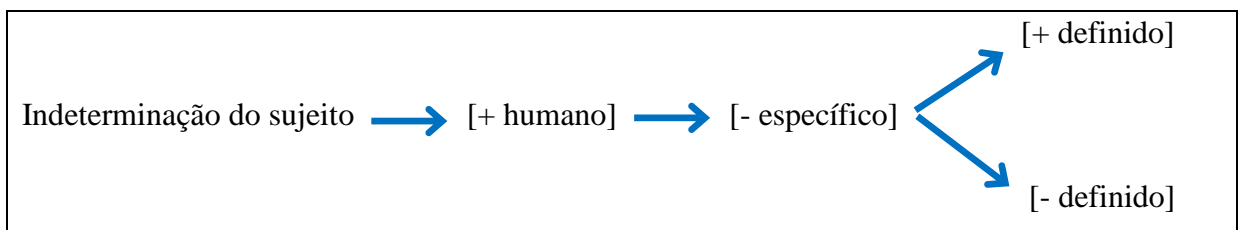
(12) F1: *o que você faria você falava mal dela uma inimiga mesmo agora se deixasse você com raiva*

F2: *eu acho que sim eu acho que quando a gente tá com raiva a gente fala até o que fala sem pensar assim direito*

F1: *hum hum*

F2: *depois a gente se arrepende o que falou* (Ln-Mr P MF I19)

Nesta dissertação, consideramos o fenômeno da indeterminação relacionado à especificidade do referente, entendendo que a referência indeterminada ocorre por meio do traço semântico [- específico], com referente [+ humano], podendo estabelecer relação [+ definida] ou [- definida] com a referência, conforme representado no quadro 4.



Quadro 4: Relação referencial presente na indeterminação do sujeito.

A indeterminação do sujeito requer referentes não vinculados a referências previamente estabelecidas no contexto, além de não apresentar noção quantificacional, como ocorre na

indefinição. A forma pronominal **nós**, destacada no exemplo (13) tem referente [- específico] e [- definido], pois não estabelece relação com referente discursivo anteriormente estabelecido no contexto, nem apresenta termo que possibilite a inferência do grupo referencial, sendo a identificação do referente feita por meio do conhecimento compartilhado de que toda a *humanidade* presencia a degradação do meio ambiente. Já em (14), o referente da forma pronominal destacada apresenta traço semântico [- específico], com especificador [+ definido], haja vista que o especificador “minha família” possibilita a inferência do referente, embora não possibilite a identificação das pessoas inseridas na ação verbal de sair aos sábados e domingos, mantendo o caráter genérico.

(13) F1: *o meio ambiente o que **nós** vemos e não é de hoje é atos que degradam o meio ambiente e também existe as pessoas que acham que esse problema não é seu... entendeu? [...]* (Dg-Fp D MM I22)

(14) F1: *e em relação à família você viaja muito com sua família? você é muito unido? pra onde vocês vão quando viajam?*

F2: *rapaz minha família **a gente** costuma sair geralmente sábado domingo assim para ir para algum lugar à praia em casa visitar os avós viaja assim pra outros lugares casa de praia nossa família assim minha família mesmo de avós não minha família mesmo pai e mãe é unida agora em questão pai avó é parentes eu não acho muito unida assim não* (Dg-Ln P MM II7)

De forma semelhante ao que propomos com a análise das formas de 1ª pessoa do plural com referência genérica, Jensen e Gregersen (2015), analisando o uso genérico do pronome dinamarquês de segunda pessoa do singular *du*, afirmam que a forma pronominal refere-se a uma pessoa generalizada quando descreve o mundo sob o ponto de vista do falante, bem como quando descreve generalizações sobre experiências que não incluem o destinatário/ouvinte. No entanto, segundo os autores, o uso de *du* genérico apresenta uma potencial interpretação de envolvimento interpessoal, pois a forma *du* com referência genérica ocorre frequentemente em atos de avaliação, em que o falante busca o estabelecimento de entendimento intersubjetivo comum. Para os autores, a forma pronominal *du*, mesmo quando utilizada com referência genérica, mantém em algum grau o sentido de segunda pessoa do singular, pois ao utilizá-la o falante busca fazer com que o destinatário compreenda a situação relatada a partir do ponto de vista da pessoa generalizada.

Como dissemos, a indeterminação do sujeito é um fenômeno atrelado às noções de pessoa, generalização e especificidade da referência. Além de tais aspectos sintático-semânticos, nosso objetivo é vincular a indeterminação do sujeito à noção pragmática de polidez linguística, visto que o falante pode utilizar a indeterminação do sujeito como forma de

demonstrar sua aproximação/distanciamento da informação dada, podendo aproximar-se ou distanciar-se do conteúdo proposicional, conforme negociações necessárias para o equilíbrio da comunicação, preservando as faces dos interlocutores.

No caso da indeterminação do sujeito por meio das formas de 1ª pessoa do plural no português brasileiro, por incluir o falante no grupo genérico referenciado, seu uso denota aproximação/distanciamento do falante com o fato enunciado, pois, embora haja uma generalização, podendo abranger as três pessoas do discurso, semelhante ao que ocorre com o pronome dinamarquês *du*, há a presença obrigatória da primeira pessoa, sendo que a inclusão do “eu” ocorre em menor ou maior grau de acordo com a abrangência referencial. Os referentes das formas de primeira pessoa do plural, destacados nos excertos (15) a (17), apresentam abrangência referencial diferentes, e, por conseguinte, grau de inclusão do falante distintos. Em (15), o falante inclui-se na referência de maneira menos direta, se comparado aos dados presentes em (16) e (17), em que a redução da abrangência referencial aproxima o falante do fato enunciado. No primeiro caso, o grupo genérico no qual o falante se inclui é *alunos do Atheneu*; já em (15), a forma **a gente** refere-se aos *alunos do terceiro ano do colégio Atheneu*, houve, portanto, uma redução na abrangência referencial; em (16), a referência genérica diz respeito aos *alunos da turma do falante*, em que o referente genérico apresenta menor abrangência, se comparado aos excertos em (15) e (16).

(15) Doc: *existe alguma diferença entre escolas que não adotam o sistema de passar o dia inteiro na escola e o Atheneu? Quais seriam as principais diferenças que você vê? Alguma vantagem ... alguma desvantagem*

Inf: *vantagem é que o aluno estuda mais ( ) aqui ... no almoço mesmo **a gente** tem vamos dizer que de onze e meia até uma hora ... **almoçamos** meio dia e meia **temos** ... meia hora pra descansar e estudar também se o aluno quiser ... pegar um livro ler ... foça mais a mente eu acho ... que isso é melhor ... e estudar só um turno não ... você chegou lá de manhã ... já tá cansado das aulas de de manhã e já quer ir pra casa almoçar ... com fome ... aqui não ... aqui você ainda ... consegue alguma coisa (E12F)*

(16) Doc: *e é? mas aí no seu caso você faz tem intimidade ... mas você entende que tem mesmo essa rivalidade entre o primeiro e o terceiro*

Inf: *isso tem*

Doc: *como você acha que eles veem vocês do terceiro ano?*

Inf: *muitas vezes até por própria experiência eles dizem que **a gente** se acha (E09M)*

(17) Doc: *particular... né? e o que você acha da estrutura do colégio Atheneu?*

Inf: *Eu acho que tá bom mas precisa de melhorias*

Doc: *que aspectos?*

*Inf: Na infraestrutura em geral que têm algumas salas que a minha sala mesmo que o ventilador não está funcionando nenhum dos dois ventiladores e **a gente** fica calor direto de sete horas até três e meia e nisso poderia melhorar um pouco* (E04M)

Para testar a hipótese levantada, em nossa análise, o grau de inclusão do falante é controlado com base na abrangência do grupo referencial, considerando todos os grupos referidos na amostra analisada, a fim de estabelecermos gradações na expressão da referência genérica de 1ª pessoa do plural. A relação entre o falante e o grupo genérico, além de possibilitar a identificação de diferentes graus de generalização, vincula-se também à expressão da polidez, haja vista que o falante pode demonstrar proximidade/distância do conteúdo proposicional, preservando as faces dos interlocutores. A fim de sistematizarmos a noção de polidez associada às formas de 1ª pessoa do plural com referência genérica, bem como sua influência no uso de **nós** e **a gente**, utilizamos o modelo de polidez de Brown e Levinson (2011[1987]), apresentado na seção 1.2.

## 1.2 POLIDEZ LINGUÍSTICA

A polidez tem características culturalmente variáveis, pois, segundo Brown e Levinson (2011[1987]), o teor da face será diferente em culturas diferentes, ou seja, atitudes ditas polidas em determinada cultura podem ter o valor contrário em contextos culturais diferentes. Mas, para os autores, o conhecimento mútuo a respeito da autoimagem pública e da necessidade de preservá-la em uma interação é universal. Segundo Brown e Levinson (2011[1987]), toda atividade verbal é contexto de polidez, podendo esta ser expressa em menor ou maior grau. Segundo Kerbrat-Orecchioni, “é impossível descrever de modo eficaz o que se passa nas trocas comunicativas sem considerar alguns princípios da polidez, na medida em que tais princípios exercem pressões muito fortes sobre a produção dos enunciados” (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006, p. 76).

A polidez linguística consiste em um meio de preservação de faces, em que o objetivo é manter uma comunicação econômica e eficaz, evitando conflitos durante a interação verbal. O modelo de polidez de Brown e Levinson (2011[1987]) pauta-se na noção de face, isto é, segundo os autores, todos os falantes têm uma autoimagem pública que desejam proteger dos possíveis danos durante a interação face a face. Na concepção dos autores, “em geral, as pessoas cooperam (e pressupõem a cooperação do outro) na manutenção da face na interação, essa



cooperação se baseia na vulnerabilidade mútua da face”<sup>6</sup> (BROWN; LEVINSON, 2011[1987], p. 61). Segundo Brown e Levinson (2011[1987]), a face pode ser positiva ou negativa, sendo que a face positiva está atrelada à noção de autoimagem do indivíduo, o desejo do ser humano de ser estimado, aprovado, admirado, aceito; já a face negativa está relacionada à autopreservação, representa o desejo de uma pessoa em não sofrer imposição, de preservar seu espaço pessoal, de ter sua liberdade de ação.

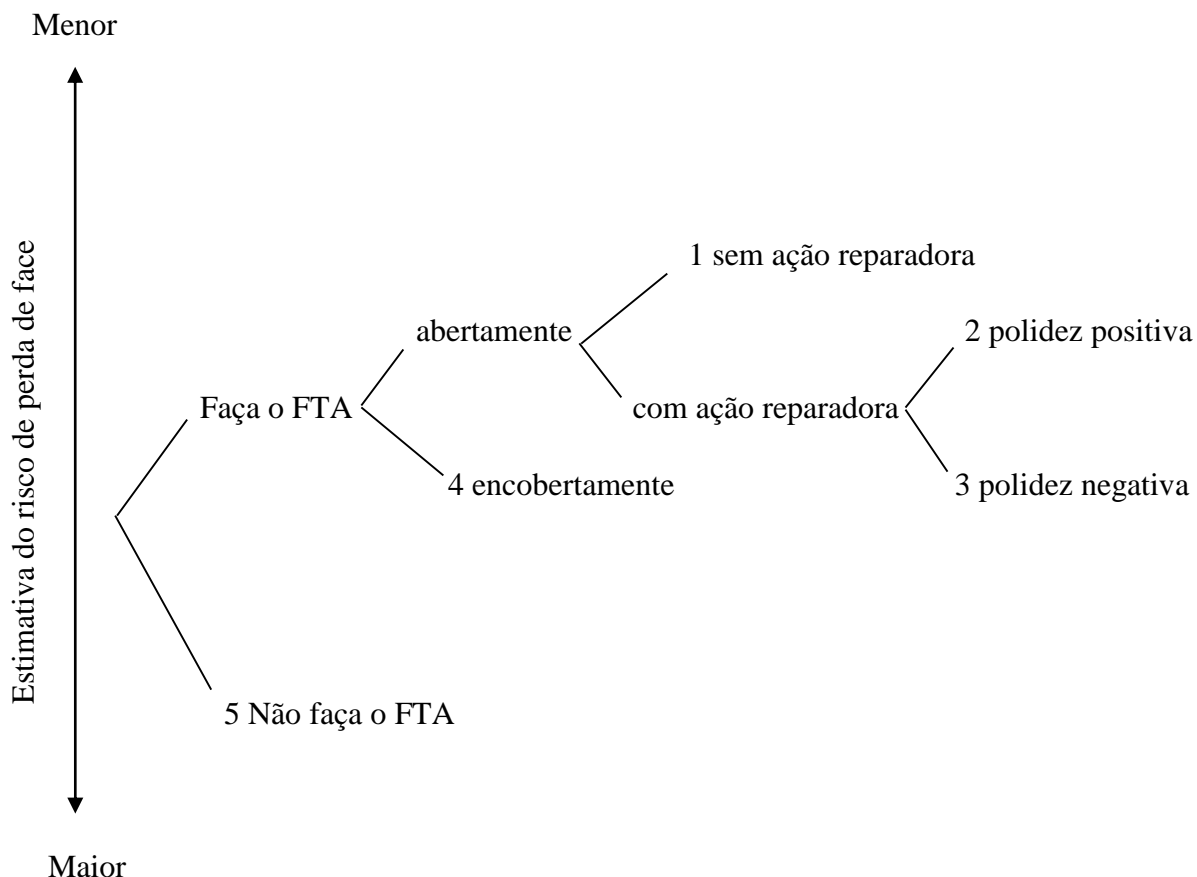
Durante a interação, tanto a face do falante quanto a do ouvinte são ameaçadas por atos, os chamados atos ameaçadores à face – FTAs, pois nem sempre existe compatibilidade de interesses entre os interagentes. Assim, as faces envolvidas na interação são, segundo Kerbrat-Orecchioni, “ao mesmo tempo e contraditoriamente, o alvo de ameaças permanentes e o objeto de um desejo de preservação” (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006, p. 80). Existem quatro categorias de atos de fala, de acordo com o tipo de face que ameaça, subdivididos em atos autoameaçadores (I e II) e atos que revelam a atitude do falante para com o ouvinte (III e IV):

- I. Atos que ameaçam a face negativa do falante;
- II. Atos que ameaçam a face positiva do falante;
- III. Atos que ameaçam a face negativa do ouvinte;
- IV. Atos que ameaçam a face positiva do ouvinte.

De acordo com Brown e Levinson (2011[1987]), o falante, durante a interação, leva em consideração três desejos: comunicar o conteúdo do FTA; ser eficiente ou urgente na comunicação e manter as faces envolvidas em qualquer grau; a polidez linguística surge como um ato linguístico que busca impedir, atenuar ou reparar eventual ameaça à face do locutor ou interlocutor. Os atos ameaçadores de faces figuram como as circunstâncias que determinam a escolha da estratégia de polidez, podendo ser positiva, negativa ou encoberta, conforme esquema proposto por Brown e Levinson (2011[1987]), reproduzido na figura 1:

---

<sup>6</sup> In general, people cooperate (and assume each other's cooperation) in maintaining face in interaction, such cooperation being based on the mutual vulnerability of face.



**Figura 1: Circunstâncias que determinam a escolha da estratégia.** Fonte: Brown e Levinson (2011 [1987], p. 60 e 69, tradução nossa).

A partir da escolha que o falante faz de realizar ou não um FTA, os autores propõem uma estimativa de risco de perda de face, em que a gradação numérica em ordem crescente indica a atenuação do risco; ou seja, quanto maior o número proposto no esquema, menor a ameaça à face. Ao optar por realizar um FTA, o falante pode fazê-lo de maneira aberta ou encoberta. Ao realizar um FTA de maneira encoberta, o falante não se compromete com a intenção do ato. Segundo os autores, “realizações linguísticas de estratégias encobertas incluem metáfora e ironia, perguntas retóricas, eufemismo, tautologias, todos os tipos de dicas sobre o que um falante quer ou meios para se comunicar, sem fazê-lo diretamente, de modo que o significado é até certo ponto negociável”<sup>7</sup> (BROWN; LEVINSON, 2011 [1987], p. 69). A realização de um FTA de forma aberta pode ocorrer com ação reparadora ou sem ação reparadora. Circunstâncias contextuais como urgência ou eficiência na comunicação; os interesses de H (ouvinte) não exigem sacrifícios de S (falante); ou o poder de S (falante) ser maior que o de H (ouvinte) podem permitir a realização de um FTA de maneira direta sem ação

<sup>7</sup> Linguistic realizations of off-record strategies include metaphor and irony, rhetorical questions, understatement, tautologies, all kinds of hints as to what a speaker wants or means to communicate, without doing so directly, so that the meaning is to some degree negotiable.

reparadora; em outras palavras, esse tipo de ato de fala ocorre quando o risco de perda da face do falante é baixo, podendo realizar um ato ameaçador à face do ouvinte sem colocar a sua própria em risco. Ao fazer um FTA de maneira aberta com ação reparadora, o falante opta por utilizar estratégias de polidez positiva ou negativa.

As estratégias de polidez positiva visam evitar ou minimizar as ameaças à face positiva do interlocutor; para tanto, o falante demonstra que o desejo do ouvinte, pelo menos em alguns aspectos, é o mesmo que o seu, reivindicando semelhanças, manifestando cooperação e demonstrando simpatia. Quando o falante deseja suavizar ou anular os efeitos da imposição de um FTA, ele demonstra preocupação com os sentimentos do interlocutor, com seu desejo de não ter seu território invadido, utilizando estratégias de polidez negativa.

A expressão da polidez relaciona-se diretamente com as relações estabelecidas no momento da interação verbal, por exemplo, as dimensões de poder e solidariedade entre os interlocutores direcionam o maior ou menor grau de polidez utilizado em uma interação face a face. De acordo com Brown e Gilman (2003 [1960]), as dimensões de *poder* e *solidariedade* são fundamentais para a análise da vida social. Segundo os autores, “poder é uma relação entre, pelo menos, duas pessoas, e isso é não-recíproco no sentido de que ambas não podem ter poder no mesmo campo de comportamento”<sup>8</sup> (BROWN; GILMAN, 2003 [1960], p. 255). Em outras palavras, a dimensão *poder* diz respeito a relações assimétricas mais específicas, estabelecidas a partir da hierarquia social, em que há diferentes bases de poder: força física, riqueza, idade, sexo, papéis institucionalizados na igreja, no Estado, no exército ou no seio da família. No entanto, segundo Brown e Gilman (2003 [1960]), nem toda diferença social entre as pessoas implica em diferença de poder. As relações também podem ser estabelecidas simetricamente, em que há o compartilhamento de opiniões e comportamentos semelhantes, configurando-se a dimensão da *solidariedade*, em que há relações gerais formadas a partir de, por exemplo, filiação política, família, religião, profissão, sexo e local de nascimento.

Segundo Brown e Levinson (2011[1987]), três fatores contextuais influenciam na escolha das estratégias de polidez: i) poder relativo – dimensão assimétrica da relação entre falante e ouvinte, refere-se ao poder que um exerce sobre o outro; ii) distância social – diz respeito à dimensão simétrica referente ao grau de familiaridade entre falante e ouvinte; e iii) grau do custo da imposição de um ato comunicativo – peso social atrelado ao ato comunicativo,

---

<sup>8</sup> Power is a relationship between at least two persons, and it is nonreciprocal in the sense that both cannot have power in the same area of behavior.

sendo cultural e situacionalmente variável. De acordo com Brown e Levinson (2011[1987]), a escolha da estratégia de polidez a ser utilizada pelo falante leva em consideração esses três fatores, conforme fórmula reproduzida na figura 2:

$$W_x = D(S, H) + P(H, S) + R_x$$

W = quantidade de trabalho de face  
 $x$  = FTA  
 D = distância social  
 S = falante  
 H = ouvinte  
 P = poder relativo  
 R = grau de imposição

**Figura 2: Fórmula para avaliar a quantidade de trabalho de face requerida para realizar um determinado FTA. Fonte: Brown e Levinson (2011 [1987], p. 76).**

A fórmula proposta pelos autores indica que a expressão da polidez linguística é calculada tendo em vista a relação social de diferença/semelhança entre falante e ouvinte, bem como o poder relativo e o custo da imposição do ato comunicativo. As considerações de Brown e Gilman (2003 [1960]) a respeito das relações assimétricas (poder) e simétricas (solidariedade) nos remete para os fatores sexo e idade, amplamente analisados nos estudos sociolinguísticos, como parte integrante da construção das relações de poder, o que os atrela, conseqüentemente, à expressão da polidez linguística. Nesse sentido, Araujo afirma que

os fatores idade, sexo/gênero, classe social, bastantes difundidos nos estudos sociolinguísticos, também interferem no modo como a polidez se manifesta. Por exemplo, em uma interação entre um jovem e um idoso a tendência é que emergam estratégias de polidez em decorrência das normas sociais que induzem seu uso como forma de deferência, em respeito aos mais velhos. Sendo assim, para o estudo da polidez, faz-se necessário considerar tanto os aspectos pragmáticos quanto os sociolinguísticos (ARAUJO, 2014, p. 28).

Conforme discutido na seção 1.1, as formas de 1ª pessoa do plural funcionam como recurso de polidez, em que a partir da abrangência referencial, o falante inclui-se em menor ou maior grau na referência genérica, demonstrando proximidade/distância do conteúdo proposicional. Em (18), a partir do senso comum de que todos têm consciência a respeito da violência, o documentador busca estabelecer um fio argumentativo para que o informante desenvolva o tópico. Em outras palavras, o objetivo do documentador parece ser não deixar margem para que o informante se exime de falar sobre o assunto, afirmando que o tema é de conhecimento geral. Nesse caso, a forma **a gente** funciona como estratégia de polidez, pois o risco à face do interlocutor, instaurado a partir da intenção comunicativa do documentador, é atenuada pela inclusão do falante na referência. Porém, tal inclusão apresenta-se de maneira

vaga, em que a abrangência do referente genérico *humanidade* confere maior distanciamento do falante do fato verbal enunciado. Já em (19), a noção de polidez está ancorada na inclusão do falante no grupo genérico *cidadãos* como responsável por cobrar atitudes das autoridades. Nesse caso, ao incluir-se na referência, o falante atenua o risco a sua face positiva, tendo em vista que enunciados desse tipo, em que há a presença de obrigação/necessidade de ação, são comumente interpretados intuitivamente como excludente da 1ª pessoa.

(18) *o que você acha que por mais que não tenha acontecido com você **a gente** sabe que acontece muito né? o que você acha que deveria mudar em relação à segurança?* (D03F – E09M)<sup>9</sup>

(19) F1: *é veja é **nós** temos que é cobrar das autoridades por conta que eu eu digo assim uma coisa o governo tem dinheiro ele num investe porque ele num quer num venha pra cá dizer que não tem dinheiro entendeu porque tem então a outra tá muitas coisas que que num né?* (Jk-Fp D FM I 26)

A indeterminação do sujeito por meio das formas de 1ª pessoa do plural funciona como estratégia de polidez à medida que inclui o falante em referentes genéricos. A inclusão do “eu” pode ocorrer em menor ou maior grau de acordo com a abrangência referencial. Questões contextuais atreladas à construção da argumentação ou relativas a conhecimento pragmático a respeito dos fatos enunciados, como vimos em (18) e (19), também contribuem para a interpretação da 1ª pessoa do plural genérica como recurso de polidez.

O modelo de polidez de Brown e Levinson (2011[1987]), a partir da postulação da fórmula para avaliar a quantidade de trabalho de face necessária durante a interação verbal, possibilita a sistematização de variáveis pragmáticas atreladas à expressão da polidez. Esse modelo foi testado por Araujo (2014) e por Santos (2014).<sup>10</sup> Araujo (2014) analisou o uso do futuro do pretérito como estratégia de polidez, e Santos (2014) investigou a influência de contextos mais polidos e menos polidos na variação **nós** e **a gente**. As autoras consideraram, em seus estudos, a distância social entre falante e ouvinte, o poder relativo e o grau de imposição de um ato comunicativo como variáveis, já que tais fatores direcionam o uso das estratégias de polidez durante a interação verbal. Visando aprimorar abordagens que consideram a interface entre polidez e fenômenos variáveis, controlamos esses fatores em nosso estudo, tendo como

<sup>9</sup> A sigla indica que o dado foi realizado por um documentador. O número identifica o pesquisador e a letra final indica o sexo/gênero (F – feminino; M – masculino). A segunda sigla indica em qual entrevista o dado foi realizado.

<sup>10</sup> Ambos os trabalhos compartilham do mesmo corpus, constituído com atenção ao controle de variáveis pragmáticas (cf. ARAUJO; SANTOS; FREITAG, 2014).

hipótese geral o maior uso de **a gente** em contextos mais polidos, conforme procedimentos metodológicos apresentados no capítulo 3.

No capítulo 2, sumarizarizamos os resultados dos estudos de Lopes (1998), Godoy (1999), Seara (2000), Borges (2004), Silva (2004), Brustolin (2009), Silva (2010), Franceschini (2011), Mendonça (2012), Santos (2014), Santana (2014), Souza e Oliveira (2014) e Mendonça e Nascimento (2015), com foco nos fatores para a seleção de hipóteses relativas às variáveis linguísticas, sociais e pragmáticas do nosso estudo.

## 2 VARIAÇÃO NA EXPRESSÃO DA 1ª PESSOA DO PLURAL COM REFERÊNCIA GENÉRICA NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Neste capítulo, fazemos, inicialmente, uma sumarização da frequência de uso de **a gente** com referência genérica em estudos a respeito da variação **nós** e **a gente** (Lopes (1998), Seara (2000), Borges (2004), Silva (2004), Silva (2010), Franceschini (2011) e Mendonça (2012))<sup>11</sup>. Em seguida, apresentamos os resultados relativos à variável sexo/gênero nos trabalhos a respeito da variação **nós** e **a gente** (Seara (2000), Silva (2004), Brustolin (2009), Mendonça (2012) e Santos (2014)), como também em estudos a respeito das estratégias de indeterminação do sujeito (Godoy (1999) e Souza e Oliveira (2014)). Resultados em função da variável paralelismo também são apresentados, com base nos estudos de Borges (2004), Mendonça (2012), Santana (2014) e Souza e Oliveira (2014). Apresentamos, ainda, os resultados de Santos (2014) e Mendonça e Nascimento (2015) em função das variáveis pragmáticas atreladas à expressão da polidez.

### 2.1 Traço semântico do referente

Estudos como Omena (1986), Lopes (1998), Seara (2000), Borges (2004), Silva (2004), Silva (2010), Franceschini (2011), Mendonça (2012), dentre outros, têm demonstrado que o traço semântico, controlado a partir da referencialidade expressa pelas formas **nós** e **a gente**, é um fator significativo para escolha das formas na variação na 1ª pessoa do plural.

O estudo pioneiro de Omena (1986), com base em dados de fala de cariocas não-cultos, evidenciou que a forma **a gente** está associada a contextos de referência a grupo grande e indeterminado, enquanto a forma **nós** é favorecida por contextos de referência a grupo grande e determinado. Lopes (1998), a partir da análise da variação **nós** e **a gente** na função de sujeito com dados do NURC (Norma Urbana Culta) do Rio de Janeiro, Salvador e Porto Alegre, constata que a multirreferencialidade (“eu-ampliado”) exerce influência no condicionamento

---

<sup>11</sup> Não se trata de uma relação exaustiva de estudos sobre **nós** e **a gente**. A variação na expressão da 1ª pessoa do plural já foi objeto de estudo de várias pesquisas no português brasileiro, como Tamine (2002), Lopes e Vianna (2003), Lopes (2004), Vianna (2006), Zilles (2007), Costa (2010), Vianna (2011), Seara (2012), Vianna e Lopes (2012), Lopes e Vianna (2013), dentre outros.

das formas pronominais de primeira pessoa do plural: a expressão **a gente** é favorecida em contextos com grau máximo de indeterminação.

A partir de análise de dados do projeto Varsul (Projeto de Variação Linguística da Região Sul do Brasil), Seara (2000), analisando o traço semântico do sujeito expresso pelas formas pronominais de primeira pessoa do plural, constata que contextos com traço [- específico] favorecem o uso de **a gente**. Porém, embora haja uma maior frequência de uso da forma **a gente** em contextos com o traço [- específico], os resultados sugerem que essa variante também se associa a sujeitos de maior especificidade semântica, em contextos [+ específicos], sugerindo que está ocorrendo um aumento de uso de **a gente** tanto em contextos [- específico] quanto [+ específico].

O estudo de Borges (2004), a partir da análise de dados de fala de duas comunidades gaúchas (Jaguarão e Pelotas), também aponta para um maior favorecimento da forma **a gente** em contextos de referência genérica. Segundo o autor, os pesos relativos altos para o emprego de **a gente** nesse tipo de contexto deve-se ao princípio da persistência, isto é, o processo de gramaticalização de **a gente** está em curso, uma vez que essa forma possui traços semânticos polissêmicos, podendo expressar referências de menor ou maior especificidade semântica. Conclusões semelhantes são apresentadas nos estudos de Silva (2010) e Franceschini (2011), em que os resultados sugerem que os contextos em que há um nível máximo de abrangência de pessoas favorecem o uso da forma **a gente**, embora, também apontem o aumento do uso de **a gente** com referente determinado.

Silva (2004), analisando a multiplicidade referencial em função de **a gente**, constata que a referência genérica não é favorecedora de uma das formas pronominais de primeira pessoa do plural; nesta amostra, **nós** e **a gente** competem de maneira estável nesse tipo de contexto referencial. Os resultados da autora também sugerem que a frequência de uso de **a gente** em contextos de maior especificidade semântica é significativa, evidenciando que a forma também se associa ao campo da determinação referencial. No mesmo sentido, os resultados de Mendonça (2012) apontam para uma estabilidade na variação **nós** e **a gente** como referente genérico.

Os estudos sociolinguísticos mostram que, por conta de sua origem de base nominal, a forma **a gente** tende a ser associada a referentes mais genéricos, enquanto a forma **nós** tende a ser associada a referentes mais específicos e definidos (OMENA, 1986, LOPES, 1998). No entanto, estudos em amostras constituídas mais recentemente, sinalizam para a perda da



distinção da abrangência (SEARA (2000), BORGES (2004), SILVA (2004), SILVA (2010), FRANCESCHINI (2011), MENDONÇA (2012)). A tabela 1 apresenta resultados para o uso de **a gente** em função da especificidade semântica do referente<sup>12</sup>.

	Referente [+ específico]			Referente [- específico]		
	Aplic./total	%	PR	Aplic./total	%	PR
<b>Seara (2000)</b>	385/553	70	0,44	140/180	78	0,68
<b>Borges – Jaguarão (2004)</b>	457/708	65	0,38	407/545	75	0,65
<b>Borges – Pelotas (2004)</b>	933/1251	75	0,44	270/291	93	0,73
<b>Silva (2004)</b>	236/508	46	0,43	168/299	56	0,58
<b>Silva (2010)</b>	55/103	53	0,41	53/70	76	0,64
<b>Franceschini (2011)</b>	609/1351	45	0,44	174/202	86	0,83
<b>Mendonça (2012)</b>	726/1068	68	0,43	253/357	71	0,54

**Tabela 1:** Resultados do uso de **a gente** em função do traço semântico.

Embora os estudos de Silva (2004) e Mendonça (2012) apontem para uma variação estável entre **nós** e **a gente** em contextos de referência genérica, os resultados sumarizados na tabela 1 sugerem que os contextos com referente [- específico] apresentam maior tendência de uso da expressão **a gente**. Considerando as pontuações decorrentes da revisão dos estudos, nossa hipótese geral é de que a forma pronominal **a gente** seja mais utilizada como recurso de indeterminação do sujeito.

Os estudos de Seara (2000), Borges (2004), Silva (2004), Silva (2010), Franceschini (2011) e Mendonça (2012) apontam que, embora os contextos de referência genérica favoreçam o uso de **a gente**, referentes de maior especificidade semântica também são expressos pela forma, evidenciando um processo de variação entre **nós** e **a gente** em contextos [+ específicos] e [- específicos], o que pode sinalizar para a tendência à perda da distinção de abrangência do referente expresso pelas formas de primeira pessoa do plural.

<sup>12</sup> Borges (2004), Silva (2004) e Mendonça (2012) controlaram outros níveis de gradação referencial das formas de primeira pessoa do plural, porém, estamos considerando na tabela 1 apenas os resultados relativos à referência genérica [- específico] e à referência [+ específica] – eu + ele, a fim de estabelecermos comparabilidade entre os estudos. Silva (2010) considerou apenas dois extremos do traço semântico do sujeito: eu + pessoa que não faz parte da enunciação e referência genérica. Seara (2000) trabalhou com a dicotomia referencial [+ específico] e [- específico]. Franceschini (2011) analisou a referencialidade do sujeito a partir da noção de referência determinada e indeterminada.

## 2.2 Variação nós x a gente

A variável sexo/gênero tem se mostrado significativa para o estudo da variação na referência à primeira pessoa do plural, apontando para um maior uso de **a gente** por mulheres; e uma preferência pelo pronome **nós** pelos homens (SEARA, 2000; SILVA, 2004; BRUSTOLIN, 2009; MENDONÇA, 2012; SANTOS, 2014, dentre outros).

Os resultados de Seara (2000), Silva (2004), Brustolin (2009), Mendonça (2012) e Santos (2014) em função da variável sexo/gênero demonstram que as mulheres apresentam maior tendência ao uso da forma **a gente**, liderando o processo de mudança linguística, em que a forma **a gente** passa a compor o quadro de pronomes pessoais, competindo com o pronome **nós**, conforme resultados apresentados na tabela 2.

	Feminino		Masculino	
	Aplic./total	PR	Aplic./total	PR
<b>Seara (2000)</b>	333/415	0,66	192/318	0,30
<b>Silva (2004)</b>	204/381	0,57	239/483	0,45
<b>Brustolin (2009)</b>	280/959	0,64	144/708	0,32
<b>Mendonça (2012)</b>	838/1045	0,60	398/700	0,35
<b>Santos (2014)</b>	1143/1259	0,63	445/656	0,29

**Tabela 2:** Resultados do uso de **a gente** em função da variável sexo/gênero.

Godoy (1999), analisando as estratégias de indeterminação na fala do interior paranaense, conclui que o fator sexo/gênero é significativo na variação entre as estratégias de indeterminação **nós** e **a gente**, evidenciando que **a gente** indeterminador do sujeito é mais utilizado pelas mulheres, com 375 ocorrências de um total de 667 dados (56%), com peso relativo de .58, em relação ao uso de **nós**, com percentual de 24% (34/142), peso de .26. Também analisando estratégias de indeterminação, Souza e Oliveira (2014) constataam que a frequência de uso da estratégia **a gente** é maior com informantes do sexo/gênero feminino, com percentual de 73% (444/604) e peso relativo de .55.

Os resultados em função da variável sexo/gênero nos estudos de Godoy (1999), Seara (2000), Silva (2004), Brustolin (2009), Mendonça (2012), Souza e Oliveira (2014) e Santos (2014) nos mostram que a análise dessa variável social em estudos a respeito da variação **nós** e **a gente** é bastante produtiva, haja vista que evidencia uma regra social relativamente estável de escolha das formas.

O estudo de Borges (2004) demonstra a relevância do controle da variável paralelismo para a análise da variação na referência à primeira pessoa do plural, uma vez que seus resultados demonstram que a forma **a gente** apresenta maior frequência de uso em contextos em que a oração anterior apresente também **a gente**, tanto com referente igual quanto com mudança de referente, demonstrando o efeito do paralelismo formal na escolha das formas variantes. No mesmo sentido, Mendonça (2012) constata a importância desse fator para a variação **nós** e **a gente**, tendo em vista que a forma **a gente** é favorecida por contextos em que a forma antecedente seja o próprio **a gente**, sendo desfavorecida em ambientes linguísticos em que o **nós** seja a forma antecedente.

Os resultados de Santana (2014) sugerem que o paralelismo formal é um fator significativo para o uso das estratégias de indeterminação, visto que o uso da forma **a gente** foi favorecido quando a forma antecedente também era **a gente**; a frequência da forma **nós** também foi significativa quando a forma antecedente era o próprio pronome. O estudo de Souza & Oliveira (2014) também demonstra a importância do fator paralelismo formal para a escolha das formas linguísticas de indeterminação, evidenciando que o recurso **a gente** é favorecido por contextos em que a forma antecedente é a própria expressão. A tabela 3 apresenta os resultados dos estudos de Borges (2004), Mendonça (2012), Santana (2014) e Souza e Oliveira (2014) em função da variável paralelismo, considerando os extremos com paralelismo e sem paralelismo.

	Com paralelismo			Sem paralelismo		
	<i>A gente</i>	...	<i>a gente</i>	<i>Nós</i>	...	<i>a gente</i>
	Aplic./total	%	PR	Aplic./total	%	PR
<b>Borges – Jaguarão (2004)</b>	423/479	88	0,73	47/264	18	0,09
<b>Borges – Pelotas (2004)</b>	639/650	98	0,88	14/273	5	0,01
<b>Mendonça (2012)</b>	576/654	88	0,71	48/153	31	0,18
<b>Santana (2014)</b>	622/674	93	0,93	15/122	13	0,12
<b>Souza e Oliveira (2014)</b>	406/540	75	0,57	58/111	52	0,31

**Tabela 3:** Resultados do uso de *a gente* em função da variável paralelismo.

Em relação à variável paralelismo formal, os estudos de Borges (2004), Mendonça (2012), Santana (2014) e Souza e Oliveira (2014) evidenciam que as formas pronominais **nós** e **a gente** tendem a ser utilizadas quando antecidas por formas idênticas; isto é, as formas **nós** e **a gente** são favorecidas por contextos com paralelismo formal, demonstrando tendência de repetição em uma sequência discursiva.

Numa perspectiva voltada à interface com a pragmática, Santos (2014) analisa a variação **nós** e **a gente** considerando o modelo de polidez de Brown e Levinson (2011[1987]). Embora a análise da autora parta das formas linguísticas, sem considerar a abrangência referencial que as variantes podem assumir, seus resultados nos apresentam caminhos para melhor compreender o funcionamento da variação entre as formas **nós** e **a gente** como recursos de indeterminação, especialmente por conta do controle de fatores pragmáticos atrelados à expressão da polidez como distância social, relações de poder e custo da imposição. A autora analisa as estratégias de polidez e a variação **nós** e **a gente** na fala de estudantes da Universidade Federal de Sergipe, considerando dois tipos de amostra: uma composta por 20 entrevistas sociolinguísticas; e outra composta por 32 interações conduzidas (ARAÚJO; SANTOS; FREITAG, 2014). O resultado geral aponta para uma frequência de uso de 83% (1588/1915) para a forma **a gente**; e 17% (327/1915) para **nós**. Em relação ao tipo de amostra, a probabilidade de uso da expressão **a gente** aumenta nas interações, com peso relativo de 0,60 (861/1031); enquanto que nas entrevistas o peso é de 0,38 (727/884). A análise das interações conduzidas também evidencia o maior uso da forma **a gente** por informantes do sexo/gênero feminino, com peso de 0,69 (655/679). Santos (2014) também controla o fator tipo de relação quanto ao sexo/gênero, em que os resultados demonstram que as relações do tipo mulher-mulher favorecem o uso da variante **a gente** na amostra de interações conduzidas, com peso de 0,67 (336/343), reforçando o resultado para a variável sexo/gênero. Em relação ao fator pragmático distância social, os resultados demonstram que a forma **a gente** é mais utilizada nas interações em que os informantes têm relações distantes, com peso relativo de 0,60 (466/524).

Mendonça e Nascimento (2015), analisando as estratégias de indeterminação na amostra *Rede Social de Informantes Universitários* (ARAÚJO; SANTOS; FREITAG, 2014), também constata a importância das relações de gênero para a compreensão das estratégias de indeterminação, evidenciando a preferência, por parte dos informantes do sexo/gênero feminino, pela forma **a gente**, com percentual de 35,4% (512/1447), contra, apenas, 0,8% (11/1447) de uso da forma **nós** pelas mulheres. Os resultados em função do tipo de interação evidenciaram que as relações do tipo feminino-feminino não utilizaram o pronome **nós** para indeterminar o sujeito. Assim como em Santos (2014), os resultados também demonstraram que a expressão **a gente** é favorecida por relações distantes, com percentual de 24,7% (363/1472), enquanto a forma **nós** apresentou frequência de 1,7% (25/1472) nesse tipo de interação. Segundo as autoras, a estratégia **a gente** inclui o falante na referência genérica, denotando maior envolvimento com o conteúdo proposicional; assim, seu uso em interações

distantes correlaciona-se a questões de preservação de face, haja vista que o informe demonstra simpatia e humildade, ao se aproximar da informação dada.

No que diz respeito ao controle de variáveis pragmáticas, os resultados de Santos (2014) demonstraram que os fatores tipo de coleta, distância social e relações de gênero, são significativos para a compreensão da variação **nós** e **a gente**, sendo a forma **a gente** favorecida nas interações, por contextos em que os interlocutores têm grau distante, e pelas relações de gênero do tipo mulher-mulher, conforme apresentado na tabela 4.

Sexo/gênero		Feminino
		<b>a gente (0,69; 655/679)</b>
Santos (2014)	Tipo de relação quanto ao sexo/gênero	Relações do tipo mulher-mulher
		<b>a gente (0,67; 336/343)</b>
	Tipo de coleta	Interações
		<b>a gente (0,60; 861/1031)</b>
Distância social		Relações distantes
		<b>a gente (0,60; 466/524)</b>

**Tabela 4: Sumarização de resultados do uso de *a gente* em função de variáveis pragmáticas.**

A partir dos resultados sumarizados nesta seção, pudemos observar que os fatores sexo/gênero, paralelismo, tipo de coleta, bem como o fator pragmático distância social são significativos para a variação **nós** e **a gente**. Consideramos tais fatores em nossa investigação a respeito da variação na expressão da 1ª pessoa do plural com referência genérica, conforme procedimentos metodológicos apresentados no capítulo 3.

### 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste estudo, analisamos a expressão da 1ª pessoa do plural com referência genérica, a fim de identificarmos variáveis linguísticas, sociais e pragmáticas que condicionam a variação entre as formas **nós** e **a gente**. A constituição da amostra para análise desse fenômeno levou em consideração duas linhas de coleta: i) comunidade de fala (estratificação homogeneizada); ii) comunidade de prática (relações sociopessoais). A amostra de estratificação homogeneizada segue o padrão estabelecido nos bancos de dados sociolinguísticos brasileiros com informantes estratificados quanto às características sociodemográficas amplas, como sexo, faixa etária e nível de escolaridade. Já a amostra de relações sociopessoais seleciona os informantes a partir da prática.

#### 3.1 SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA

Na perspectiva da Sociolinguística variacionista, a língua configura-se como um sistema heterogêneo, regido por regras variáveis, em que a variação e a mudança são processos inerentes que ocorrem sistematicamente devido a pressões de uso e a fatores internos ao próprio sistema da língua. Segundo Weinreich, Labov e Herzog (2006[1968]), o estudo da língua, especialmente da mudança linguística, deve basear-se na noção de harmonia entre a heterogeneidade e a abordagem estrutural, isto é, conceber a língua como um sistema inerentemente variável e naturalmente ordenado, organizado e estruturado a partir de regras variáveis tanto no âmbito interno ao sistema quanto em relação ao funcionamento da sociedade. O estudo da língua na perspectiva da heterogeneidade ordenada torna-se impossível sem levar em consideração os contextos socioculturais em que os falantes estão inseridos, uma vez que os fatores sociais exercem influência significativa nos processos de variação e mudança.

Segundo Labov (2008[1972]), a língua é “uma forma de comportamento social, usada por seres humanos num contexto social, comunicando suas necessidades, ideias e emoções uns aos outros.” (LABOV, 2008[1972], p. 215). O objeto de estudo da Sociolinguística é a língua em seu uso real, buscando identificar padrões sistemáticos de variação, o que permite aferir atribuição de valores aos usos da língua dentro da comunidade de fala.

A Sociolinguística variacionista, a partir de uma abordagem quantitativa, visa identificar sistematicidade na distribuição de variantes linguísticas, buscando estabelecer relações entre língua e sociedade por meio da correlação entre variáveis linguísticas e sociais (LABOV, 2008[1972]). O modelo laboviano, além de ser de base quantitativa, focaliza a análise

linguística na dimensão social da variação e mudança, pressupondo técnicas de coleta de dados, bem como estratificação e seleção de informantes. A estratificação social considera categorias sociodemográficas amplas, como escolaridade, faixa etária e sexo/gênero, facilmente aferidas, o que otimiza os estudos sociolinguísticos, pois possibilita a replicabilidade, permitindo a comparação entre diferentes variedades linguísticas. (FREITAG; MARTINS; TAVARES, 2012).

A análise variacionista pressupõe a identificação de uma variável linguística, isso é, um domínio funcional da língua em que ocorre variação. A expressão da primeira pessoa do plural com referência genérica, por exemplo, constitui-se como uma variável, pois as formas **nós** e **a gente** são variantes dessa função linguística, ou seja, as duas formas podem ser utilizadas para fazer referência à primeira pessoa do plural. O estudo da variável por meio de tratamento estatístico possibilita a identificação de regras variáveis, isto é, fatores condicionantes da variação atrelados a ambientes linguísticos, grupos sociais ou estilos de fala.

A abordagem quantitativa da análise linguística, por meio de tratamento estatístico dos dados, possibilita o estudo da variação, permitindo identificar sistematicidade nos usos de determinadas variantes, possibilitando também a inferência de tendências, apontando caminhos para uma possível mudança linguística. De acordo com Guy e Zilles (2007), a análise quantitativa pressupõe três fases: coleta de dados; redução e apresentação dos dados e interpretação e explicação dos resultados.

A fase de coleta está relacionada à constituição de amostra e a confiabilidade dos dados coletados, em que a representatividade da comunidade deve ser contemplada, bem como a replicabilidade dos procedimentos adotados, isto é, a coleta deve pressupor a possibilidade de outros estudos encontrarem os mesmos resultados, caso utilizem os mesmos procedimentos de coleta. É nessa perspectiva que as coletas de dados realizadas no Brasil se encaixam, pois o controle de fatores sociais amplos como sexo, faixa etária, idade etc. possibilita a replicabilidade dos procedimentos, bem como a comparação de resultados, conferindo confiabilidade aos estudos realizados. A redução e apresentação dos dados deve se fundamentar na clareza das informações, facilitando a identificação de tendências e padrões gerais, geralmente, são utilizados tabelas, gráficos ou mapas para demonstrar os resultados. A interpretação e explicação dos dados pressupõe o trabalho do linguista, em que a partir de seus conhecimentos teóricos, são feitas inferências e hipóteses são testadas.

### 3.2 DADOS DE FALA DE ESTUDANTES DO ATHENEU SERGIPENSE

A formação de bando de dados mais amplos que contemplem a junção das perspectivas social e estilística da variação amplia o poder explanatório da análise de fenômenos variáveis. A entrevista sociolinguística, método mais difundido no Brasil, permite traçar características de um subgrupo social, permitindo generalizar resultados para uma determinada comunidade de fala. Já estudos que focalizam o papel do indivíduo dentro das comunidades de práticas permitem observar o nível estilístico da linguagem, possibilitando a análise de fatores pragmáticos presentes no contexto imediato do ato de fala, tais como hierarquia, dinâmica das relações, personas e imagem social.

A amostra *Dados de fala de estudantes do Atheneu Sergipense*<sup>13</sup>, vinculada ao banco de dados *Falares Sergipanos* (FREITAG, 2013), toma como ponto de partida o conceito de comunidade de prática adotado por Eckert & Mcconnel-Ginet (2010[1992]), em que um grupo de pessoas compartilham um empreendimento social comum. Segundo as autoras, “modos de fazer coisas, modos de falar, crenças, valores, relações de poder – em resumo, práticas – emergem durante sua atividade conjunta em torno do empreendimento” (ECKERT & MCCONNEL-GINET, 2010, p. 102). O Colégio Estadual Atheneu Sergipense configura-se como uma comunidade de prática, pois há pessoas engajadas na construção do conhecimento, especificamente do conhecimento necessário para conseguir uma vaga no ensino superior.

O Colégio Estadual Atheneu Sergipense, localizado no Largo Graccho Cardoso, bairro São José, na zona Sul de Aracaju, Sergipe, foi considerado Centro de Excelência no ano de 2003 e nele hoje funciona um Centro de Estudos Experimentais, com a modalidade de educação integral. Com uma média de 1021 alunos cursando o Ensino Médio, a escola é considerada uma das melhores escolas públicas do estado, tendo reconhecimento social pela qualidade do ensino público, sendo procurada por estudantes que almejam o acesso ao ensino superior. Segundo informações do secretário da escola, Reginaldo Oliveira Rodrigues, o índice de aprovação em cursos superiores é de 70% a 75% do total de alunos concludentes. O colégio ficou em 1º lugar, dentre as escolas públicas estaduais, na nota do ENEM 2014 – ano de realização da coleta,

---

<sup>13</sup> A amostra foi constituída por cinco pesquisadores. Três bolsistas de Iniciação Científica (Cristiane Conceição de Santana; Thaís Regina Conceição de Andrade; Valéria Santos Sousa) e dois mestrandos (Gládisson Garcia Aragão Souza; **Josilene de Jesus Mendonça**). Com esta amostra, foram realizados estudos em diferentes níveis gramaticais (cf. FREITAG et alii, 2016; SOUZA, 2016; FREITAG; ANDRADE, a sair).



segundo dados do Inep, com média geral nas provas objetivas de 526,02 e média geral na redação de 578,60 pontos.

O Atheneu Sergipense faz parte da história do ensino público em Sergipe. Foi criado em 1870 com a finalidade de preparar os jovens para o acesso aos cursos superiores, bem como para a realização de variadas funções na sociedade. Ao longo de sua história, o colégio adquiriu prestígio no cenário da educação pública estadual.

O Atheneu Sergipense tentou manter-se fiel aos seus principais objetivos: ministrar uma instrução secundária, de caráter literário e científico, necessária e suficiente de modo a proporcionar à mocidade subsídios para matricular-se nos cursos superiores, como também para desempenhar variadas funções na sociedade (ALVES, 2005, p. 82).

O prestígio do colégio ainda se mantém no cenário educacional sergipano, conforme podemos verificar em parte de uma entrevista de uma estudante:

(20) aqui ele prepara tanto pro meu estudo quanto pra vida aqui hoje quando eu botar... aqui hoje eu tô no meu último ano... quando eu sair daqui eu vou tá pronta pra qualquer coisa que vier porque o Atheneu me fez fez isso comigo que nenhum colégio privado fez e além de me preparar pra estudar ele me dá o que eu preciso trabalhar e tudo eles me dão me dão o que eu preciso pra pra vida pro mundo é como se fosse uma... eu me senti em casa aqui [...] toda minha família estudou aqui e o sonho da minha mãe é me ver em uma faculdade pública é me ver na UFS então nenhum colégio aqui de de Aracaju prepara mais um aluno pra UFS do que o Atheneu então esse é o maior motivo de eu tá estudando aqui hoje. (E20F)

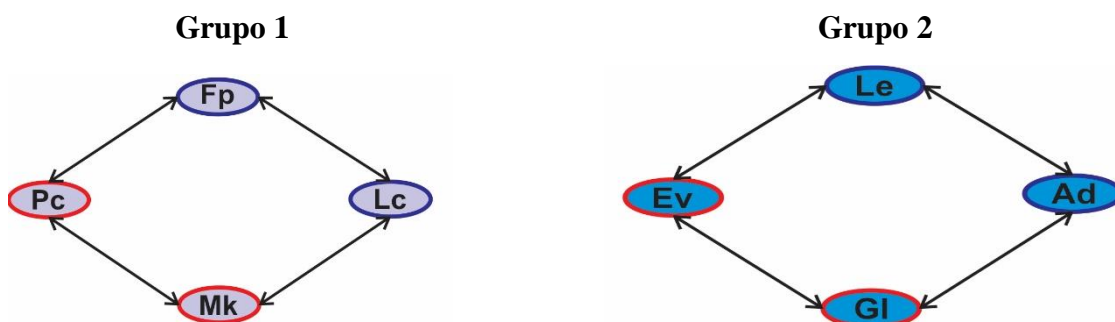
Na fala da estudante, podemos perceber que os propósitos iniciais do colégio ainda fazem parte de seus objetivos e fama atuais, como a aluna demonstra em relação à preparação para a vida, para o ingresso na universidade, bem como pelo interesse de seus pais em colocá-la no colégio. Dessa forma, a escola configura-se como um espaço de engajamento social, em que as pessoas estão unidas pelo propósito de terem/propiciarem o acesso à educação pública de qualidade, oferecendo a possibilidade de acesso ao ensino superior.

A amostra, pautada na necessidade de captar tendências amplas e, ao mesmo tempo, relações sociopessoais em uma perspectiva microetnográfica, é constituída por 20 entrevistas sociolinguísticas e 31 interações conduzidas, constituída a partir de dados de fala de 32 indivíduos, com idade entre 15 e 18 anos, todos estudantes do Ensino Médio e residentes na região da Grande Aracaju (Aracaju, Nossa Senhora do Socorro, São Cristóvão e Barra dos Coqueiros). As entrevistas, coletadas de acordo com a metodologia clássica da Sociolinguística, foram estratificadas por sexo/gênero; e os informantes selecionados de maneira aleatória, de acordo com a disponibilidade e interesse em participar. Os informantes para participarem das interações foram selecionados, a partir da observação da comunidade, por meio do critério de

identidade de grupos. De acordo com Battisti (2014), a identidade do sujeito é negociada a partir das experiências em diferentes grupos sociais; além de, na perspectiva das práticas sociais, a identidade caracterizar-se por ser vivida, negociada, social, processo de aprendizagem, nexos e local-global.

A partir da observação da comunidade de prática, notamos que os pequenos grupos identitários se organizam de acordo com a série escolar, primeiro, segundo e terceiro anos, sendo que a identidade do terceiro ano exerce liderança na constituição da identidade geral da comunidade de prática, demonstrada inclusive na cor diferenciada do fardamento escolar. Notamos, ainda, que o segundo ano se opõe ao prestígio do terceiro ano, demonstrando rivalidade, enquanto o primeiro ano, ainda se inserindo na dinâmica da escola, não tem uma identidade firmada em relação ao terceiro ano, pois se encontra em adaptação às identidades grupais já constituídas na dinâmica da comunidade de prática. Selecionamos dois microgrupos para realizarem as interações, um do segundo ano (2º D – grupo 1) e outro do terceiro (3º B – grupo 2), seguindo procedimentos metodológicos similares ao de Araujo; Santos; Freitag (2014), os dois microgrupos foram formados com quatro pessoas cada, estratificados por sexo/gênero.

Na primeira etapa da gravação das interações, foram realizadas interações entre informantes do mesmo grupo, ou seja, interações entre pessoas com grau de relação próximo, conforme metodologia adotada na constituição da amostra *Rede Social de Informantes Universitários de Itabaiana/SE* (ARAÚJO; SANTOS; FREITAG, 2014), sendo realizadas 16 interações, oito em cada microgrupo, formando duas redes sociais fechadas, com interações pré-definidas.

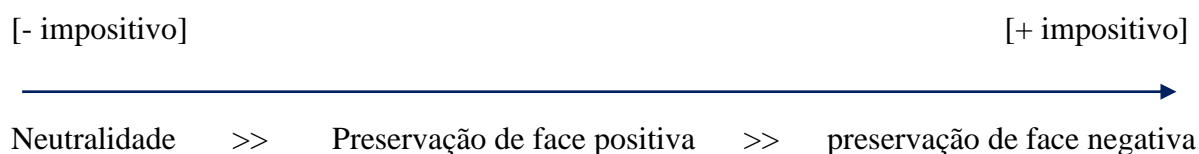


**Figura 3: Redes sociais de interações com laços fortes.**

As interações ocorrem entre dois informantes e são direcionadas por meio de cartões contendo diversas situações que conduzem a comunicação, daí o nome interações conduzidas<sup>14</sup>.

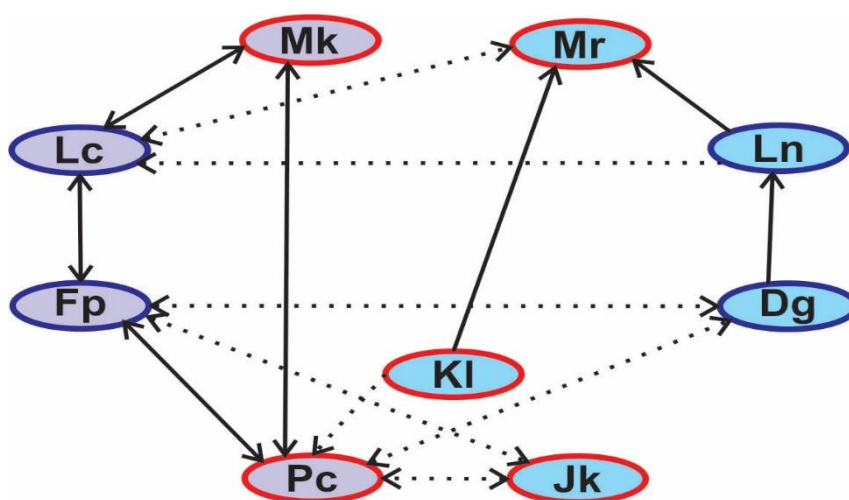
<sup>14</sup> Os cartões utilizados para direcionar as interações estão reproduzidos no anexo A.

Nessa primeira etapa, as interações foram realizadas com informantes do mesmo grupo, ou seja, com laços fortes de amizade. A fim de controlar o poder relativo e as relações de gênero entre os informantes, cada pessoa interagiu com um homem e uma mulher do seu próprio círculo de amizade, duas vezes com cada, alterando o controle do tópico comunicativo. O custo da imposição é controlado por meio dos temas presentes nos cartões, em que as situações apresentadas vão da aparente neutralidade a temas que propiciam a preservação de face negativa, em um *continuum* do [- impositivo] ao [+ impositivo].



**Figura 4:** *Continuum* do tipo de assunto quanto ao custo da imposição (adaptado de Araujo, 2014).

A segunda etapa das interações consistiu em interações entre informantes dos dois grupos, isto é, interações entre pessoas com grau de relação distante. Porém, a rivalidade de identidades entre os microgrupos fez com que o grupo do terceiro ano (3º B) desistisse de realizar a segunda etapa das gravações. Para dar continuidade à pesquisa, selecionamos outro microgrupo do terceiro ano (3º A – grupo 3) para realizar as interações com o grupo do segundo ano. Com o novo microgrupo formado, foram realizadas 12 interações entre informantes com grau de relação distante; foram gravadas também 3 interações entre os informantes do novo microgrupo constituído, totalizando 31 interações. As interações realizadas entre os informantes do grupo 1; as interações entre o grupo 1 e o grupo 3; e as interações entre os informantes do grupo 3 estão representadas na rede de interações abaixo.

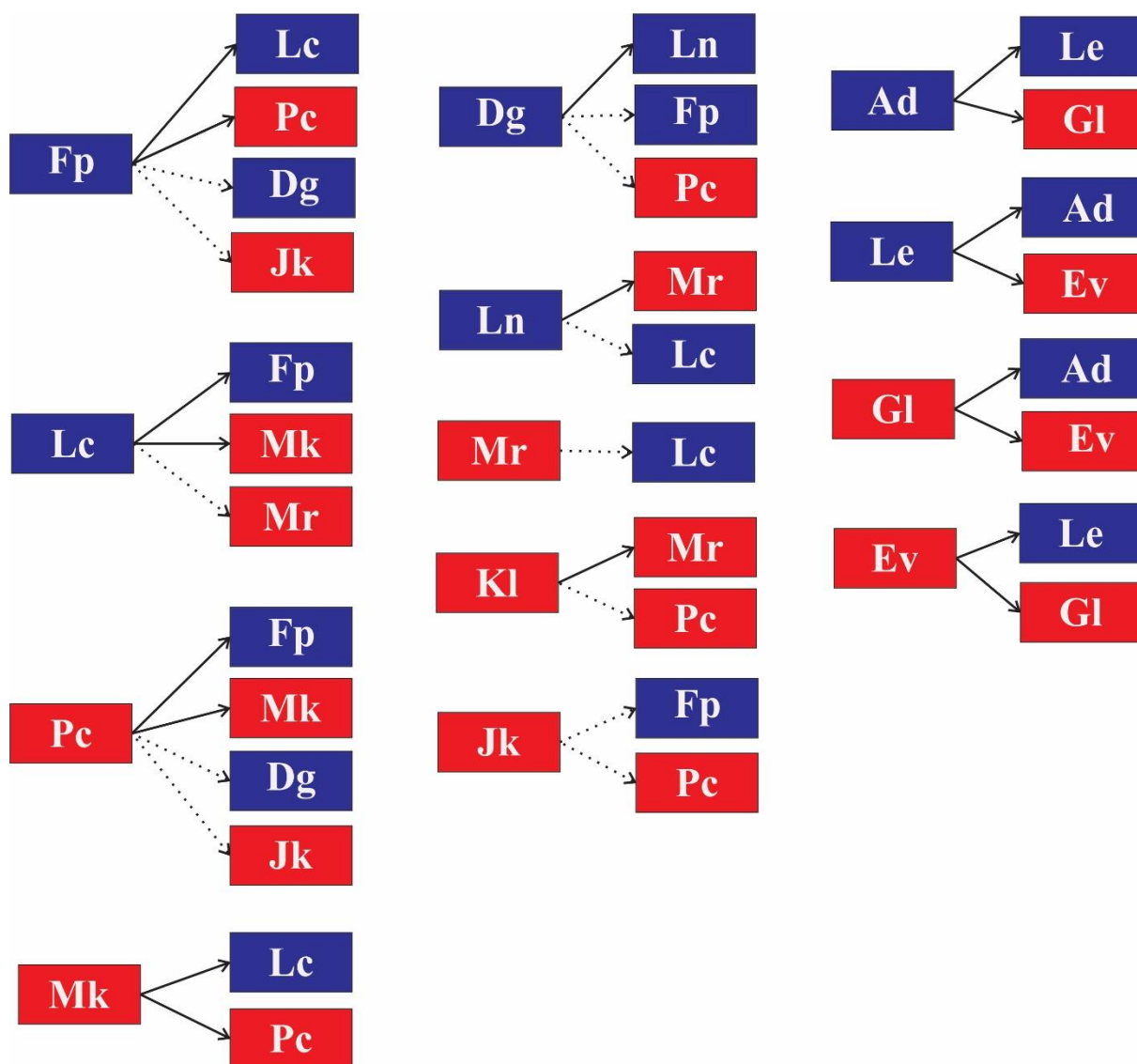


**Figura 5:** Rede de interações

A rede de interações representada na figura 5 é composta por 23 interações. Das 31 interações gravadas na comunidade de prática, apenas as 8 interações realizadas com o grupo 2 – desistente – não consta nessa rede. As linhas contínuas indicam que os informantes têm laços fortes de amizade, ou seja, são do mesmo grupo; as linhas tracejadas indicam que a interação foi realizada entre informantes de grupos diferentes, com laços fracos de proximidade. A cor vermelha indica que são informantes do sexo/gênero feminino e a cor azul, informantes do sexo/gênero masculino. A informante K1 realizou apenas duas interações, desistindo de participar da pesquisa; foi substituída pela informante Jk que também faz parte do microgrupo 3. Essa configuração de coleta tem por objetivo captar nuances de polidez, controlando distância social, relações de poder, relações simétricas e assimétricas de sexo/gênero, bem como o custo da imposição, controlado por meio dos temas presentes nos cartões. Além disso, essa proposta metodológica de coleta evita o *efeito gatilho*<sup>15</sup>, presente nas entrevistas sociolinguísticas tradicionais. A figura 6, a seguir, ilustra as 31 interações realizadas, demonstrando as relações estabelecidas entre cada informante (laços fortes de amizade – linha contínua, laços fracos – linha tracejada) e com quem cada um interagiu (azul para masculino e vermelho para feminino).

---

<sup>15</sup> O efeito gatilho ocorre por meio do paralelismo linguístico, em que a forma linguística utilizada pelo entrevistador pode influenciar a fala do informante, “engatilhando” a ocorrência de formas em cadeia.



**Figura 6: Representação das interações**

A constituição da amostra *Dados de fala de estudantes do Atheneu Sergipense* demonstrou que o trabalho com relações sociopessoais requer mais tempo, organização e informantes dispostos a colaborar, sendo que nem sempre os resultados obtidos serão os esperados, haja vista a interferência de diferentes fatores, por exemplo, a desistência dos informantes. No entanto, as 31 interações gravadas, embora não tenham seguido o modelo inicialmente proposto, possibilita a análise de variáveis sócio-pragmáticas, inclusive, a influência de identidades de grupo na constituição de amostras microetnográficas, possibilitando a análise da relação entre os falantes e implicações na dinâmica linguística. Além disso, possibilita a comparação com dados extraídos das 20 entrevistas sociolinguísticas coletadas, permitindo comparar tendências amplas da comunidade de prática estudada com as relações de poder existente entre os informantes.

### 3.3 CATEGORIAS CONTROLADAS

Para procedermos à análise da variação na expressão da 1ª pessoa do plural com referência genérica, a fim de correlacionar a indeterminação do sujeito expressa pelas variantes **nós** (explícita e implícita) e **a gente**<sup>16</sup> à gradação da referência e à expressão da polidez linguística, controlamos variáveis linguísticas, sociais e pragmáticas, na amostra *Dados de fala de estudantes do Atheneu Sergipense*, composta por 20 entrevistas sociolinguísticas e 31 interações conduzidas, conforme explicitado na seção 3.2. A variável dependente desse estudo, referência à 1ª pessoa do plural genérica, pode ser realizada pelas variantes **nós** (explícito ou implícito) ou **a gente**, conforme exemplos em (19) e (20).

(21) Doc: *como são tipo os costumes de vocês?*

Inf: ***nós** guardamos o sábado começado desde a sexta as cinco e meia até o sábado as cinco e meia da tarde nesse período não pratica as coisas que **fazemos** no dia-a-dia... é aquele dia que **dedicamos** a comunhão com Deus*

DOC: *vocês não fazem o quê?*

Inf: *não **assistimos** assim conversar pelo celular porque é necessário ... não **assistimos** não **acessamos** muita coisa do dia-a-dia que **nós** não fazemos (E04M)*

(22) Doc: *é qual a sua opinião em relação a metodologia adotada pelos professores aqui?*

Inf: *eu acho que a metodologia é extremamente legal porque tem não é apenas aquelas aulas na sala de aula tem questão de vídeos acho ()interessante entre o professor e o aluno eles levam a gente para outros lugares e **visitamos** esse ano no ano de dois mil e quatorze **fomos** na a UFS no caso lá **praticamos** várias oficinas eu acho que isso realmente ajuda na **a gente** descobrir o que **a gente** realmente quer ser ajuda de alguma forma já que tem muitas falhas acho que as falhas elas são justificadas por outros meios (E16F)*

Com base nos resultados dos estudos de Lopes (1998), Seara (2000), Borges (2004), Silva (2010) e Franceschini (2011), em que o controle do fator multirreferencialidade

<sup>16</sup> Optamos por trabalhar apenas com as formas explícitas de **a gente**, haja vista que essa expressão concorda com a forma verbal não-marcada de terceira pessoa do singular. Embora seja possível a retomada da forma **a gente** por meio do verbo na terceira pessoa do singular dentro de uma sequência discursiva, essa forma verbal também pode estar atrelada a outras formas de indeterminação como *you* ou ao próprio pronome **nós** sem a marca de concordância verbal, ou, ainda, configurar como uma estratégia de indeterminação independente, em concorrência com a forma prescritiva (Verbo na terceira pessoa do singular + se). A interpretação da forma verbal **vai** como referente à expressão **a gente**, no exemplo seguinte, por exemplo, estaria ancorada em uma regra normativa de concordância verbal, regra essa passível de ser “quebrada” na modalidade falada da língua: (i) F1: *you presenciou também essa questão da violência verbal é dela com contra o seu irmão mas também uma das coisas que **nós** temos visto aqui próximo ao Atheneu ao Atheneu é que esse período de saía muito saía muito aluno é esse esse momento que **a gente** sai do colégio e vai pra o ponto **nós** temos presenciado a ação de marginais que vem roubando que vem agredindo as pessoas que vem fazendo arrastão um dia desses alguns colegas passaram por uma situação traumática de serem assaltados e agredidos por criminosos aqui perto o que que você acha assim dessa violência que tem sido alarmante que aqui na redondeza do colégio?* (Fp-Dg D MM I20). Nesse exemplo, a forma de terceira pessoa do singular *vai* também pode estar relacionada ao pronome **nós**, pois as formas **nós** e **a gente** são utilizadas como variantes intercambiáveis dentro desse contexto.

demostrou que a forma **a gente** é favorecida em contextos genéricos, acreditamos que esta forma será mais utilizada como recurso de indeterminação do sujeito.

Tendo em vista a complementariedade dos dois tipos de coleta de dados, propiciando análises de fenômenos semântico-pragmáticos de maneira mais ampla, as variáveis linguísticas e sociais serão controladas nos dois tipos de coleta; e as variáveis pragmáticas apenas nas interações conduzidas.

### 3.3.1 Variáveis linguísticas

#### 3.3.1.1 Definitude

A noção de definitude refere-se à relação de identidade, em que os sintagmas atendem à condição de familiaridade (sintagmas definidos) ou à condição de novidade (sintagmas indefinidos). Os sintagmas definidos identificam referentes previamente introduzidos no discurso. Por outro lado, os sintagmas indefinidos constroem referentes que não estavam anteriormente no domínio discursivo. Tais noções são relevantes para a análise da gradação de especificidade, pois a definitude do sintagma é um dos fatores de constituição de sua especificidade (ENÇ, 1991). Em nosso estudo, consideramos a definitude como um traço sintático-semântico, depreendido por dois fatores:

- ✓ [+ definido]: embora a forma pronominal de 1ª pessoa do plural apresente referência genérica, o referente pode ser inferido a partir de um item lexical expresso. Em (23), por exemplo, a introdução do tópico – uso de celular na sala de aula – atrelada ao especificador “aqui no Atheneu” nos permite inferir o grupo referencial (*alunos do Atheneu*) ao qual a forma **a gente** faz referência. De forma semelhante, no excerto (24), o pronome **nós** refere-se de maneira [+ definida] aos *brasileiros*, haja vista a presença do especificador “o Brasil”.

- (23) F1: *hum aqui no colégio ATHENEU você pode perceber que muita gente usa celular*  
 F2: *isso*  
 F1: *dentro da sala de aula em todos os lugares quê que você acha disso?*  
 [...]
   
 F1: *então você acha que o aparelho usando em hora certas não atrapalha?*  
 F2: *não atrapalha usando regularmente em hora certa não atrapalha mas assim essas horas certas você pode dizer como dá um exemplo como nós aqui no ATHENEU né no colégio **a gente** tem horários de intervalo eu creio que a melhor hora é nos horários de intervalo a pessoa tá se conectando [...]* (Lc-Fp P MM I03)

(24) F1: *hum é a prioridade do governo você acha que que a educação ela deve ser uma prioridade do governo ou no nos tempos atuais porque **nós** vemos que a o Brasil ele investe muito no investiu muito nos é estádio de futebol investe em petróleo investe numa série de coisas e a educação ela tem sido?*

F2: *deixado de lado (Fp-Dg D MM I20)*

- ✓ [- definido]: o referente das formas pronominais não apresenta especificador expresso. Há alto grau de generalização, em que os atos verbais enunciados são atribuídos à humanidade ou a um grupo referencial não inferível a partir do contexto linguístico. Em (25) e (26), o referente das formas pronominais de 1ª pessoa do plural apresenta-se de maneira [- definida]. No primeiro caso, podemos atribuir a referência à *humanidade*, trata-se de um contexto genérico, em que a ação verbal *ver* é conferida a todos e/ou qualquer ser humano. Já em (27), o material linguístico não é suficiente para identificarmos o referente da forma **a gente**, não sendo possível também atribuí-la à *humanidade*, já que há a presença de um especificador local “aqui”. A referência [- definida] pode ocorrer também em casos em que o especificador é indefinido, como em (27).

(25) F1: *[...] o que você acha sobre o sistema de cotas?*

F2: *[...] na verdade eu acho que só quem tinha que ter cotas mesmo era os negros por conta do do histórico que eles têm de toda a história dos negros*

F1: *dos negros*

F2: *eles têm um assim um histórico um passado muito ruim*

F1: *sofrido*

F2: *ou seja muito sofrido não tiveram tanta e hoje **nós** vemos que ainda eles sofrem muito por conta disso então eu acho que só quem deveria ter esse sistema de cotas*

F1: *seria os negros*

F2: *é seria os negros (Jk-Fp D FM I26)*

(26) Doc: *você mantém relações também... porque você estuda no terceiro /A/ mas você tem contato com o terceiro /B/ segundo ano segundos anos e os primeiros anos?*

Inf: *sim sim tenho principalmente com os primeiros anos conheço muita gente*

Doc: *e porque? você acha que os alunos dos primeiros anos são mais receptivos ou*

Inf: *sim porque as vezes assim pessoas do segundo ano terceiro () já conhece tudo aí a pessoa afim de fazer novas amizades*

Doc: *aqui a gente vê e como em todos os colégios tem meio uma rivalidade entre os anos você enxerga isso daqui?*

Inf: *bastante (E09M)*

(27) F1: *o que você acha sobre o sistema de cotas da UFS você acha que é legal não é traz conflito ()?*

F2: *legal é ((RISOS)) só que assim eu acho que daí parte uma desigualdade social porque assim disse que as cotas por (hes) por pessoas que atuam em colégios públicos né isso [...] e ainda mais pros negros é diferente né porque tem outra outro sistema aí pros negros e outra também desigualdade como é que quer quer o preconceito quer acabar se ali pros negros é diferente então tem porque **nós todos** somos iguais só muda a cor a(hes) algumas coisas mas todos nós somos iguais se*



*um teve a condição de passar ali de conseguir a outra pessoa tem a mesma então não deveria ter essa desigualdade pra uma pes(hes) um grupo aqui é assim pra outro grupo aqui é assim não deveria ser todos iguais (Jk-Pc D FF I29)*

Nossa hipótese é de que os contextos [+ definidos] favoreçam o uso das formas de 1ª pessoa do plural com referência genérica, pois, conforme discutimos no capítulo 1, a interpretação da referência das formas pronominais depende, com exceção dos casos em que a interpretação é feita a partir de conhecimento pragmático, de uma expressão âncora. Baseado em nossa hipótese geral de que **a gente** seja mais utilizada como recurso de indeterminação do sujeito, considerando também nossa hipótese a respeito da definitude, isto é, que contextos com referência [+ definida] apresentem maior frequência de formas de 1ª pessoa do plural genérica e tendo em vista a tendência ao aumento do uso de **a gente** em contextos de maior especificidade semântica, conforme apontam os estudos de Seara (2000), Borges (2004), Silva (2004), Silva (2010), Franceschini (2011) e Mendonça (2012), acreditamos que a forma **a gente** apresentará maior frequência de uso nos contextos [+ definidos].

### 3.3.1.2 Grupo referencial

O controle dessa variável identifica supercategorias semânticas, buscando estabelecer graus de indeterminação a partir da abrangência dos grupos referenciais. A análise da *amostra* nos permitiu categorizar 24 grupos referenciais distintos. Com exceção dos grupos humanidade e ambíguo, o grupo referencial é inferido por meio de material linguístico expresso no contexto. O grupo referencial *humanidade* apresenta maior grau de generalização, em que a situação relatada é de conhecimento geral, comum ou hipotética, como em (28). Esse grupo referencial pode ocorrer também com a presença de especificador indefinido de natureza quantificacional, por exemplo (27) e (29), e com especificador definido, como em (30). O grupo *ambíguo* engloba os casos em que o referente das formas de 1ª pessoa do plural não pode ser inferido a partir do material linguístico. Em (54), por exemplo, embora a referência possa ser definida na mente do falante, o contexto linguístico não é suficiente para inferirmos o grupo referencial.

✓ Humanidade:

(28) Doc: *é o que você acha que aumenta a criminalidade?*

Inf: *ah fatores como falta de (hes) falta de educação educação em si falta de escolaridade é a falta de estrutura familiar sabe muitos jovens não tem estrutura familiar adequada e acaba se jogando nesse mundo sabe da criminalidade não tem a mente acaba sendo enfraquecida vamos dizer assim o mundo das drogas também as drogas levam por que muitos jovens acabam roubando pra poder matar seu vício*

*drogas levam muitos jovens <<presse>> mundo da criminalidade e outros até e outros até entram nesse mundo mas por questões de querer porque **a gente** não pode vitimizar o bandido não não pode também tem pessoas que (hes) de classe média alta que entram pro mundo do crime porque? porque acham que lá a vida é mais fácil vai se divertir sabe? eu acho que são ns fatores (E15F)*

(29) F1: *é o que você faria para mudar alguns hábitos que prejudicam o meio ambiente?*

F2: *então é vários (hes) tem várias ações né do meio ambiente que é o uso de água não jogar é **a gente** recebe muitas informações também né isso do meio ambiente mas vai de cada pessoa vai de cada ser humano querer praticar ou não porque tipo a seca mesmo em São Paulo o problema não é nosso né isso [...]* (Jk-Pc D FF I29)

(30) F1: *e a questão da família unida e feliz vamos dizer assim você*

F2: *a família unida e feliz é veja vem dos princípios que **a gente** carrega dos princípios que o ser humano carrega que é construir um futuro então quando ele constrói um futuro ele é quer que mostre que o futuro dele seja próspero seja abençoado tudo de certo então é é quer que seja feliz a pessoa quer que a família seja unida então acho que isso é o desejo de cada pessoa de todos eu creio que isso seja um desejo coletivo ser feliz* (Lc-Fp P MM I03)

✓ Mulheres:

(31) F2: *não ... mas tem pessoas que são estressadas e quanto tão de TPM são mais estressadas ainda e parece que é o ... cão ... assim ... antigamente a mulher se irritava ... ah sai daí doida ... hoje em dia não é culpa da TPM sempre ... ah é claro ... eu não entendo porque*

F1: *[ já sofreu bullying?*

F2: *não ... calma ... calma agora que eu quero fa- calma ... por que vocês ficam tensas? ... eu não entendo*

F1: *porque ... a gente ... não é que a gente ... é porque ... tipo ... a menstruação tá perto de vim ... **a gente** não percebe ... mas o nosso corpo percebe ... o nosso a nossa mama fica ... mais dura ... **a gente** tem uma ... colicazinha no pé da barriga ... ou então (dá dor) nas costas ... essas coisas entendeu? e isso irrita ... a gente ... **a gente** não gosta que ninguém toque na gente ... fica aquele ... sabe? ... e pronto ... **a gente** ... fica agressiva ... não quer que ninguém chegue perto ... não gosta de conversar ... aí pronto ... aí depois de um tempo* (Mk-Lc P FM I02)

✓ Homens:

(32) F1: *é tem que sair também... é ((PIGARRO)) é você aqui comenta com os seus amigos sobre a vida alheia?*

F2: *fofoca*

F1: *é*

F2: *rapaz comentar comenta mas num é muito forte porque eu acho que se for mulher a questão é maior mas como é homem **a gente** fala mais num fica comentando comentando* (Ln-Lc D MM I21)

✓ Brasileiros:

(33) Doc: *e em relação a educação assim no geral no Brasil no estado o que você acha assim da educação como a educação daqui?*

Inf: *do Brasil e do estado?*

Doc: *é do estado e pode levar assim pra o geral mesmo ... Brasil*

Inf: *olhe eu acho que devi melhorar né por que **a gente** paga impostos tão caros*

Doc: *ai demais (E17F)*

(34) F1: *então Priscila ... eu quero saber a sua opinião o que você acha sobre ... vamos dizer ... homens que ... impedem a sua mulher sua esposa ingressar no mercado de trabalho pra trabalhar ... em vez disso ela ir para casa cuidar da casa ... e também o que você acha sobre a par- sobre em relação a esses homens que ... agredem fisicamente suas mulheres ... se existe uma fiscalização sobre elas ... sobre esses ratos ... que o que **nós** vimos só foram a ... a criação agora da lei da maria da penha ... mas cê acha que tá pouco ... o que você acha sobre esse crime? (Dg-Pc D MF I24)*

✓ Nordestinos:

(35) Inf: *geralmente tem palavras também que eles nem conhece daqui do Nordeste é assim também como **a gente** as vezes não conhece que ela chama por outro nome mas sempre mas sempre tem até aqui mesmo no próprio Nordeste tem a diferença em alguns estados (E14F)*

✓ Paulistas:

(36) Inf: *assim que o povo fala meio... arrastado aquele negócio né? um negócio meio sertão mesmo... eu achava assim vixe meu Deus povo do sertão olhe assim porque lá em São Paulo **a gente** tem uma ideia que tudo aqui é ... é mato que aqui o povo mora assim nas montanhas ((risos)) que o povo mora nas cavernas aí quando eu cheguei aqui primeiro eu tinha essa essa cisma, né? [...] (E08M)*

✓ Sergipanos:

(37) F1: *A degradação do meio ambiente é crescente embora todos saibam que esse problema é de todos e que é necessário mudar alguns hábitos que prejudicam o meio ambiente muitos têm se comportado como se o problema não fosse seu tipo assim você é... tão desmatando água de São Paulo tá acabando essas coisas e as pessoas aqui só porque não tá lá em São Paulo aqui num toma banho [se interessa ] não desliga o chuveiro a como se o problema fosse lá*

F2: *eu acho assim que tipo se começou lá em São Paulo também pode chegar até aqui porque ()e eles também vão querer ir buscar água aqui em ()todo mundo tem que se conscientizar que não é só lá que pode faltar e aqui também((ruídos)) então acho que todos tem se é... conscientizar que não é só em São Paulo que aconteceu esse problema da água que pode acontecer aqui também e **a gente** ficar sem água ((ruídos)) (Mk-Pc P FF I01)*

✓ Igreja:

(38) Doc: *você pode falar um pouco assim sobre ... quais são as ... as crenças as diretrizes da igreja católica?*

Inf: **a gente** crê em Jesus né ... tipo que muito ... por exemplo os evangélicos ... eles não creem em Maria ... mas Maria existe ... como é que uma pessoa não ... foi criada ... e ... não nascer de uma mãe ... não tem essa pessoa ... até animais nascem das mães ... é uma coisa interessante ... que se você for abrir a bíblia tá tudo lá escrito ... se você tiver ... precisando de uma palavra amiga ... cê abrir a bíblia ... só é pesquisar na internet mesmo ... tem falando ... eh ... dando dicas pra umas pessoas ... se você precisar de alguma coisa só você chegar lá e procurar e vai ter lá naquele capítulo o que você quer ouvir ... aquele versículo (E12F)

✓ Alunos:

(39) F1: certo e em relação ao uso do celular nas escolas principalmente durante as aulas atualmente nós vimos aulas sendo interrompidas por causa de alunos que usam o celular na sala e realmente isso atrapalha tanto não ao tanto ao professor com a gente que impede que **a gente** preste atenção à aula o que você acha sobre o uso do celular durante a aula vamos dizer assim qual seria a verdadeira punição aos alunos se você acha que deve ter algum tipo de punição e quanto isso é prejudicial aos próprios alunos? (Dg-Fp D MM I22)

✓ Adolescentes:

(40) F1: é (hes) e o que você tem a dizer pra Pablo? que está sendo fiscalizado pelos seus pais que deixou a sua deixou de alimentar bem pra estar comendo lanche

F2: que ele procurar é (hes)se alimentar ter uma alimentação saudável porque por mais que agora esteja bom es- comendo besteira e não tá acontecendo nada por que tá na adolescência na juventude entre aspas lá na frente vai trazer uma consequência da besteira que **a gente** achava que era agora por que pode ser que não aconteça nada agora mas lá na frente pode trazer alguma consequência então é melhor **a gente** se cuidar agora do que lá na frente passar por alguma dificuldade por uma coisa que a gente( )que era besteira (Fp-Jk D MF I27)

✓ Estudantes que realizaram a prova do ENEM:

(41) F1: eh ... o que você acha ... a prova do ENEM ... é muito concorrida né? e é muito ... eh ... muitas pessoas anseia por aquela prova né? o que é que você acha pra combater a ansiedade?

F2: eu acho que nem tem um meio né? pra fazer a ... pra combater ... porque eu tiro de mim quando eu fui fazer a prova eu fiquei muito nervosa ... no segundo dia quando eu vi a redação eu chorei ... o fiscal que teve que me acalmar ((RISOS)) eu nem conhecia porque eu fiquei muito nervosa porque a gente ... o ano todinho **a gente** ... tipo imagina vários temas uma coisa que **a gente** não sabe né? e chega na hora a gente ... é coisa que a gente tipo nossa não era o que eu esperava ... eu acho que **a gente** sempre tem que manter a calma ... e pensar positivo ... por mais que você não tenha se saído muito bem ... **a gente** tem que pensar assim ah eu não me saí bem eu acho que eu não me saí bem mas eu vou pensar positivo que sempre ... tem tipo se Deus sempre nos surpreende independente do das ocasiões ... mas acho que não tem não um meio pra gente controlar a ansiedade não ... não tem não (Pc-Jk D FF I28)

✓ Alunos de escola pública:

(42) Doc: *e em relação relacionada as cotas assim as cotas raciais das escolas públicas qual a sua opinião você concorda com isso?*

Inf: *eu concordo mais é acredito que isso daí é tipo uma desculpa pra cobrir aquela deficiência que o ensino público tem por que se o ensino público é fosse igual ou então melhor ou melhor do que o ensino particular é não necessitaria de cotas até por que muita gente sairia da particular pra ir para a pública*

Doc: *e as vezes até nem existiria*

Inf: *não existiria particular então esse é eu sou a favor por que tem essa deficiência mesmo [é] e é covardia **a gente** disputar com alunos de que tá lá tendo a melhor educação do mundo enquanto outros esta aqui lidando com falta com professor faltando é entendeu (E17F)*

✓ Bairro:

(43) Doc: *ainda em relação ao seu bairro só que agora em relação á segurança... você considera o bairro onde você mora seguro?*

Inf: *não...*

Doc: *por quê?*

Inf: *a- assalto demais pouco policiamento não tem nenhum posto policial é... acho que foi semana passada teve um assalto lá na rua de trás é... e quando **a gente** chama a polícia eles vêm e fazem a ocorrência mas nunca dizem nada a- e- ao redor que tem outro bairro maior ao redor tem muito assalto também tem uma invasão lá perto que **a gente** já ligou pra polícia ligou pra todo lugar e ninguém vai lá olhar nada e eles tão a- assaltando lá ao redor e... **a gente** nã- não tem ajuda da da da polícia tanto em questão de assalto quanto em questão de... lá a ru- ru- a rua é muito estreita então tem muito acidente muito aí **a gente** vai ligar pra SAMU diz que não sabe onde é não chega e quando chega chega horas depois a pessoa que foi a- atropelada... eu mesma já fui atropelada lá demorei horas esperando a SAMU... eles eles precisam é se- terem mais organização tanto a polícia quanto a SAMU tipo é um bairro que tá... que tá crescendo agora mas a SAMU não sabe onde chegar como chegar no bairro... quer dizer **a gente** já passou duas horas com um cara deitado no chão cheio de sangue e nada da SAMU chegar **a gente** teve que levar no carro... então é bem... isso lá é bem complicado (E20F)*

✓ Atheneu:

(44) F1: *você acha que qual o principal fator assim que faz que a pessoa deixe de comer uma alimentação saudável para comer coisas que posteriormente futuramente seja prejudicial à saúde?*

F2: *a educação... a educação que a pessoas recebe em casa a educação que o colégio passa onde ela estuda a educação tudo isso com que a pessoas desenvolva as suas atitudes do dia a dia se eu sei que na minha casa eu fui ensinado que não devo comer isso isso quando chega na rua que não tenho uma fiscalização da minha família que eu não tenho quem dizer oh você tá comendo isso errado então se a educação for se a pessoa tiver uma educação familiar a questão da sau- da alimentação ela vai levar isso para rua e ela não vai se corromper é no colégio **a gente** vê que no cardápio do colégio mesmo ela e já inclui coisas que são prejudiciais para saúde ou seja o colégio não ajuda em nenhum sentido da alimentação saudável ou do prato só mais salada e menos coisas gordurosas menos macarrão então a escola também que cinquenta por cento da educação da família e cinquenta por cento a educação da escola... (Dg-Fp D MM I22)*

✓ Alunos do Atheneu:

(45) Doc: *em relação ao sistema integral de ensino pela escola sua opinião foi o que você falou... o que você acha o que deveria ser mudado aqui?*

Inf: *as eu acho que aqui deveria ter a tarde cursos técnicos porque **a gente quem estuda aqui** não tem tempo de fazer um curso técnico porque só tem a noite já que **a gente** sai daqui pela tarde... então tem tudo aquilo você passa o dia todo na escola tem matérias que eu acho desnecessária tipo OCIMA OLEPO horário de estudo eu acho desnecessário esses horários ao invés deles deveriam implementar os cursos pra gente assim específicos entendeu? ajudaria muito seria bem melhor porque tem muitos dias que **a gente** não tem aula dessas matérias ou então se tem o professor não faz quase nada entendeu? então eu acho que não é produtivo (E16F)*

✓ Alunos de escola anterior:

(46) Inf: *era a mesma coisa ... acho que desde que eu comecei a estudar no cole- eh aqui no Atheneu eu passo mais tempo no colégio do que em casa*

Doc: *e lá também era assim?*

Inf: *lá no Rio não porque ... eh ... o hora- o colégio era horário integral mas **a gente** não tinha que chegar sete horas no colégio ... **a gente** podia chegar oito horas da manhã e **a gente** saia quatro horas três e meia então era menos tempo ... e ... era mais ... eh ... de saídas a parte da tarde eu passava mais tempo ... tinha mais tempo ... final de semana tinha mais tempo pra mim ... [...] (E13F)*

✓ Alunos do terceiro ano:

(47) Doc: *e é? mas aí no seu caso você faz tem intimidade ... mas você entende que tem mesmo essa rivalidade entre o primeiro e o terceiro*

Inf: *isso tem*

Doc: *como você acha que eles veem vocês do terceiro ano?*

Inf: *muitas vezes até por própria experiência eles dizem que **a gente** se acha (E09M)*

✓ Coroinhas:

(48) Doc: *é você disse que faz parte do grupo dos coroinhas de lá de sua paróquia?*

Inf: *sim*

Doc: *como são é como é que acontece assim a reunião?*

Inf: *assim antes de tudo **a gente** comunica ao nosso padre*

Doc: *hum hum (E03M)*

✓ Turma:

(49) Doc: *particular... né? e o que você acha da estrutura do colégio Atheneu?*

Inf: *Eu acho que tá bom mas precisa de melhorias*

Doc: *que aspectos?*

Inf: *Na infraestrutura em geral que têm algumas salas que a minha sala mesmo que o ventilador não está funcionando nenhum dos dois ventiladores e **a gente** fica calor direto de sete horas até três e meia e nisso poderia melhorar um pouco (E04M)*

✓ Grupo social:

(50) F2: *eu não tenho coragem de espancar animal na verdade eu assim eu participo do movimento que estimula a adoção de animais é eu acho superinteressante você*

*ter um animal animal em casa e mas tem tem prazos da gente lá da da do movimento que eu participo que faz é que as pessoas adotam e depois passa por um lon- na longa triagem pra conseguir aquele animal e quando consegue que tá tudo nos conformes depois de um ano que **a gente** vai visitar o cachorro tá pior do que era antes quando era da rua ou seja as pessoas num têm aquele amor eu acho que isso vem do amor que a pessoa tem pelos animais então eu não espanco porque eu amo é eu não espanco porque eu amo outras coisas é nessa questão o que eu faria era chamar eu eu tentaria da melhor forma (Jk-Fp D FM I26)*

✓ Família:

(51) F1: *e em relação à família você viaja muito com sua família? você é muito unido? pra onde vocês vão quando viajam?*

F2: *rapaz minha família **a gente** costuma sair geralmente sábado domingo assim para ir para algum lugar à praia em casa visitar os avós viaja assim pra outros lugares casa de praia nossa família assim minha família mesmo de avós não minha família mesmo pai e mãe é unida agora em questão pai avó é parentes eu não acho muito unida assim não (Dg-Ln P MM I17)*

✓ Amigos:

(52) F1: *você gosta muito de viajar?*

F2: *olhe eu viajo direto todo todo todo mês eu fico eu viajo pra algum lugar a última viagem que eu fiz foi pra Xingó com os meus amigos do colégio rapaz **a gente** saiu daqui cinco horas da manhã foi uma coisa muito boa fiz tantas coisas e antes eu já tinha viajado um tempinho antes eu fui eu viajei pra (Pc-Mk P FF I07)*

✓ Pesquisadores:

(53) Doc: *o que é que um legionário faz? por curiosidade?*

Inf: *é porque não pode falar não*

Doc: *não mas assim como é que acontece não isso pode sim que eu já fiz pesquisa e só precisa falar e assim mas como é que acontece passo a passo lá dentro*

Inf: *(ok) ficar se eu falar eu vou falar alguma coisa de lá de dentro não pode não é juramento*

Doc: ***a gente** não quer saber o assunto **a gente** só quer saber como é que acontece ele é assim como é a missa? você sabe dizer os ritos da missa né cada passo da missa **a gente** só quer saber como que acontece lá dentro se tem ordem se cada pessoa fala na hora que quer ou se (D02F – E05M)*

✓ Ambíguo:

(54) Doc: *você acha que existe algum sotaque que seja... como eu posso dizer? contraposto ao do nordestino? que tenha assim uma diferença muito grande?*

Inf: *eu acho que o do carioca*

Doc: *por quê?*

Inf: *[...]*

Doc: *e na sua opinião essa diferença ela gera algum tipo de preconceito?*

Inf: *é...acho que sim dele pra nós eu acho porque... eu tenho uma amiga que ela não é do aqui do Nordeste ela é do Rio e ela ri muito da forma que a gente fala porque algumas palavras aqui no Nordeste lá no São Paulo eles nem sabem o que é ou no Rio e ele ela quando chegou aqui ela já tá aqui há muito tempo mas no começo ela*

*ria demais do que **a gente** falava e ela nunca entendia **a gente** tinha que es- que escrever tipo "oh isso aqui no Rio é assim aqui é assim" aí aos poucos ela foi aprendendo e agora você nem escuta o sotaque do Rio nela é por isso que eu digo que o daqui é uma coisa que o sotaque daqui é o mais... é o melhor porque é o que fica... o sotaque dela do Rio tá lá no final ela agora fala como como uma pessoa que mora aqui há muito tempo (E20F)*

Nossa hipótese é de que os grupos referenciais de menor abrangência referencial favoreçam o uso da forma **a gente**, tendo em vista a tendência apresentada nos estudos de Seara (2000), Borges (2004), Silva (2004), Silva (2010), Franceschini (2011) e Mendonça (2012) ao aumento do uso de **a gente** em contextos de maior especificidade semântica.

### 3.3.1.3 Tipo gramatical do especificador

Considerando que a especificidade de expressões linguísticas depende da interpretação de expressões âncoras (VON HEUSINGER e KAISER, 2003), essa variável foi criada para controlar a função sintática exercida pelos termos especificadores. É importante frisarmos que o termo especificador não é a referência, ele apenas nos possibilita, por meio de inferência, a identificação do grupo referencial. Foram identificados 13 funções sintáticas diferentes; além disso, há também os contextos em que não há a presença de especificador, como em (55).

- (55) F1: *o que você faria você falava mal dela uma inimiga mesmo agora se deixasse você com raiva*  
 F2: *eu acho que sim eu acho que quando **a gente** tá com raiva **a gente** fala até o que fala sem pensar assim direito*  
 F1: *hum hum*  
 F2: *depois **a gente** se arrepende o que falou (Ln-Mr P MF I19)*

- ✓ Complemento verbal: a expressão sublinhada no exemplo (47) – você do terceiro ano – nos permite inferir o referente da forma pronominal **a gente**.
- ✓ Complemento nominal: em (38), o complemento nominal – da igreja católica – funciona como especificador da referência de **a gente**.
- ✓ Adjunto adverbial de lugar: o exemplo (35) apresenta o especificador – daqui do Nordeste – como pista linguística para identificação da referência da forma pronominal de 1ª pessoa do plural.
- ✓ Adjunto adverbial de tempo: os termos sublinhados em (40) – na adolescência e agora – possibilitam a identificação do grupo referencial.



✓ Adjunto adverbial de companhia: em (52), o adjunto adverbial de companhia – com os meus amigos do colégio – especifica o referente genérico do sujeito **a gente**.

✓ Adjunto adnominal: em (56), o especificador – cada um de – possibilita a identificação do grupo referencial, pois sua natureza quantificacional nos possibilita associar a forma pronominal **nós** à referência genérica de *humanidade*. Esse tipo de especificador não torna a referência [+ definida], apenas fornece material linguístico para a inferência do grupo referencial.

(56) F1: *entendeu e também muito perigoso essa internet porque é esses sites de facebook whatsapp twiter entendeu porque muitas pessoas aproveitadoras uns aproveitadores né? estão lá para se para sequestrar esses tentar seduzir essas crianças né? essas pessoas que não tem um conhecimento total da internet entendeu aí eles ficam chamando papo e tal*

F2: *levando pessoas*

F1: *aí levam as pessoas chegam até a estuprar entendeu fazem muita maldade então por isso que cada um de nós*

*[*

F2: *num vale nada*

F1: *temos ter temos temos que conhecer entendeu com quem tá falando pra depois num se prejudicar pra matar a gente a gente certo*

F2: *hum hum (Ln-Mr P MF I19)*

✓ Sujeito: em (57), o sujeito pronominal – ele – funciona como pista linguística para identificação da referência de **a gente**, haja vista que seu referente “o colégio Atheneu”, possibilita a interpretação da forma pronominal de 1ª pessoa do plural como relativa aos *alunos do colégio*.

(57) Doc: *Das exatas? de engenharia mesmo? ... Hum então aqui no colégio Atheneu o ensino é integral... né?*

Inf: *É*

Doc: *E o que você acha dessa metodologia adotada pelo colégio?*

Inf: *Acho boa*

Doc: *Você acha que ele oferece condições para o ensino integral?*

Inf: *oferece*

Doc: *Por que?*

Inf: *porque **a gente** aprende mais tem algumas aulas extras que **a gente** pode aprender mais tirar nossas dúvidas com os professores só (E04M)*

✓ Tópico: em (51), a forma pronominal **a gente** retoma de maneira genérica o termo tópico – minha família. Nesse caso, embora a referência à *família* seja feita de maneira [+ definida], há certo grau de indeterminação, haja vista a não identificação de maneira determinada dos integrantes do grupo referencial.

- ✓ Oração: o exemplo (58) apresenta a oração – tenho alguns colegas – como especificador da referência de **a gente**, possibilitando a inferência do grupo referencial.

(58) F2: *de falar hum ah você tá aqui mal se a pessoa lhe chamar você num tá á fim de conversar se uma pessoa for conversar uma coisa dessa você tipo tá bora conversar*

F1: *é comigo é bem assim porque tenho alguns colegas assim **a gente** pode con- **a gente** conversa numa boa as amigas também entendeu (Ln-Lc D MM I21)*

- ✓ Aposto: o termo sublinhado em (59) – do Atheneu – aposto da expressão “daqui dessa escola”, especifica a referência de **a gente**, possibilitando a inferência do grupo referencial (*alunos do Atheneu*).

(59) Doc: *hoje de uma maneira geral qual a sua visão da escola pública?*

Inf: *eu acho que depende também da escola mas é... falando daqui dessa escola do do Atheneu é uma escola que... é só é pública porque tem o nome de pública mas não não parece ser um colégio público ser um colégio do governo porque é tem muita coisa que precisa cuidar tem mas tem regras tem horário tem **a gente** tem um o nosso almoço certinho tem o os nossos livros eles dão os livros pra gente eu sempre achei que **a gente** ... tinha que comprar livro usado mas eu descobri que não o os meus livros são novos todo ano toso os meus três anos foram livros novos é minha visão mudou totalmente e eu posso dizer que no futuro quando eu tiver um filho meu filho vai estudar o ensino médio no Atheneu ... [...] (E20F)*

- ✓ Agente da passiva: em (60), o agente da passiva – pela escola – funciona como especificador da referência de **a gente**, possibilitando a identificação do referente genérico (*alunos do Atheneu*).

(60) Doc: *é em relação ao sistema integral de ensino adotado pela escola qual a sua opinião?*

Inf: *eu acho que deveria ser adotado em mais colégios*

Doc: *porque?*

Inf: *porque **a gente** acaba não tendo essa experiência no colégio mas também experiências sociais é como alguns projetos de movimento que as vezes acabam surgindo que é dos alunos sem a intervenção dos professores (E19F)*

- ✓ Predicativo: a expressão sublinhada em (61) – uma família desestruturada – especifica a referência das formas pronominais de 1ª pessoa do plural em destaque.

(61) F1: *é porque nunca e cem por cento né? se você fosse conversar com uma pessoa... tipo o que vocêalaria da sua família? assi- que-é se é estruturada o que vocês fazem os lugares que vocês frequentam*

F2: *a gente eu não tem do que **a gente** não é uma família desestruturada não é assim porque o que eu costume dizer que não é uma família estruturada ... é aquela família assim que o pai não tá nem aí entendeu? pra assim eu digo assim pai e mãe né? que seu que deixa seus filhos largado no tá- não dá nem exemplo ... né? porque o filho é o que também ver de exemplo dentro dde casa então as vezes o filho tá aí nas drogas porque a mãe própria não dá o exemplo ... faz a mesma coisa é traficante lá e não*

*sei porque e gosta de briga e gosta de festa então eu costumo dizer que é uma família desestruturada é isso né? pessoas que não tá nem aí pra nada é aquela pessoa que não tem princípios e eu costumo dizer assim que minha família não é cem por cento estruturada mas ela tem ela costuma ela tem princípios... entende? **a gente** costuma muito frisar nos princípios e quando a gente realmente **a gente** tem uma família feliz **a gente** faz muitas brincadeira assim eu costumo dizer que é um povo unido sim tem as brigas como toda família tem né? as coisas mais no- no- não acho que é uma família não estruturada não tem todo mundo suas coisinhas todo mundo trabalha tem sua casa não sei o que sempre tem uns problemas que é de costume ter... né isso ? mas é uma família unida sim tem sempre reúne em datas comemorativas...é fazem ... fazemos ... fazemos ... é... **fazemos** brincadeiras essas coisas tudo descontração assim muito entendeu?... eu gosto ... (K1-Pc D FF I25)*

A partir de análise preliminar da amostra, acreditamos que a forma **a gente** será favorecida pelos contextos em que o especificador exerça a função sintática de adjunto adverbial de lugar, devido a uma quantidade de dados considerável referindo-se aos *alunos do Atheneu* por meio de um especificador locativo, como em (62).

- (62) F1: *hum aqui no colégio ATHENEU você pode perceber que muita gente usa celular*  
 F2: *isso*  
 F1: *dentro da sala de aula em todos os lugares quê que você acha disso?*  
 [...]
   
 F1: *então você acha que o aparelho usando em hora certas não atrapalha?*  
 F2: *não atrapalha usando regularmente em hora certa não atrapalha mas assim essas horas certas você pode dizer como dá um exemplo como nós aqui no ATHENEU né no colégio **a gente** tem horários de intervalo eu creio que a melhor hora é nos horários de intervalo a pessoa tá se conectando [...]* (Lc-Fp P MM I03)

### 3.3.1.4 Deiticidade do especificador

Considerando que os pronomes não são auto referenciais, pois a identificação de sua referência depende de outra expressão presente no contexto, ou de conhecimento pragmático atrelado a situação discursiva, conforme discutido no capítulo 1, controlamos a natureza dêitica dos termos especificadores. A dêixis é um recurso linguístico utilizado para fazer referência à situação discursiva, expressando circunstâncias relativas à pessoa, lugar e tempo da interlocução. A compreensão de termos dêíticos depende do contexto em que foram enunciados, pois há a presença de significação pragmática (CASTILHO, 2012). Embora, as noções de dêixis e anáfora sejam distintas, haja vista que a dêixis assinala circunstâncias, e os termos anafóricos fazem remissão a referente já enunciado; consideramos, na análise de nossos dados, expressões anafóricas como dêixis contextual. Assim como na variável *tipo gramatical do especificador*,

controlamos também os contextos sem especificadores, como demonstrado em (55). Após análise da *amostra*, identificamos os seguintes fatores:

- ✓ Dêitico espacial: nesse caso, o especificador assinala a localização da situação discursiva, relacionando a referência ao contexto pragmático da elocução. Em (63), por exemplo, o termo – aqui – localiza a referência da forma **a gente** no espaço, estabelecendo nexos com a posição social do falante (*aluno do colégio Atheneu*). A interpretação desse tipo de dêitico está atrelada a conhecimentos pragmáticos da situação discursiva, conferindo maior grau de inclusão do falante na referência das formas pronominais de 1ª pessoa do plural.

(63) Doc: *e a questão dos professores como é?*

Inf: *com relação (hes) (expondo) que aqui é uma escola pública eu até acho legal porque aqui **a gente** não recebe o tipo de atenção que eu acho que receberia em outro tipo de colégio do estado porque é o único que tem () eu acho que aqui é melhor que outros colégios (E19F)*

- ✓ Dêitico temporal: esse tipo de dêitico localiza a situação discursiva no tempo, estabelecendo relações de anterioridade, simultaneidade ou posterioridade ao momento da enunciação. Em (64), o termo – antes – localiza a referência da forma **a gente** em um tempo anterior a situação atual do falante (estudante do colégio Atheneu), possibilitando a inferência do referente genérico (*alunos que estudaram em outras escolas antes de irem para o Atheneu*).

(64) Doc: *qual a diferença que você vê entre essas outras escolas que você estudou e o Atheneu? Algum exemplo assim de de diferente*

Inf: *a diferença é porque antes **a gente** num tinha que estudar tanto era eles passava mais besteira pra os alunos passarem de ano trabalhos coisa assim mais fácil mas não explicavam direito o assunto às vezes faltavam às vezes é os diretores num olhavam direito a escola os coordenadores também (E14F)*

- ✓ Dêitico pessoal: o especificador apresenta relação com o falante ou ouvinte, possibilitando a inferência do referente da forma pronominal de 1ª pessoa do plural. Em (65), por exemplo, a expressão – com meus colegas – estabelece um nexo com o falante, o que possibilita a identificação da referência de **a gente**.

(65) Doc: *mas você já soube assim já que lá o ponto é drogas não é? então em relação a segurança você já soube de alguma que te deixou assustado que tenha te envolvido ou que em relação as drogas?*

Inf: *sim... tem uma história que eu tava com meus colegas no ponto conversando e tem pessoas que praticam essa ação aí chaga lá a polícia e tal revistou a galera e*

*chamou também a gente aí também foi revistado depois a gente foi liberado aí eu não sei o que aconteceu com os cara*

Doc: *mas vocês continuaram indo nesses locais depois?*

Inf: *não a gente tem medo (E10M)*

- ✓ Dêitico espaço/temporal: o especificador desse tipo estabelece nexos entre a situação discursiva e sua localização no espaço e no tempo. Em (66), por exemplo, podemos inferir a referência da forma **a gente** por meio da oração sublinhada - vai sair agora do Atheneu – que especifica o referente (*alunos do terceiro ano do colégio Atheneu*). O dêitico “agora” liga a situação enunciada ao conhecimento pragmático de que os alunos que saem do colégio são aqueles que concluem o Ensino Médio (*alunos do terceiro ano*).

(66) Inf: *só que no meu notebook dá vontade até de chorar quando eu me lembro*

Doc: *hum*

Inf: *tinha muita coisa mulher muita coisa mesmo tinha muita foto*

Doc: *não é nem pelo pelo aparelho*

Inf: *pelo aparelho*

Doc: *é o que tem dentro*

Inf: *pelas memórias que eu tinha lá por exemplo eu mesma vou a gente vai sair agora do Atheneu eu sei que eu vou sentir falta eu consegui recuperar muitas fotos ainda bem mas tinha muitas coisas que só tinha lá no computador entendeu aí (E18F)*

- ✓ Dêitico espaço/pessoal: esse tipo de especificador restringe a referência a um espaço e às pessoas da interlocução. Em (52), o termo dêitico – com os meus amigos do colégio – estabelece ligação entre o referente de **a gente** e o falante, pois trata-se dos amigos do falante; como também entre o referente e o espaço, já que não se trata de todos os amigos, mas apenas dos amigos que também estudam no colégio.
- ✓ Dêitico espaço/contextual: esse tipo de especificador associa um dêitico espacial a um termo que faz referência a espaço anteriormente definido no contexto, como podemos observar em (67).

(67) F1: *o período de férias é um dos mais desejados por muitos ... viajar conhecer outros lugares estar próximo dos amigos e familiares é muito gratificante ... sem falar nas recordações que ficam dos amigos e familiares ... o que é que você acha de*  
 F2: *férias é um um ... férias é uma coisa desejada né? por todos ... e é um momento que nós tiramos pra descansar né? o dia a dia aqui nesse colégio é um dia que nós ... fazemos muitas coisas ... somos envolvidos o dia todo com o colégio quando é à noite nós ainda temos nossas outras atividades temos família ... temos eh ... outras atividades então o período (Pc-Fp P FM I08)*

- ✓ Dêitico tempo/contextual: consideramos como especificador do tipo dêitico tempo/contextual os casos em que a interpretação da referência ocorre por meio da associação entre um dêitico temporal e uma situação pragmática, como podemos observar

em (68). O especificador – a criação agora da lei da maria da penha – possibilita a inferência do grupo referencial (*brasileiros*), pois o conhecimento pragmático de que a referida lei foi publicada no Brasil permite a associação entre a forma pronominal **nós** e seu referente genérico.

(68) F1: *então Priscila ... eu quero saber a sua opinião o que você acha sobre ... vamos dizer ... homens que ... impedem a sua mulher sua esposa ingressar no mercado de trabalho pra trabalhar ... em vez disso ela ir para casa cuidar da casa ... e também o que você acha sobre a par- sobre em relação a esses homens que ... agredem fisicamente suas mulheres ... se existe uma fiscalização sobre elas ... sobre esses ratos ... que o que **nós** vimos só foram a ... a criação agora da lei da Maria da penha ... mas cê acha que tá pouco ... o que você acha sobre esse crime?* (Dg-Pc D MF I24)

- ✓ Dêitico contextual: consideramos como especificador dêitico contextual expressões anafóricas, como em (69), em que o especificador – do ensino integral da escola – possibilita a inferência do referente da forma pronominal **nós**. Além disso, consideramos também especificadores que relacionam-se a conhecimento pragmático, como em (70), em que a expressão – a passagem aumentar pra dois e setenta – relaciona-se a conhecimento pragmático atrelado ao local onde ocorreu o aumento da passagem, possibilitando a inferência do grupo referencial das formas de 1ª pessoa do plural.

(69) Doc: *o que você acha daqui? por que você decidiu ou seus pais no caso decidiram que você deveria estudar no colégio Atheneu?*  
[...]

Doc: *é qual a importância que você acha do ensino integral da escola?*

Inf: *porque a pessoa a uma parte do seu tempo estudando e que e se **nós** estudássemos apenas um turno o outro poderia ser desperdiçado* (E09M)

(70) F2: *olhe principalmente eu começar eu começar falar sobre o fato que está ocorrendo a passagem aumentar pra dois e setenta você acha justo? Dois e setenta são o que pão manteiga dois e setenta num é ônibus porque os ônibus são de péssima qualidade você não acha isso?*

F1: *acho [...]*

F2: *ou sim sim a passagem aumentando para a passagem aumentar **a gente** teria que ter boa qualidade de coisas **nós** não temos boa qualidade no transporte público principalmente para os deficiente e pessoa de muita obesa um menino de lá da sala o nome dele é Ricardo acho que ele sofre muito quando ele vai andar de ônibus pois ele tem um* (Ev-Le P FM I10)

- ✓ Não dêitico: consideramos como não dêitico os especificadores que não necessitam da situação contextual para ser interpretado. Em (71), o especificador – na escola pública – identifica o referente da forma **a gente**, sem apresentar vínculo com noções de pessoa, lugar ou tempo do contexto discursivo.

- (71) *Doc: você acha que existe diferença entre escola pública e escola particular?*  
*Inf: eu acho que a única diferença mais é que na escola pública **a gente** sofre bastante com a greve e com a falta dos professores ... mas o livro ... eh ... o conteúdo didático é o mesmo ... é só os recursos lá eles têm mais recursos do que **a gente** tem questão de greve de falta de professores ... mas tirando isso acho que é a mesma coisa (E13F)*

Com base na tendência ao aumento de uso da forma **a gente** em contextos de maior especificidade semântica (SEARA, 2000; BORGES, 2004; SILVA, 2004; SILVA, 2010; FRANCESCHINI, 2011; MENDONÇA, 2012), nossa hipótese é de que o pronome **a gente** seja favorecido em contextos em que os especificadores apresentem maior vinculação à situação discursiva, como os dêiticos pessoal, espacial e temporal, pois nesses casos há uma maior inclusão do falante na referência genérica, expressando referentes de menor abrangência.

### 3.3.1.5 Posição do especificador

Assim como os fatores deiticidade e tipo gramatical, essa variável foi criada com intuito de sistematizar a interferência do contexto no uso das formas de 1ª pessoa do plural com referência genérica, haja vista a presença de expressões âncoras que possibilitam a inferência do referente. O especificador pode apresentar-se antes ou depois das formas pronominais de 1ª pessoa do plural. Foram controlados também os contextos sem a presença de especificador, conforme exemplificado em (55).

- ✓ Anteposto: o especificador - na escola pública – em (71), por exemplo.
- ✓ Posposto: em (68), a expressão – a criação agora da lei da Maria da penha – funciona como especificador posposto da forma **nós**.

A partir de análise preliminar da *amostra*, acreditamos que os contextos em que o especificador está anteposto à forma pronominal favoreçam o uso de **a gente**.

### 3.3.1.6 Paralelismo formal

O paralelismo formal diz respeito a tendência de repetição da mesma forma linguística numa sequência discursiva. Essa variável foi considerada em nosso estudo com objetivo de confirmar sua relevância para a variação **nós** e **a gente**, tendo em vista os resultados de Borges (2004), Mendonça (2012), Souza e Oliveira (2014) e Santana (2014). Para análise dessa variável consideramos os seguintes fatores:

✓ Ocorrência única: forma **nós** destacada em (68), por exemplo.

✓ 1ª ocorrência de uma série: primeira ocorrência de **a gente** em (72).

(72) F1: **a gente** conversando com ela aqui entendeu a a maioria a maioria não mas uma grande parte da população agora quando **a gente** tá conversando a pessoa num **a gente** num tem mais aquela conversa de homem senta ali **vamos** conversar entendeu poucas pessoas ainda fazem isso (Ln-Mr P MF I19)

✓ Depois de uma forma idêntica: por exemplo, a segunda e terceira ocorrências de **a gente** em (72);

✓ Depois de uma forma diferente: como a forma **vamos** (nós implícito) em (72).

Com base nos resultados de Borges (2004), Mendonça (2012), Souza e Oliveira (2014) e Santana (2014), nossa hipótese é de que os contextos com paralelismo (Depois de uma forma idêntica) favoreçam o uso da forma **a gente**.

### 3.3.2 Variáveis sociais

#### 3.3.2.1 Tipo de coleta

✓ Entrevistas sociolinguísticas: esse tipo de coleta segue a metodologia tradicional da Sociolinguística variacionista, com o controle de variáveis sociodemográficas amplas, conforme apresentado na seção 3.2 do capítulo 3.

✓ Interações conduzidas: a gravação das interações segue metodologia adotada por Araujo; Santos e Freitag (2014), em que os informantes interagem entre si sobre diversos temas presentes em cartões, possibilitando o controle de variáveis pragmáticas como distância social, poder relativo e custo de imposição do ato comunicativo, conforme procedimentos descritos na seção 3.2 do capítulo 3.

Nossa hipótese é de que o pronome **a gente** será favorecido nas interações conduzidas, confirmando os resultados de Santos (2014).

#### 3.3.2.2 Sexo/gênero

Embora haja discussões a respeito da terminologia, das formas de controle, bem como em relação à forma de interpretação de resultados com base no sexo/gênero, é consenso, nos



estudos Sociolinguísticos, de que os papéis sociais exercidos por homens e mulheres funcionam como baliza de comportamento em todas as sociedades, inclusive nos usos linguísticos (FREITAG, 2015).

- ✓ Masculino;
- ✓ Feminino.

Com base nos resultados de Godoy (1999), Seara (2000), Silva (2004), Brustolin (2009), Mendonça (2012), Souza e Oliveira (2014) e Santos (2014), esperamos confirmar a tendência de maior probabilidade de uso da forma **a gente** pelas mulheres.

### 3.3.2.3 *Interação quanto ao sexo/gênero*

- ✓ Masculino – masculino;
- ✓ Masculino – feminino;
- ✓ Feminino – feminino;
- ✓ Feminino – masculino.

Em relação a essa variável, esperamos confirmar os resultados de Santos (2014) e Mendonça e Nascimento (2015), em que as interações do tipo feminino-feminino favoreceram o uso da expressão **a gente**.

### 3.3.2.4 *Simetria*

- ✓ Relação simétrica (interações entre pessoas do mesmo sexo/gênero) – H/H; M/M;
- ✓ Relação assimétrica (interações entre informantes de sexo/gênero diferentes) – H/M; M/H.

Nossa hipótese é de que as relações assimétricas de gênero favoreçam o uso de **a gente**. Tendo em vista a hipótese de menor uso de **a gente** pelos homens, acreditamos que ocorrerá baixa frequência de **a gente** nas interações do tipo masculino-masculino (simétrica), havendo, portanto, maior probabilidade de ocorrência de **a gente** em relações assimétricas.

### 3.3.3 Variáveis pragmáticas

#### 3.3.3.1 *Distância social*

A distância social diz respeito ao grau de familiaridade entre os informantes, controlado, nesta amostra, pelo pertencimento aos microgrupos de amizade, considerado como fator para avaliar o tipo de relação.

- ✓ Interações entre pessoas do mesmo microgrupo – próximo;
- ✓ Interações entre pessoas de microgrupos diferentes – distante.

Com o controle dessa variável, esperamos confirmar os resultados de Santos (2014) e Mendonça e Nascimento (2015), em que a forma **a gente** apresentou maior probabilidade de uso nas interações em que os informantes tinham relação distante.

#### 3.3.3.2 *Poder relativo*

Este fator é analisado a partir do domínio do tópico conversacional, considerando que a posse dos cartões contendo as situações para conduzir a interação confere poder relativo ao falante, pois ele terá o “poder” para escolher os caminhos que a interação poderá seguir.

- ✓ Informante com domínio de tópico conversacional;
- ✓ Informante sem domínio de tópico conversacional.

Nossa hipótese a respeito do uso das formas de 1ª pessoa do plural com referência genérica é de que a forma **a gente** tenha maior frequência de uso em contextos de maior polidez. Assim, acreditamos que a forma **a gente** apresentará maior frequência de uso nos contextos em que o informante encontra-se sem o domínio do tópico conversacional, haja vista a tendência de sermos mais polidos em contextos em que exercemos menor poder social.

#### 3.3.3.3 *Custo de imposição do ato comunicativo*

Para análise desta variável foram consideradas as denominações previamente dadas aos temas presentes nos cartões/situações, conforme estes apresentem situações neutras, que levam à preservação de face positiva ou à preservação de face negativa, conforme classificação apresentada no anexo A.

- ✓ Tópico menos impositivo: em (71), por exemplo, o tópico que introduziu o assunto apresenta uma situação neutra, representada no cartão nº 8 abaixo. Falar sobre o aumento das redes sociais não afeta diretamente as faces dos interlocutores, constitui-se, pois, como um tópico menos impositivo.

(73) F2: **a gente** tá conversando com a pessoa e a pessoa tá lá no whatsapp

F1: é no whatsapp entendeu

F2: nem liga pra gente

F1: **a gente** conversando com ela aqui entendeu a a maioria a maioria não mas uma grande parte da população agora quando **a gente** tá conversando a pessoa num **a gente** num tem mais aquela conversa de homem senta ali **vamos** conversar entendeu poucas pessoas ainda fazem isso (Ln-Mr P MF I19)

8

**O aumento das redes sociais *online* tem facilitado a comunicação. Pessoas de todas as idades têm aderido ao uso desses recursos.**

- ✓ Tópico mais ou menos impositivo: situações que favorecem a preservação de face positiva. O trecho descrito em (68) foi produzido a partir da situação apresentada no cartão nº 16, reproduzido abaixo, em que o tópico leva o falante a preservar sua face positiva, pois a violência contra a mulher, de maneira geral, é considerada como inaceitável na sociedade, levando o falante a assumir a posição mais aceita, a fim de preservar sua face.

16

**Com dois meses de casados, Jonas obrigou sua esposa a pedir demissão do emprego, alegando que ela tinha que cuidar da casa. Alguns meses depois, começou a espancá-la, sendo denunciado à polícia por duas amigas de sua esposa.**

- ✓ Tópico impositivo: situações que levem à preservação de face negativa. O excerto em (74) foi produzido a partir do tópico discursivo apresentado no cartão nº 30, reproduzido abaixo. O assunto introduzido pelo cartão leva o falante a preservar sua face, demonstrando um desejo de não ter seu espaço invadido.

(74) F1: *Nos encontros dos jovens rolam os mais diversos assuntos e um dos mais comentados durante essas reuniões dos amigos são os assuntos relacionados à sexualidade quando você tá em um meio que rela- que o assunto é sexualidade você*

*se retira ou você fica no meio e você costuma comentar com pessoas sobre isso sobre essas coisas esses assuntos?*

*F2: eu não ninguém eu não converso sobre isso eu acho que eu acho eu acho que esse assunto é um assunto que eu acho que esse assunto é um assunto que eu eu não converso sobre esse assunto porque eu acho que não interessa isso tá no meio olhe tem vezes que eu tô numa sala de aula e e eu escuto eu eu escuto coisas assim absurdas*

*[...]*

*F2: eu acho que esse assunto é muito assim é uma coisa íntima de cada um é uma assunto que não deve ser conversado o que **a gente** tem que aprender é sobre a prevenção e isso **a gente** já aprende no colégio os professores ensinando (Jk-Fp D FM I26)*

30

**Nos encontros dos jovens, rolam os mais diversos assuntos, e um dos mais comentados durante essas reuniões dos amigos são os assuntos relacionados à sexualidade.**

Em relação ao custo de imposição dos atos comunicativos, acreditamos que os contextos com tópicos impositivos favoreçam o uso de **a gente**, pois tais contextos propiciam maior grau de polidez, haja vista que tópicos impositivos tratam de assuntos de menor abrangência, relativos ao espaço pessoal do falante, havendo, portanto, a necessidade de preservação de face, por meio da generalização da referência.

#### 3.3.3.4 Microgrupo de amizade

Conforme descrito na seção 3.2, três microgrupos realizaram interações:

- ✓ Grupo 1 – 2º ano;
- ✓ Grupo 2 – 3º ano B;
- ✓ Grupo 3 – 3º ano A.

Em relação a essa variável pragmática esperamos encontrar maior frequência de uso da forma **a gente** (forma inovadora) nos grupos do terceiro ano (grupo 2 e grupo 3), haja vista a liderança identitária que o grupo tem dentro da comunidade de prática.

### 3.4 NATUREZA DA ANÁLISE

Na codificação dos dados, as formas pronominais de 1ª pessoa do plural com referentes específicos, identificando um referente particular, por exemplo, eu + tu/você ou eu + ele/ela,

foram retiradas da análise. A forma **nós**, em (75), refere-se aos interlocutores, apresentando referência específica – eu + tu/você; em (76), o pronome **a gente** refere-se ao falante e Milena (eu + ela), apresenta, pois, referência específica.

(75) F1: ***nós** tamos falando de pessoas obesas mas puxando também pro assunto da superexposição das pessoas nas redes sociais nós temos visto que ás redes sóciais hoje em dia elas influênciam muito na vida do adolescente do jovem [...]* (Fp-Dg D MM I20)

(76) Doc: *qual é a turma a sua turma?*

Inf: *terceiro A*

Doc: *terceiro A*

Inf: *turma A*

Doc: *então não é a mesma de Milena?*

Inf: *não*

Doc: *e como vocês se conheceram?*

Inf: *na verdade foi teve um projeto daqui no Museu da Gente Sergipana aí lá por um acaso **a gente** se falou* (E09M)

Contextos com o pronome relativo “que” exercendo a função de sujeito remissivo da forma pronominal de 1ª pessoa do plural também não foram considerados em nossa análise, como em (77). A expressão “vamos dizer que” também não foi considerada como dado para nossa pesquisa, haja vista que se trata de uma expressão cristalizada com função de organização de argumentos, como podemos observar em (78). Retiramos também da investigação os dados de 1ª pessoa do plural (nós implícito) com sujeito siléptico, como em (79).

(77) *a educação no Brasil ela é falha principalmente acho que pelos nossos governantes eles têm muita culpa porém eu acho que a maior culpa são de nós brasileiros **que** não temos capacidade suficiente pra escolher os determinados governantes muitas pessoas acabam se deixando levar por questões de ah ele fez um favor pra mim eu tenho que ser meio que* (E16F)

(78) Doc: *existe alguma diferença entre escolas que não adotam o sistema de passar o dia inteiro na escola e o Atheneu? Quais seriam as principais diferenças que você vê? Alguma vantagem ... alguma desvantagem*

Inf: *vantagem é que o aluno estuda mais ( ) aqui ... no almoço mesmo a gente tem vamos dizer que de onze e meia até uma hora ... almoçamos meio dia e meia temos ... meia hora pra descansar e estudar também se o aluno quiser ... pegar um livro ler ... foça mais a mente eu acho ... que isso é melhor ... e estudar só um turno não ... você chegou lá de manhã ... já tá cansado das aulas de de manhã e já quer ir pra casa almoçar ... com fome ... aqui não ... aqui você ainda ... consegue alguma coisa* (E12F)

(79) Inf: *certo assim quanto a essa parte da das cotas raciais eu acho que isso não tinha necessidade sabe porque como todo mun- se as pessoas dizem que todos somos iguais pra que uma cota racial uma cota pra quem é como se as outras pessoas que ganhassem cota fossem inferiores e elas não são* (E18F)

Para tratamento dos dados, adotamos uma abordagem quantitativa, submetendo-os ao tratamento estatístico do programa GoldVarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005), a fim de identificarmos as variáveis que influenciam na variação na expressão da 1ª pessoa do plural com referência genérica. Inicialmente, foram coletadas todas as ocorrências das formas de 1ª pessoa do plural com referência indeterminada, considerando os critérios apresentados; em seguida, os dados foram codificados de acordo com as variáveis controladas. No capítulo a seguir, apresentamos os resultados, estabelecendo relações com os subsídios teóricos da Sociolinguística e Pragmática, a fim de correlacionar o uso da 1ª pessoa do plural como recurso de generalização da referência à polidez linguística.

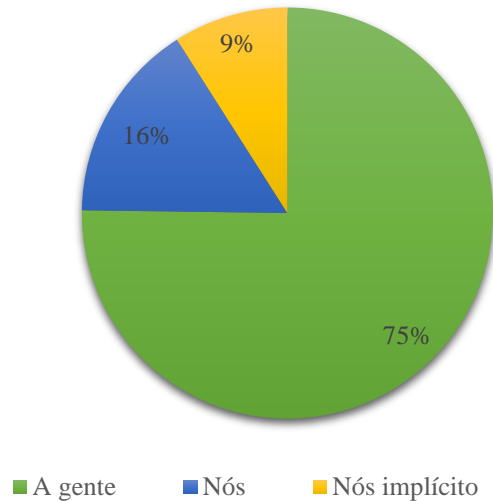
## 4 1ª PESSOA DO PLURAL COMO RECURSO DE INDETERMINAÇÃO: RESULTADOS E DISCUSSÃO

Apresentamos, neste capítulo, os resultados estatísticos a respeito da indeterminação do sujeito por meio dos pronomes **nós** e **a gente**, expondo discussões relativas ao grau de generalização do referente, a fatores estruturais e sociais da variação, bem como à polidez linguística. O capítulo está dividido em cinco seções. Primeiramente, apresentamos um panorama geral da variação na expressão da 1ª pessoa do plural com referência genérica, expondo os resultados percentuais das estratégias de indeterminação **nós** (explícito e implícito) e **a gente**; apresentamos também os resultados da variação entre **nós** e **a gente**, após amalgamação das formas **nós** (explícito e implícito); por fim, exibimos uma tabela com as variáveis selecionadas pelo programa GoldVarb X como estatisticamente relevantes para o fenômeno. Na seção 4.2, apresentamos os resultados em função das variáveis linguísticas significativas para o funcionamento sintático-semântico da indeterminação do sujeito por meio das formas pronominais de 1ª pessoa do plural. Na sequência, na seção 4.3, a partir dos resultados das variáveis sociais selecionadas, discutimos o valor social da variação **nós** e **a gente** como recurso de generalização do referente. Na seção 4.4, apresentamos os resultados em função das variáveis pragmáticas atreladas à expressão da polidez linguística. Apresentamos também, na seção 4.5, uma sumarização dos fatores que se mostraram relevantes para a variação **nós** e **a gente**.

### 4.1 ANÁLISE GERAL DOS RESULTADOS

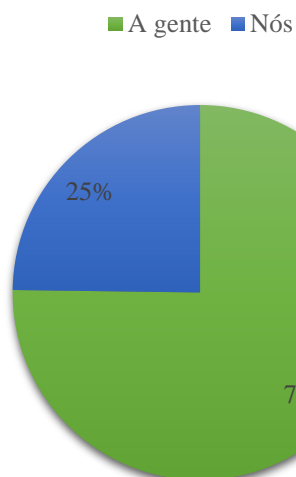
A referência à 1ª pessoa do plural genérica pode ser realizada de três maneiras distintas, conforme explicitamos na seção 3.3, exemplos (19) e (20). Nossa hipótese era de que a forma **a gente** apresentasse maior frequência de uso, confirmando a tendência apresentada nos estudos de Lopes (1998), Seara (2000), Borges (2004), Silva (2010) e Franceschini (2011), em que os autores constataram o favorecimento de **a gente** em contextos genéricos. No *corpus* sob análise, foram computados 831 contextos de indeterminação do sujeito por meio da 1ª pessoa do plural, sendo 625 dados de **a gente** (75%), 131 ocorrências de **nós** (16%) e 75 casos de formas verbais marcadas com o morfema –mos – **nós implícito** (9%). O gráfico 1 expõe os resultados gerais da frequência de uso das variantes. A forma **a gente** foi mais frequente no *corpus* analisado, utilizada em 75% dos contextos de indeterminação do sujeito por meio da 1ª pessoa do plural,

seguindo a tendência dos demais estudos acerca da variação na primeira pessoa do plural no português do Brasil.



**Gráfico 1: Distribuição geral das formas de 1ª pessoa do plural com referência genérica**

A fim de realizar rodada binária para identificar a relevância de cada variável independente para a variação na expressão da 1ª pessoa do plural com referência genérica, amalgamamos as formas **nós** (explícito e implícito), computando, assim, 25% de dados da forma **nós** (gráfico 2); considerando o critério frequência, escolhemos a variante **a gente** como fator de aplicação para a análise variacionista.



**Gráfico 2: Distribuição geral das formas nós e a gente com referência genérica**

A partir da análise das variáveis linguísticas e sociais, com a forma **a gente** como valor de aplicação, o programa GoldVarb X selecionou seis grupos de fatores como estatisticamente



significativos para a variação na referência à 1ª pessoa do plural genérica, conforme apresentado na tabela 5. As variáveis pragmáticas foram analisadas apenas nas interações conduzidas, sendo todas elas selecionadas como relevantes para o fenômeno, conforme expomos na seção 4.4.

Ordem de Seleção	Variável
1ª	Sexo/gênero
2ª	Paralelismo formal
3ª	Tipo de coleta
4ª	Interação quanto ao sexo/gênero
5ª	Deiticidade do especificador
6ª	Definitude

**Tabela 5: Grupos de fatores selecionados como estatisticamente significativos em função de a gente**

As variáveis grupo referencial, tipo gramatical do especificador, posição do especificador e simetria não foram significativas para a variação na expressão da 1ª pessoa do plural com referência genérica. Considerando que, com exceção da variável grupo referencial, esses fatores não apresentam relação direta com a gradação na abrangência referencial, nem com a polidez linguística, principais focos de nossa pesquisa, não apresentamos os resultados em função de tais fatores.

Para melhor explanação dos resultados, ao invés de consideramos a ordem estabelecida pelo programa, organizamos nossas discussões em função da natureza das variáveis. Inicialmente, apresentamos os resultados em função dos fatores linguísticos; em seguida, as variáveis sociais; e, por fim, as variáveis pragmáticas atreladas à expressão da polidez.

## 4.2 FUNCIONAMENTO SINTÁTICO-SEMÂNTICO DA VARIAÇÃO

Nesta seção, apresentamos os resultados em função das variáveis linguísticas: i) paralelismo formal; ii) deiticidade do especificador; iii) definitude, selecionadas como estatisticamente relevantes, conforme exposto na tabela 5. Discorreremos também a respeito da variável grupo referencial que, embora não tenha sido selecionada pelo GoldVarb X, a consideramos significativa para nossas discussões a respeito da natureza gradual da indeterminação do sujeito por meio da 1ª pessoa do plural.

#### 4.2.1 Paralelismo formal

O controle da variável paralelismo formal, em nosso estudo, teve como objetivo verificar sua influência na variação das formas **nós** e **a gente** com referência genérica, a fim de confirmar a tendência de maior uso de **a gente** em contextos com paralelismo, ou seja, em situações em que a forma antecedente, dentro de uma sequência discursiva, seja o próprio pronome **a gente**, corroborando com resultados apresentados em Borges (2004), Mendonça (2012), Santana (2014) e Souza e Oliveira (2014).

O paralelismo formal foi selecionado como o fator linguístico mais significativo para a variação **nós** e **a gente** com referência genérica. Os resultados apresentados na tabela 6 sugerem que a forma **a gente** tende a se repetir dentro de uma cadeia discursiva, apresentando peso relativo de 0,57 para ocorrências do pronome depois de uma forma idêntica, confirmando a relevância do paralelismo para o fenômeno. Por outro lado, as ocorrências de **a gente** depois de forma diferente, ou seja, em contextos sem paralelismo, apresentam peso relativo de 0,15, sugerindo o não favorecimento da forma em tais situações. A expressão **a gente** também é favorecida por contextos de ocorrência única, com peso relativo de 0,52. Os casos em que o pronome ocorre no início de uma série, embora apresente um valor percentual de 74,1%, não chega a funcionar como fator favorecedor de **a gente**, haja vista que seu peso relativo apresenta-se abaixo de 0,50.

Paralelismo	Aplicação/total	Porcentagem	Peso relativo
<b>Ocorrência única</b>	220/288	76,4	0,52
<b>1ª de uma série</b>	126/170	74,1	0,47
<b>Depois de forma idêntica</b>	257/310	82,9	0,57
<b>Depois de forma diferente</b>	22/63	34,9	0,15
<b>Aplicação/total</b>	625/831	75.2	-
<i>Log likelihood: - 377.173      significance: 0.000      range: 42</i>			

**Tabela 6:** Uso de **a gente** em função paralelismo formal

Os resultados confirmam nossa hipótese, sugerindo a tendência de maior probabilidade de uso da forma **a gente** em contextos com paralelismo formal, em que as formas ocorrem em cadeia numa sequência discursiva. Os estudos de Borges (2004), Mendonça (2012), Santana (2014) e Souza e Oliveira (2014) encontraram resultados semelhantes, com pesos relativos de 0,73 (423/479) – Jaguarão e 0,88 (639/650) – Pelotas, 0,71 (576/654), 0,93 (622/674) e 0,57 (406/540), respectivamente. Além de confirmar a tendência apresentada nos estudos citados,

nossos resultados também sugerem o favorecimento da forma **a gente** em contextos de ocorrência única.

#### 4.2.2 Deiticidade do especificador

A segunda variável linguística selecionada como significativa para a variação na expressão da 1ª pessoa do plural genérica foi a deiticidade do especificador. Nossa hipótese para essa variável era de que os contextos com especificadores com maior vinculação com a situação discursiva, isto é, dêiticos pessoal, espacial e temporal, favorecessem o uso da forma **a gente**. Após tratamento estatístico dos dados, constatamos que a variante **a gente** é favorecida por contextos em que há a presença de dêitico pessoal, com peso relativo de 0,71. Os especificadores do tipo dêitico espacial e dêitico temporal também favorecem o uso de **a gente** como estratégia de indeterminação do sujeito, com pesos de 0,64 e 0,54, respectivamente. A associação de um termo anafórico a um dêitico espacial, chamado nesse estudo de dêitico espaço/contextual, configura-se como o tipo de especificador com menor peso relativo em função de **a gente** (0,27), seguido pelos especificadores do tipo dêitico contextual (0,38), dêitico espaço/pessoal (0,40) e não dêitico (0,47).

Tipo de especificador	Aplicação/total	Porcentagem	Peso relativo
<b>Dêitico pessoal</b>	57/65	87,7	0,71
<b>Dêitico espacial</b>	71/81	87,7	0,64
<b>Dêitico temporal</b>	4/5	80	0,54
<b>Dêitico espaço/pessoal</b>	45/61	73,8	0,40
<b>Dêitico espaço/contextual</b>	10/18	55,6	0,27
<b>Dêitico contextual</b>	79/112	70,5	0,38
<b>Não dêitico</b>	116/162	71,6	0,47
<b>Aplicação/total</b>	382/504 <sup>17</sup>	75,8%	-
Log likelihood: - 377.173      significance: 0.000      range: 44			

**Tabela 7: Uso de a gente em função da deiticidade do especificador**

Os resultados apresentados na tabela 7 evidenciam que o maior grau de dêixis (dêitico pessoal, dêitico espacial e dêitico temporal), denotando maior inclusão do falante na referência

<sup>17</sup> Na análise, foi utilizado não se aplica (/) para os casos em que não havia a presença de especificador, por isso os dados não foram computados. Na amostra, ocorreram 243 casos de referência à 1ª pessoa do plural genérica sem a presença de especificador.

genérica, favorece o uso da forma **a gente**. Em outras palavras, a variante **a gente** é favorecida por contextos em que a interpretação do enunciado depende de conhecimentos pragmáticos a respeito da situação discursiva, vinculados à pessoa, lugar e tempo, ou seja, em contextos de maior grau de inclusão do falante na referência genérica, com menor grau de abrangência referencial. Em (80), (81) e (82), em que os dêiticos pessoal, espacial e temporal, respectivamente, são utilizados como termo especificador da referência da forma pronominal **a gente**, a interpretação do grupo referencial genérico está atrelada à situação discursiva, ligando-se ao falante, ao espaço da enunciação e ao tempo enunciado, respectivamente. Nesses casos, o referente apresenta menor abrangência, incluindo o falante de maneira mais direta no fato enunciado.

(80) F1: *e em relação à família você viaja muito com sua família? você é muito unido? pra onde vocês vão quando viajam?*

F2: *rapaz minha família a gente costuma sair geralmente sábado domingo assim para ir para algum lugar à praia em casa visitar os avós viaja assim pra outros lugares casa de praia nossa família assim minha família mesmo de avós não minha família mesmo pai e mãe é unida agora em questão pai avó é parentes eu não acho muito unida assim não* (Dg-Ln P MM I17)

(81) Doc: *e a questão dos professores como é?*

Inf: *com relação (hes) (expondo) que aqui é uma escola pública eu até acho legal porque aqui a gente não recebe o tipo de atenção que eu acho que receberia em outro tipo de colégio do estado porque é o único que tem () eu acho que aqui é melhor que outros colégios* (E19F)

(82) Doc: *qual a diferença que você vê entre essas outras escolas que você estudou e o Atheneu? Algum exemplo assim de de diferente*

Inf: *a diferença é porque antes a gente num tinha que estudar tanto era eles passava mais besteira pra os alunos passarem de ano trabalhos coisa assim mais fácil mas não explicavam direito o assunto às vezes faltavam às vezes é os diretores num olhavam direito a escola os coordenadores também* (E14F)

Por outro lado, em (83), o dêitico espaço/contextual, embora apresente o mesmo grau de abrangência apresentado em (81), por exemplo, já que ambos referem-se ao grupo *alunos do Atheneu*, configura-se como um contexto desfavorecedor da forma **a gente**. Os contextos com especificadores do tipo dêitico contextual, dêitico espaço/pessoal e não dêitico também desfavorecem o uso de **a gente**, sugerindo que a forma **a gente** apresenta maior probabilidade de uso nos contextos com especificadores com maior grau de dêixis.

(83) F1: *o período de férias é um dos mais desejados por muitos ... viajar conhecer outros lugares estar próximo dos amigos e familiares é muito gratificante ... sem falar nas recordações que ficam dos amigos e familiares ... o que é que você acha de*  
F2: *férias é um um ... férias é uma coisa desejada né? por todos ... e é um momento que nós tiramos pra descansar né? o dia a dia aqui nesse colégio é um dia que **nós***

*... fazemos muitas coisas ... **somos** envolvidos o dia todo com o colégio quando é à noite **nós** ainda temos nossas outras atividades **temos** família ... **temos** eh ... outras atividades então o período* (Pc-Fp P FM I08)

Os resultados sugerem oposição entre os tipos de especificadores efetivamente dêiticos, favorecedores da forma **a gente**, e os especificadores com características mais anafóricas (dêitico espaço/contextual, como em (83), e dêitico contextual, como em (84)), contextos com menor probabilidade de uso de **a gente**. Além disso, os resultados também dão indícios de que contextos com especificadores não dêiticos, como em (85), desfavorecem o uso da forma **a gente**, sugerindo, de maneira geral, uma oposição entre dêiticos (maior frequência de uso de **a gente**) e não dêiticos (menor probabilidade de uso de **a gente** como recurso de indeterminação do sujeito). Porém, os contextos com especificador dêitico espaço/pessoal, como em (86), parece fugir a essa regra, pois seu peso relativo abaixo de 0,50 sugere desfavorecimento do uso de **a gente**. Esses resultados sugerem que, além do fator dêitidade, o grau de dêixis também é significativo para o uso das formas de 1ª pessoa do plural com referência genérica, haja vista que a forma **a gente** apresenta maior frequência de uso em contextos com especificadores efetivamente dêiticos (pessoal, espacial e temporal).

(84) Doc: *o que você acha daqui? por que você decidiu ou seus pais no caso decidiram que você deveria estudar no colégio Atheneu?*

[...]

Doc: *é qual a importância que você acha do ensino integral da escola?*

Inf: *porque a pessoa a uma parte do seu tempo estudando e que e se **nós** estudássemos apenas um turno o outro poderia ser desperdiçado* (E09M)

(85) F1: *na verdade aqui em Sergipe **nós** não temos essa*

F2: *esses recursos*

F1: *esses recursos né? a única coisa que **nós** temos é as vezes é o nosso conhecimento do dia-a-dia como fazer então **a gente** mesmo presta*

F2: *o socorro*

F1: *presta recurso socorro* (Jk-Fp D FM I26)

(86) F2: *eu tenho medo na verdade sabe? Eu tenho medo porque hoje todo mundo pode tudo isso é que me dá medo criança lá em casa mesmo lá em casa né? **nós** temos um a educação da minha mãe pra as minhas metas as metas dela é de elas não usarem celular até determinada tipo de até determinada idade ou seja só podem ter contato com celular depois de uma certa idade mas eu conheço pessoas crianças que já tem contato com celular assim dois anos de idade já tem um já tem celular e isso é eu acho que pode afetar o desenvolvimento da criança pode fazer com que a criança não tenha infância* (Jk-Fp D FM I26)

Os resultados confirmam nossa hipótese em relação ao uso de **a gente** em contextos mais dêiticos, em que a interpretação referencial fica atrelada ao contexto discursivo em que o falante se encontra, denotando menor abrangência referencial.

### 4.2.3 Definitude

As formas de 1ª pessoa do plural com referência genérica podem apresentar referente [+/- definido], conforme exemplos em (87) e (88). Em (87), a falta de termo especificador da referência das formas de 1ª pessoa do plural, caracteriza o referente como [- definido]. Já em (88), o grupo genérico *amigos* é identificado por meio do especificador “com os meus amigos do colégio”, tornando o referente da forma **a gente** [+ definido]. Nossa hipótese é de que os contextos [+ definidos], favoreçam o uso da forma **a gente**.

(87) F1: *assim são **nós** temos as nos dife- **somos** iguais algumas alguns aspectos diferente em outras e ninguém tem que aceitar nada de ninguém **nós** temos que viver cada um a sua vida* (Jk-Fp D FM I26)

(88) F1:  *você gosta muito de viajar?*  
F2: *olhe eu viajo direto todo todo todo mês eu fico eu viajo pra algum lugar a última viagem que eu fiz foi pra Xingó com os meus amigos do colégio rapaz **a gente** saiu daqui cinco horas da manhã foi uma coisa muito boa fiz tantas coisas e antes eu já tinha viajado um tempinho antes eu fui eu viajei pra* (Pc-Mk P FF I07)

Os resultados sugerem que o pronome **a gente** utilizado como recurso de indeterminação do sujeito é favorecido por contextos com especificador [+ definido], com peso de 0,61, conforme exposto na tabela 8, confirmando nossa hipótese.

Definitude	Aplicação/total	Porcentagem	Peso relativo
<b>+ definido</b>	380/490	77,6	0,61
<b>- definido</b>	245/341	71,8	0,33
<b>Aplicação/total</b>	625/831	75,2%	-
<i>Log likelihood: - 377.173      significance: 0.000      range: 28</i>			

**Tabela 8: Uso de a gente em função da definitude**

O controle dessa variável se mostra significativo para compreensão da natureza gradual da indeterminação, visto que o uso das formas de 1ª pessoa do plural com referência genérica apresenta uma gradação do [+ indeterminado] – os casos com referente [- definido], ao [- indeterminado] – referentes com o traço [+ definido]. Os resultados apontam que a forma **a gente** apresenta maior frequência de uso em contextos com menor grau de generalização e, por conseguinte, com maior grau de inclusão do falante na referência genérica.

O controle da definitude das formas pronominais de primeira pessoa do plural no português brasileiro é significativo para a compreensão da noção de gradação de especificidade, pois mesmo em contextos [- específicos], casos de indeterminação do sujeito, há graus de

generalização, marcados linguisticamente pela presença/ausência de termos especificadores. Nossos resultados, ao contrário do que propõe Enç (1991), confirmam a possibilidade de termos [+ definidos] apresentarem referência [- específica], conforme postura adotada por Von Heusinger e Kaiser (2003) em relação ao espanhol.

Os resultados sugerem que as formas variantes de primeira pessoa do plural no português brasileiro podem estar perdendo a distinção de marcação genérico/específico, haja vista que a forma **a gente**, atrelada a contextos mais genéricos, conforme apontam estudos como Omena (1986), Lopes (1998), apresenta, na amostra analisada, maior frequência de uso em contextos com menor grau de indeterminação, marcados linguisticamente pela presença de um especificador de referência [+ definido]. Esses resultados corroboram com tendência apresentada em estudos sociolinguísticos mais recentes a respeito da variação **nós** e **a gente**, em que a forma **a gente** tem apresentado um aumento de frequência de uso em contextos de maior especificidade semântica, como demonstram os estudos de Seara (2000), Borges (2004), Silva (2004), Silva (2010), Franceschini (2011) e Mendonça (2012).

#### 4.2.4 Grupo referencial

A variável grupo referencial não foi selecionada como estatisticamente relevante para a variação na expressão da 1ª pessoa do plural com referência genérica, porém consideramos que esse grupo de fator é significativo para a compreensão dos diferentes graus de generalização expressos pelas estratégias de indeterminação do sujeito de 1ª pessoa do plural. Nossa hipótese era de que grupos referenciais menos abrangentes favorecem o uso da forma **a gente**.

Após análise inicial, dos 24 grupos referenciais descritos na seção 3.3.1.2, cinco grupos foram excluídos da análise por, além de apresentarem baixa frequência de uso dentro do *corpus*, são categoricamente associados com a forma **a gente**. São eles: i) bairro; ii) adolescentes; iii) grupo social; iv) pesquisadores e v) paulistas. A fim de realizar uma análise mais criteriosa, amalgamamos, utilizando os critérios de pertencimento e tamanho dos grupos, os seguintes fatores:

- i) Humanidade – mulheres – homens: humanidade;
- ii) Nordestinos – sergipanos: nordestinos;
- iii) Igreja – coroinhas: Igreja;
- iv) Alunos – estudantes que realizaram a prova do ENEM – alunos de escola pública: alunos;

v) Alunos do Atheneu – Atheneu – alunos do terceiro ano – alunos de escola anterior: alunos do Atheneu.

Os resultados em função do grupo referencial, após ajustes, são apresentados na tabela 9. As estratégias de indeterminação do sujeito de 1ª pessoa do plural são mais utilizadas para fazer referência ao grupo humanidade, com percentual total de 32,9%. A referência aos alunos do Atheneu e ao grupo ambíguo também apresenta-se, dentro do *corpus* analisado, como contexto favorecedor do uso das formas de 1ª pessoa do plural com referência genérica, apresentando porcentagem de 19,2% e 10,4%, respectivamente. Esses resultados gerais apontam para uma maior frequência de uso das formas de 1ª pessoa do plural para fazer referência a grupos mais genéricos, como humanidade e ambíguo. Faz-se necessário esclarecer que a ocorrência, com percentual alto, de contextos relativos ao grupo alunos do Atheneu deve-se aos procedimentos de coleta, os quais direcionavam os informantes a falarem sobre suas posições a respeito do colégio e da educação de uma maneira geral.

Grupo referencial	A gente		
	Aplicação/total	%	PR
<b>Humanidade</b>	194/265	73,2	[0,68]
<b>Brasileiros</b>	40/66	60,6	[0,28]
<b>Nordestinos</b>	19/27	70,4	[0,44]
<b>Igreja</b>	33/50	66	[0,27]
<b>Alunos</b>	30/34	88,2	[0,70]
<b>Alunos do Atheneu</b>	121/155	78,1	[0,26]
<b>Turma</b>	18/22	81,8	[0,52]
<b>Família</b>	52/60	86,7	[0,43]
<b>Amigos</b>	33/43	76,7	[0,51]
<b>Ambíguo</b>	60/84	71,4	[0,64]

**Tabela 9: Resultados em função do grupo referencial.**<sup>18</sup>

<sup>18</sup> Como dito no início do capítulo, os dados dos grupos referenciais i) bairro; ii) adolescentes; iii) grupo social; iv) pesquisadores e v) paulistas não foram computados, pois além de apresentarem baixa frequência de uso dentro do *corpus*, estão associados categoricamente dados de **a gente**. Os pesos relativos entre colchetes não foram selecionados como estatisticamente significativos.



Os grupos que mais favorecem o uso da forma **a gente** são: alunos (88,2%), família (86,7%), turma (81,8%) e alunos do Atheneu (78,1%), sugerindo que grupos de menor grau de generalização, com valor social de pertencimento mais ativo/direto apresentam maior frequência de uso de **a gente** como recurso de indeterminação, confirmando nossa hipótese. Em (89), por exemplo, o uso de **a gente** como estratégia de indeterminação do sujeito ocorre em um contexto de menor generalização, haja vista que o falante se inclui de maneira direta na referência da forma pronominal, deixando claro seu pertencimento ao grupo de *alunos* que utilizam o celular na sala de aula. O informante começa a discorrer sobre o assunto falando de seu contexto pessoal – *quando eu me vejo com a nota baixa eu lembro poxa eu não prestei atenção na aula*, o que demonstra que a generalização do referente foi utilizada como estratégia de polidez, pois o falante amplia a referência do sujeito pronominal, tirando o foco de sua experiência pessoal.

(89) F1: *eh ... o colégio Atheneu ... o uso de celular durante as aulas é proibido pois atrapalha a concentração dos estudantes ... mas ... tem pessoas que insiste ... eh ... com o uso do aparelho ... não não aceita e continua usando durante as aulas ... você acha isso certo?*

F2: *rapaz eu acho isso errado ... só que ... eu até eu faço isso ((RISOS)) e às vezes tipo quando eu me vejo com a nota baixa eu lembro poxa eu não prestei atenção na aula tava mexendo no celular ... mas eu acho que isso é errado porque a gente acha que é uma besteira ah que não vai perder tal coisa ... é besteira uma aula besta e a gente muitas vezes perde um assunto ... perde uma coisa que é importante acha que foi uma besteira*

F1: *perde o assunto ... que vai acarretar no nosso futuro né?*

F2: *é ... porque a gente tava mexendo no celular (Pc-Jk D FF I28)*

Por outro lado, a forma **nós** é favorecida pelos contextos de referência aos grupos: brasileiros (39,4%), igreja (34%), nordestinos (29,6%) e ambíguo (28,6%), os quais apresentam maior grau de generalização, com valor social de pertencimento menos ativo/direto. Em (90), a referência aos *brasileiros* é feita de maneira genérica por meio do pronome **nós**, nesse caso, o falante se inclui de maneira menos direta, pois o grupo referencial é mais abrangente, se comparado à referência genérica aos *alunos* em (89). A generalização, nesse excerto, também é utilizada como estratégia de polidez, pois o falante utiliza a forma de 1ª pessoa do plural genérica para assumir uma posição em relação ao conteúdo proposicional, sem se restringir ao seu ponto de vista, preservando sua face.

(90) F1: *hum é a prioridade do governo você acha que que a educação ela deve ser uma prioridade do governo ou no nos tempos atuais porque nós vemos que a o Brasil ele investe muito no investiu muito nos é estádio de futebol investe em petróleo investe numa série de coisas e a educação ela tem sido?*

F2: *deixado de lado (Fp-Dg D MM I20)*

Os resultados em função do grupo referencial, assim como os apresentados na seção 4.2.3 em relação à variável definitude, sugerem uma tendência ao uso da forma **a gente** em contextos com menor grau de generalização, apontando uma tendência de perda da distinção de marcação genérico/específico.

#### 4.2.5 Grau de generalização das formas de 1ª pessoa do plural

Os resultados em função das variáveis deiticidade do especificador, definitude e grupo referencial dão indícios de que a forma **a gente** apresenta maior frequência de uso em contextos [+ definidos], com probabilidade de 0,61; em contextos com especificadores dêiticos (dêitico pessoal – 0,71, espacial – 0,64 e temporal – 0,54), bem como em contextos referenciais menos abrangentes, com maior grau de inclusão do falante (alunos – 88,2%; família – 86,7%; turma – 81,8%; alunos do Atheneu (78,1%). Esses resultados sugerem que o uso da forma pronominal **a gente** como recurso de indeterminação do sujeito ocorre em contextos com menor grau de generalização da referência, denotando maior inclusão do falante no grupo referencial genérico, bem como maior grau de proximidade do conteúdo proposicional, corroborando com tendências apresentadas nos estudos de Seara (2000), Borges (2004), Silva (2004), Silva (2010), Franceschini (2011) e Mendonça (2012), em que os autores contataram uma tendência de **a gente** ser utilizado também em contextos de maior especificidade semântica.

### 4.3 VALOR SOCIAL DAS ESTRATÉGIAS DE INDETERMINAÇÃO

Expomos, nesta seção, os resultados das variáveis sociais significativas para o funcionamento da expressão de referentes genéricos por meio da 1ª pessoa do plural, apresentando considerações a respeito do valor social da variação.

#### 4.3.1 Sexo/gênero

Em estudos sociolinguísticos, o controle da variável sexo/gênero é imprescindível, haja vista a necessidade de sistematização da relação entre os usos linguísticos e os papéis sociais exercidos pelos falantes (FREITAG, 2015). O sexo/gênero configura-se como um âmbito social bem demarcado por posturas sociais diferenciadas, sendo, por isso, um fator significativo para os estudos de variação e mudança. Nossa hipótese em relação ao uso da 1ª pessoa do plural com referência genérica é de que nossos resultados confirmem tendências apontadas nos estudos de

Godoy (1999), Seara (2000), Silva (2004), Brustolin (2009), Mendonça (2012), Souza e Oliveira (2014) e Santos (2014), em que a forma **a gente** apresentou maior probabilidade de uso por mulheres.

Após o tratamento estatístico dos dados, a variável sexo/gênero foi selecionada como a mais significativa para a variação **nós** e **a gente** como recurso de indeterminação do sujeito. Os resultados apresentados na tabela 10 dão indícios de que o sexo/gênero feminino tende a utilizar mais a forma **a gente** como estratégia de indeterminação, com peso relativo de 0,76.

Sexo/gênero	Aplicação/total	Porcentagem	Peso relativo
<b>Masculino</b>	254/407	62,4	0,23
<b>Feminino</b>	371/424	87,5	0,76
<b>Aplicação/total</b>	625/831	75,2%	-
<i>Log likelihood: - 377.173      significance: 0.000      range: 53</i>			

**Tabela 10:** Uso de **a gente** em função do sexo/gênero.

Os resultados confirmam nossa hipótese, tendo em vista que a estratégia de indeterminação do sujeito **a gente** apresenta maior frequência de uso por falantes do sexo/gênero feminino. Os resultados sugerem também que a forma **nós** apresenta maior probabilidade de ser utilizada como recurso de indeterminação do sujeito por falantes do sexo/gênero masculino, tendo em vista que a probabilidade de uso de **a gente** por homens é de 0,23. Resultados semelhantes foram encontrados em estudos a respeito da variação **nós** e **a gente**: Seara (2000), em que os resultados apontam para uma maior frequência de uso de **a gente** por mulheres, com peso relativo de 0,66 (333/415); Silva (2004), em que a autora constatou a probabilidade de 0,57 (204/381) para o uso da forma **a gente** por mulheres; Brustolin (2009), em que a forma **a gente** apresenta maior frequência de uso por informantes do sexo/gênero feminino, com peso relativo de 0,64 (280/959); Mendonça (2012), em que **a gente** apresentou maior frequência de uso pelas mulheres, com peso de 0,60 (838/1045); e Santos (2014), em que as mulheres apresentaram probabilidade de uso da forma **a gente** de 0,69 (655/679). O estudo de Souza e Oliveira (2014) a respeito das estratégias de indeterminação do sujeito também apontou para uma maior probabilidade de uso da forma **a gente** pelas mulheres, com peso relativo de 0,55 (444/604). A confirmação da tendência de maior uso da forma **a gente** por mulheres, sugere uma oposição de sexo/gênero relativamente estável no uso das formas de 1ª pessoa do plural.

### 4.3.2 Tipo de coleta

A segunda variável social selecionada pelo programa foi o tipo de coleta. Com base nos resultados de Santos (2014), em que a forma **a gente** apresentou maior frequência de uso nas interações conduzidas, com peso de 0,60 (861/1031), esperamos encontrar resultados semelhantes em nosso estudo.

Os resultados indicam que as entrevistas sociolinguísticas favorecem o uso da forma **a gente**, com peso relativo de 0,61, o que contraria a nossa hipótese inicial. Acreditamos que o resultado diferente em relação aos apresentados em Santos (2014), deva-se a restrição referencial, haja vista que estamos trabalhando apenas com as formas de 1ª pessoa do plural com referência genérica, enquanto que Santos (2014) trabalhou com todas as formas **nós** e **a gente** na posição de sujeito.

Tipo de coleta	Aplicação/total	Porcentagem	Peso relativo
<b>Entrevista</b>	238/282	84,4	0,61
<b>Interação</b>	387/549	70,4	0,44
<b>Aplicação/total</b>	625/831	75,2%	-
Log likelihood: - 377.173      significance: 0.000      range: 17			

**Tabela 11: Uso de a gente em função do tipo de coleta.**

Os resultados podem ser justificados a partir dos direcionamentos temáticos realizados em cada tipo de coleta. Nas entrevistas, as perguntas direcionadas ao informante tinham relação direta com temas mais restritos, por exemplo, relacionados à escola e ao seu funcionamento, favorecendo, dessa forma, referentes de menor abrangência, com maior frequência de uso da forma **a gente**, conforme discutimos na seção 4.2.4. Já os temas presentes nos cartões que conduziram as interações eram mais abrangentes, incluindo temas como educação, meio ambiente, redes sociais, saúde pública etc., levando o falante a utilizar referentes mais genéricos, logo, apresentando menor frequência de uso de **a gente**, como vimos na seção 4.2.4.

### 4.3.3 Interação quanto ao sexo/gênero

O controle da variável tipo de interação quanto ao sexo/gênero também apresenta relevância para a variação na expressão da 1ª pessoa do plural genérica. Nossa hipótese era de que os resultados apresentados em Santos (2014) e Mendonça e Nascimento (2015) fossem

confirmados, sugerindo maior probabilidade de uso da forma **a gente** em interações do tipo feminino-feminino.

Conforme a tabela 12, os resultados demonstram que, embora o valor percentual seja maior nas interações do tipo feminino-feminino (85,4%), evidenciando maior frequência de uso da forma **a gente** em tais situações interativas, o contexto com maior probabilidade de uso de **a gente** diz respeito às interações do tipo masculino-masculino.

Interação quanto ao sexo/gênero	Aplicação/total	Porcentagem	Peso relativo
<b>Masculino - masculino</b>	130/184	70,7	0,71
<b>Masculino - feminino</b>	101/123	82,1	0,54
<b>Feminino - feminino</b>	252/295	85,4	0,31
<b>Feminino - masculino</b>	142/229	62	0,53
<b>Aplicação/total</b>	625/831	75,2%	-
<i>Log likelihood: - 377.173      significance: 0.000      range: 40</i>			

**Tabela 12:** Uso de **a gente** em função do tipo de interação quanto ao sexo/gênero

Os resultados contrariam a hipótese aventada, pois esperava-se que as interações do tipo feminino-feminino fossem as mais relevantes para o uso do pronome **a gente**, visto que o sexo/gênero feminino tende a utilizá-la em maior frequência, conforme exposto na seção 4.3.1. No entanto, há indícios de enviesamento dos resultados, sendo necessário análise mais aprofundada para compreender o que gerou esse enviesamento.

#### 4.4 INDETERMINAÇÃO DO SUJEITO E POLIDEZ

Nesta seção, discorreremos a respeito dos resultados em função das variáveis pragmáticas atreladas à expressão da polidez, controladas apenas nas interações, conforme procedimentos metodológicos expostos no capítulo 3. Os resultados demonstram que todos os fatores pragmáticos controlados são significativos para a variação **nós** e **a gente** como estratégia de indeterminação.

#### 4.4.1 Distância social

O controle da variável distância social tem como objetivo analisar sua influência no uso das formas de 1ª pessoa do plural com referência genérica como estratégia de polidez. Nossa hipótese, em relação a essa variável, é de que a forma **a gente** seja favorecida por contextos em que os interlocutores mantêm grau distante de familiaridade, ou seja, em contextos mais polidos, confirmando tendência apresentada nos estudos de Santos (2014) e Mendonça e Nascimento (2015).

Os resultados sugerem que o grau de familiaridade distante favorece o uso da variante **a gente**, com peso relativo de 0,58. Considerando que as relações distantes são contextos de maior necessidade de preservação de face, os resultados confirmam nossa hipótese geral de que a forma **a gente** apresenta maior probabilidade de uso em contextos mais polidos.

Grau de familiaridade	Aplicação/total	Porcentagem	Peso relativo
<b>Próximo</b>	213/321	66,4	0,43
<b>Distante</b>	174/228	76,3	0,58
<b>Aplicação/total</b>	387/549 <sup>19</sup>	70,5%	-
<i>Log likelihood: - 304.376      significance: 0.019      range: 15</i>			

**Tabela 13: Influência do grau de familiaridade no uso de a gente**

Os resultados confirmam a hipótese levantada, sugerindo que a forma **a gente** tende a ser mais utilizada em contextos de maior polidez. Resultados semelhantes foram encontrados no estudo de Santos (2014), em que a autora constatou maior probabilidade de uso da forma **a gente** em relações distantes, com peso relativo de 0,60 (466/524); e Mendonça e Nascimento (2015), em estudo sobre as estratégias de indeterminação, a forma **a gente** apresentou frequência de uso de 24,7% (363/1472), enquanto a forma **nós** apresentou frequência de 1,7% (25/1472) nesse tipo de interação.

#### 4.4.2 Poder relativo

O controle da variável poder relativo ocorreu por meio do domínio do tópico discursivo, conforme procedimentos metodológicos apresentados no capítulo 3. Nossa hipótese era de que a forma **a gente** apresentasse maior frequência de uso nos contextos com maior grau de polidez,

<sup>19</sup> As variáveis pragmáticas foram analisadas apenas na amostra de interações conduzidas.

ou seja, nos casos em que o informante se encontra sem o domínio do tópico conversacional, tendo em vista a tendência de sermos mais polidos em contextos em que exercemos menor poder social.

Os resultados na tabela 14 indicam que os informantes sem o domínio do tópico discursivo tendem a utilizar a forma **a gente**, com peso relativo de 0,56. Considerando que o informante na posição de não dominador sente a necessidade de ser mais polido com seu interlocutor (dominador do tópico), tendo em vista que o informante com domínio do tópico interacional pode conduzir a interação de maneira a afetar em maior ou menor grau as faces do interlocutor, os resultados sugerem que o informante sem o domínio do tópico busca atenuar os riscos a sua face, em maior frequência, por meio do uso da forma **a gente**, incluindo-se em grupos referenciais genéricos.

Domínio do tópico	Aplicação/total	Porcentagem	Peso relativo
<b>Dominador</b>	72/131	55	0,30
<b>Não dominador</b>	315/418	75,4	0,56
<b>Aplicação/total</b>	387/549	70,5%	-
<i>Log likelihood: - 304.376      significance: 0.019      range: 26</i>			

**Tabela 14: Uso de a gente em função do domínio do tópico interacional**

Os resultados confirmam nossa hipótese, sugerindo que a forma **a gente** tende a apresentar maior probabilidade de uso em contextos de maior polidez, em que o falante utiliza-se da forma de 1ª pessoa do plural com referência genérica para preservar sua face.

#### 4.4.3 Custo de imposição do ato comunicativo

O grau de imposição de um ato comunicativo varia entre situações aparentemente neutras (assuntos mais gerais); tópicos +/- impositivos (temas de cunho social) e tópicos impositivos (experiências pessoais). Nossa hipótese para o controle dessa variável é que os tópicos impositivos favoreçam o uso de **a gente**, tendo em vista que assuntos menos abrangentes afetam mais diretamente o espaço pessoal, levando o falante a preservar sua face em maior grau.

Os resultados dão indícios de que a variante **a gente** é favorecida por contextos em que há maior custo de imposição, ou seja, em contextos com temas impositivos, com peso relativo

de 0,69. Nossa hipótese é confirmada, haja vista que os resultados sugerem maior uso da forma **a gente** em contextos mais polidos.

Grau de imposição	Aplicação/total	Porcentagem	Peso relativo
<b>Menos impositivo</b>	119/181	65,7	0,42
<b>+/- impositivo</b>	142/217	65,4	0,42
<b>Impositivo</b>	126/151	83,4	0,69
<b>Aplicação/total</b>	387/549	70,5%	-
<i>Log likelihood: - 304.376      significance: 0.019      range: 27</i>			

**Tabela 15: Uso de a gente em função do custo de imposição do ato comunicativo**

Os resultados em função do custo de imposição de um ato comunicativo, assim com os apresentados nas seções 4.4.1 e 4.4.2, relativos à distância social e ao domínio do tópico interacional, respectivamente, confirmam nossa hipótese geral de que a variante **a gente** apresenta maior probabilidade de uso em contextos de maior grau de polidez, isto é, em interações com grau distante de familiaridade entre os interlocutores, em situações em que o falante encontra-se sem o domínio do tópico interacional (menor poder) e em contextos de maior grau de imposição do ato comunicativo.

#### 4.4.4 Microgrupo de amizade

A variável microgrupo de amizade foi controlada a partir do grupo identitário de cada informante, três grupos foram considerados (grupo 1 - 2º ano; grupo 2 – 3º B; e grupo 3 – 3º C), conforme representado nas figuras 3 e 5, seção 3.2. Nossa hipótese para o controle dessa variável é de que a forma **a gente** apresente maior frequência de uso nos microgrupos do terceiro ano (grupo 2 e grupo 3), tendo em vista a marcação de identidade nesse grupo ser maior dentro da comunidade de prática, acreditamos que os informantes desses grupos liderem o uso da forma inovadora.

Os resultados em função da variável microgrupo de amizade evidenciam que a forma **a gente** apresenta maior frequência de uso nos grupos do terceiro ano, grupo 2 (3º B), com peso relativo de 0,60 e grupo 3 (3º A), com peso relativo de 0,57.



Microgrupo	Aplicação/total	Porcentagem	Peso relativo
<b>Grupo 1</b>	216/325	66,5	0,44
<b>Grupo 2</b>	48/62	77,4	0,60
<b>Grupo 3</b>	123/162	75,9	0,57
<b>Aplicação/total</b>	387/549	70,5%	-
<i>Log likelihood: - 304.376</i>		<i>significance: 0.019</i>	<i>range: 16</i>

**Tabela 16: Influência do microgrupo de amizade sobre o uso de a gente**

Os resultados confirmam a hipótese levantada, sugerindo que os informantes dos microgrupos do terceiro ano (grupo 2 e grupo 3) tendem a utilizar mais a forma **a gente** como estratégia de indeterminação do sujeito. Os resultados sugerem também que a posição de liderança dentro da escola exercida pelos alunos do terceiro ano, conforme exposto no capítulo 3, favorece o uso da forma inovadora (**a gente**).

#### 4.5 TENDÊNCIAS DE USO DE NÓS E A GENTE E A INDETERMINAÇÃO COMO POLIDEZ

A partir da análise da amostra *Dados de fala de estudantes do Atheneu Sergipense*, constatamos que a variante **a gente** apresenta maior tendência de uso como recurso de indeterminação do sujeito. Os resultados sugerem que as variáveis paralelismo formal, deiticidade do especificador, definitude, sexo/gênero, tipo de coleta, interação quanto ao sexo/gênero, distância social, poder relativo, custo de imposição do ato comunicativo e microgrupo de amizade são, nesta amostra, significativas para a variação na expressão da 1ª pessoa do plural com referência genérica.

Após análise estatística dos dados, os resultados indicam que a forma **a gente** apresenta maior probabilidade de uso em contextos de paralelismo formal, sendo favorecida em situações em que a forma antecedente é o próprio **a gente**, corroborando com resultados de Borges (2004), Mendonça (2012), Santana (2014) e Souza e Oliveira (2014), bem como em situações de ocorrência única. Em relação às variáveis deiticidade do especificador e definitude, os resultados dão indícios de que os contextos [+ definidos] e com especificadores do tipo dêitico pessoal são favorecedores de **a gente** como recurso de indeterminação do sujeito.

A análise da variável sexo/gênero aponta para uma maior frequência de uso do pronome **a gente** por informantes do sexo/gênero feminino. O tipo de coleta de dados também se mostrou

significativo para a variação **nós** e **a gente** com referência genérica, sugerindo que **a gente** apresenta maior frequência de uso em entrevistas sociolinguísticas.

A análise do tipo de coleta, considerando dois modelos metodológicos, possibilita uma ampliação na constituição de banco de dados sociolinguísticos, uma vez que a inclusão do controle de variáveis pragmáticas como distância social dos interagentes, relações de poder e grau do custo da imposição, permite uma ampliação na compreensão dos fenômenos linguísticos em variação. No entanto, a constituição de banco de dados dessa natureza, como realizado na constituição das amostras *Rede Social de Informantes Universitários* e *Dados de fala de estudantes do Atheneu Sergipense* requer mais tempo, maior investimento em recurso humano capacitado, bem como maior inserção dos pesquisadores na comunidade analisada.

Todas as variáveis pragmáticas atreladas à expressão da polidez controladas se mostraram significativas para o fenômeno, de maneira semelhante aos resultados de Santos (2014), que também controlou variáveis pragmáticas em interações conduzidas. Os resultados sugerem que a variante **a gente** apresenta maior frequência de uso em interações com grau distante de familiaridade entre os interlocutores, em situações em que o falante encontra-se sem o domínio do tópico interacional e em contextos com maior grau de imposição do ato comunicativo, confirmando nossa hipótese geral a respeito da maior probabilidade de uso de **a gente** em contextos mais polidos. Em relação à variável microgrupo de amizade, os resultados dão indícios de que os informantes dos microgrupos do terceiro ano (grupo 2 e grupo 3) tendem a utilizar em maior frequência a forma **a gente** como estratégia de indeterminação do sujeito.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, objetivou-se analisar o uso das formas de 1ª pessoa do plural com referência genérica, buscando identificar condicionamentos estruturais, sociais e pragmáticos para a variação **nós** e **a gente** como estratégia de indeterminação do sujeito. Após análise da amostra *Dados de fala de estudantes do Atheneu Sergipense*, constituída a partir de dois tipos de coleta (Entrevista sociolinguística e Interação conduzida), verificamos que a forma **a gente** apresenta maior probabilidade de uso em contextos de menor grau de generalização e em situações mais polidas.

No primeiro capítulo, discorremos a respeito da indeterminação do sujeito, apresentando considerações teóricas sobre as noções de definitude e especificidade (ENÇ, 1991; VON HEUSINGER; KAISER, 2003). Apresentamos também o modelo de polidez de Brown e Levinson (2011[1987]), utilizado em nosso estudo como aporte teórico-metodológico para o controle de variáveis pragmática atreladas à expressão da polidez linguística. Apresentamos, ainda, questões relativas à pessoa (BENVENISTE, 2005) e impessoalidade (SIEWIERSKA, 2007).

No segundo capítulo, a partir dos resultados apresentados nos estudos de Lopes (1998), Godoy (1999), Seara (2000), Borges (2004), Silva (2004), Brustolin (2009), Silva (2010), Franceschini (2011), Mendonça (2012), Santos (2014), Santana (2014), Souza e Oliveira (2014) e Mendonça e Nascimento (2015), fazemos uma revisão dos fatores linguísticos, sociais e pragmáticos relevantes para a variação **nós** e **a gente**.

O terceiro capítulo destinou-se a apresentação dos procedimentos metodológicos adotados na pesquisa. Discorremos a respeito do modelo teórico-metodológico da Sociolinguística variacionista. Descrevemos os procedimentos de constituição da amostra *Dados de fala de estudantes do Atheneu Sergipense*. Apresentamos também as variáveis controladas, com conceituação, exemplificação e hipóteses.

De maneira geral, os resultados indicam que a variação na expressão da 1ª pessoa do plural com referência genérica é condicionada por fatores estruturais de ordem sintático-semântica, sociais e pragmáticos. Em relação funcionamento sintático-semântico da variação, os resultados sugerem que a forma **a gente** apresenta maior probabilidade de uso em contextos com paralelismo formal, com referentes [+ definidos] e com a presença de especificadores de natura dêitica. O tipo de coleta entrevista sociolinguística favorece o uso do pronome **a gente**

como recurso de indeterminação do sujeito. Os resultados evidenciam também que as mulheres apresentam maior tendência ao uso da forma **a gente**. No que diz respeito às variáveis pragmáticas, a forma **a gente** é favorecida em interações em que os interlocutores têm grau distante de familiaridade, em situações em que o falante se encontra sem o domínio do tópico interacional, e em contextos de maior grau de imposição do ato comunicativo, evidenciando que **a gente** apresenta maior probabilidade de uso em contextos mais polidos.

Por analisar fatores estruturais, sociais e pragmáticos, considerando dois modelos metodológicos de coleta, nossa pesquisa se mostra significativa para o estudo das formas de 1ª pessoa do plural com referência genérica, haja vista que a inclusão do falante em referentes genéricos funciona como estratégia de polidez, em que o falante se aproxima ou se distancia do conteúdo proposicional, conforme negociações necessárias para o equilíbrio da comunicação, preservando as faces dos interlocutores.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, Eva Maria Siqueira. **O Atheneu Sergipense**: traços de uma história. Aracaju: ADGRAF Gráfica e Editora, 2005.
- ARAUJO, Andréia Silva. **“Você me faria um favor?” O futuro do pretérito e a expressão de polidez**. 2014. 115 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2014.
- ARAUJO, Andréia Silva; SANTOS, Kelly Carine dos; FREITAG, Raquel Meister Ko. Redes sociais, variação linguística e polidez: procedimentos de coleta de dados, p. 99-116. In: FREITAG, Raquel Meister Ko. (Organizadora). **Metodologia de Coleta e Manipulação de Dados em Sociolinguística**. São Paulo: Editora Edgard Blücher, 2014. <http://dx.doi.org/10.5151/BlucherOA-MCMDS-8cap>.
- BATTISTI, Elisa. Redes sociais, identidade e variação linguística, p. 79-98. In: FREITAG, Raquel Meister Ko. (Organizadora). **Metodologia de Coleta e Manipulação de Dados em Sociolinguística**. São Paulo: Editora Edgard Blücher, 2014. <http://dx.doi.org/10.5151/BlucherOA-MCMDS-7cap>.
- BENVENISTE, ÉMILE. **Problemas de linguística geral I**. – 5ª edição – Campinas, SP. Pontes Editores, 2005 [1974].
- BORGES, Paulo Ricardo Silveira. **A gramaticalização de a gente no português brasileiro**: análise histórico-social-linguística da fala das comunidades gaúchas de Jaguarão e Pelotas. Tese (doutorado em Letras). Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Paraná. Porto Alegre, 2004.
- BROWN, Penelope; LEVINSON, Stephen C. **Politeness**: some universals in language usage. Cambridge: Cambridge University Press, 2011[1987].
- BROWN, Roger; GILMAN, Albert. The pronouns of power and solidarity. In: PAULSTON, Christina Bratt; TUCKER, G. Richard (eds.). **Sociolinguistics**: the essential readings. United Kingdom: blackwell, 2003 [1960]. p. 156-176.
- BRUSTOLIN, Ana Kelly Borba da Silva. **Itinerário do uso e variação de nós e a gente em textos escritos e orais de alunos do Ensino Fundamental da Rede Pública de Florianópolis**. Dissertação (Mestrado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2009.
- CASTILHO, Ataliba Teixeira de. **Nova gramática do português brasileiro**. 1. ed., 2ª reimpressão – São Paulo: Contexto, 2012.
- ECKERT, Penelope; MCCONNELL-GINET, Sally. Comunidades de práticas: lugar onde co-habitam linguagem, gênero e poder (1992). In: OSTERMANN, Ana. Cristina; FONTANA, Beatriz Fontana. **Linguagem. Gênero. Sexualidade**. Clássicos traduzidos. São Paulo: Parábola Editorial, 2010, p. 93-108.
- ENÇ, Muvet. The Semantics of Specificity. **Linguistic Inquiry**. Vol. 22, No. 1 (Winter, 1991), pp. 1-25.

FRANCESCHINI, Lucelene Teresinha. **Variação Pronominal nós/a gente e tu/você em Concórdia/SC**. Tese (Doutorado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2011.

FREITAG, Raquel Meister Ko.; MARTINS, Marco Antonio; TAVARES, Maria Alice. **Bancos de dados sociolinguísticos do português brasileiro e os estudos de terceira onda: potencialidades e limitações**. Alfa, n. 56, v. 6, p. 917-944, 2012.

FREITAG, Raquel Meister Ko. Banco de dados Falares Sergipanos. **Working Papers em Linguística**, 13(2): 156-164, Florianópolis, abr./jul, 2013. <http://dx.doi.org/10.5007/1984-8420.2013v14n2p156>.

FREITAG, Raquel Meister Ko. (Re)discutindo sexo/gênero na Sociolinguística. p. 17-73. In FREITAG, Raquel Meister Ko.; SEVERO, Cristine Görski (Orgs). **Mulheres, Linguagem e poder: estudos de gênero na Sociolinguística brasileira**. São Paulo: Editora Edgard Blücher, 2015, p. 17-74.

FREITAG, Raquel Meister Ko. et alii. Avaliação e variação linguística: estereótipos, marcadores e indicadores em uma comunidade escolar. In: FREITAG, Raquel Meister Ko.; SEVERO, Cristine Görski, GORSKI, Edair Maria (org). **Sociolinguística e política linguística: olhares contemporâneos**. São Paulo: Editora Edgard Blücher, 2016, p. 141-160.

GODOY, Maria Alice Maschio. **A indeterminação do sujeito no interior paranaense: uma abordagem sociolinguística**. 1999. 128 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Universidade Federal do Paraná, Paraná, 1999.

GUY, Gregory Riordan; ZILLES, Ana Maria Stahl. **Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

JENSEN, Torben Juel; GREGERSEN, Frans. **What do(es) you mean?: The pragmatics of generic second person pronouns in modern spoken Danish**. Pragmatics – Quarterly Publication of the International Pragmatics Association. 2015.

KERBRART-ORECCHIONI, Catherine. **Análise da conversação: princípios e métodos**. Trad. FILHO, C. P. São Paulo: Parábola, 2006.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

LOPES, Célia Regina dos Santos. **Nós e a gente no português falado culto do Brasil**. Delta. Vol. 14 n.2 São Paulo, 1998.

MILANEZ, Wânia. **Recursos de indeterminação do sujeito**. 1982. 149 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1982.

MENDONÇA, Alexandre Kronemberger de. **Nós e a gente na cidade de Vitória: análise da fala capixaba**. Revista PerCursos Linguísticos. Vol. 2, n. 4, 2012.

MENDONÇA, Josilene de Jesus; NASCIMENTO, Jaqueline dos Santos. Estratégias de indeterminação: polidez e relações de gênero. p. 225-238. In: FREITAG, Raquel Meister Ko.; SEVERO, Cristine Görski (Orgs). **Mulheres, Linguagem e poder: estudos de gênero na Sociolinguística brasileira**. São Paulo: Editora Edgard Blücher, 2015.

OMENA, Nelize Pires de. A referência variável da primeira pessoa do discurso no plural. In: NARO, Anthony Julius *et al.* (Org.) **Relatório Final de Pesquisa: Projeto Subsídios do Projeto Censo à Educação**. Rio de Janeiro: UFRJ, N 2, 1986, p.p. 286-319.

RAMOS, Conceição Maria de Araújo; BEZERRA, José de Ribamar Mendes; ROCHA, Maria de Fátima Sopas. Do nosso cotidiano ou do cotidiano da *gente*? Um estudo da alternância *nós/a gente* no português do Maranhão. **SIGNUM: Estudos da Linguagem**. Londrina, v. 12, n. 1, 2009, p.p. 279-92.

SANKOFF, David; TAGLIAMONTE, Sali A.; SMITH, Eric. **Goldvarb X: variable rule application for Macintosh and Windows**. Toronto: University of Toronto, 2005.

SANTANA, Neila Maria Oliveira. Indeterminação do sujeito no português rural do Semiárido baiano. In ALMEIDA, Norma Lúcia Fernandes de; CARNEIRO, Zenaide de Oliveira Novais. **Variação linguística no semiárido baiano**. Feira de Santana: UEFS Editora, 2014. p. 45-70.

SANTOS, Kelly Carine dos. **Estratégias de polidez e a variação de nós vs. a gente na fala de discentes da Universidade Federal de Sergipe**. Sergipe, 2014. Dissertação (Mestrado em Letras). Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de Sergipe, 2014.

SEARA, Izabel Christine. A variação do sujeito *nós* e *a gente* na fala florianopolitana. **Organon**, v. 14, n.28/29, 2000, p.p. 179-94.

SIEWIERSKA, Anna. Ways of impersonalizing: pronominal vs. verbal strategies. In: Lachlan Mackenzie, Anne-Marie Simon—Vandenberg, Elsa Gonzáles Alvarez Maria de los Angeles Gomez-González (eds.). **Language and cultures in contrast and comparison**. Amsterdam John Benjamins, 2007.

SILVA, Caio Cesar Castro da. **A variação nós e a gente no português culto carioca**. Revista do GELNE, Piauí, V. 12, n. 1, 2010.

SILVA, Ivanilde da. **De quem nós/a gente está(mos) falando afinal?: uma investigação sincrônica da variação entre nós e a gente como estratégias de designação referencial**. 2004. 145 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

SOUZA, Soliane Silva; OLIVEIRA, Josane Moreira de. A variação no uso das estratégias de indeterminação do sujeito no português popular da Matinha-BA. In ALMEIDA, Norma Lúcia Fernandes de; CARNEIRO, Zenaide de Oliveira Novais. **Variação linguística no semiárido baiano**. Feira de Santana: UEFS Editora, 2014. p. 71-100.

VIANNA, Juliana Barbosa de Segadas; LOPES, Célia Regina dos Santos. **Variação nós e a gente**. In: MARTINS, Marco Antônio; ABRAÇADO, Jussara. **Mapeamento Sociolinguístico do Português Brasileiro**. Editora Contexto, 2015.

VON HEUSINGER, Klaus; KAISER, Georg A.. The interaction of animacy, definiteness and specificity in Spanish. In: **Proceedings of the Workshop: Semantic and Syntactic Aspects of Specificity, Romance Languages**. P. 41-65, 2003.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

## **ANEXOS**



## ANEXO A – Cartões de interação

### Neutras

1

Lucas estava descendo a escada de casa com muita pressa, acabou tropeçando e lascou a cabeça. Os seus pais ficaram muito aflitos e o levaram para o Hospital João Alves Filho, chegando lá, Lucas só foi atendido 8 horas depois, pois o hospital estava muito lotado.

2

Bianca está no consultório odontológico esperando ser atendida para fazer a manutenção em seu aparelho. Sem paciência por causa da demora, ela resolve conversar com a pessoa ao lado sobre a programação que está passando na TV.

3

A violência, próximo ao Atheneu, vem aumentando muito. Um dia desses, eu e minha colega passamos pela situação traumática de assalto e agressão por criminosos.

4

As redes sociais têm sido uma febre entre os adolescentes. O problema é a superexposição. Marina é uma adolescente muito atenta; certa vez, ela publicou uma foto que causou polêmica.

5

Pablo não tem uma alimentação muito saudável, pois, na hora do almoço, ele prefere lanche em vez de comer alimentos mais saudáveis. Certo dia, ele fez alguns exames de rotina que apresentaram o aumento do seu colesterol e indícios de diabetes. Agora, sua mãe tem controlado sua alimentação.

6

O bullying tem se destacado nos espaços escolares. Os adolescentes são discriminados por vários motivos, sofrendo agressões físicas e psicológicas. Maria é uma adolescente de 15 anos que está acima do peso e vem sofrendo esse tipo de violência em seu ambiente escolar.

7

O período de férias é um dos mais desejados por muitos. Viajar, conhecer outros lugares, estar próximo dos amigos e familiares é muito gratificante, sem falar das recordações que ficam dos amigos e familiares.

8

O aumento das redes sociais *online* tem facilitado a comunicação. Pessoas de todas as idades têm aderido ao uso desses recursos.

9

A frota de ônibus destinada ao transporte público da capital continua precária, bem como os terminais rodoviários, o que vem causando transtorno aos usuários do serviço.

10

A prova do ENEM já foi aplicada. A realização do exame é um dos momentos mais importantes na vida do estudante que conclui o Ensino Médio e quer ingressar no Ensino Superior. Mas para fazer uma boa prova, é essencial que os estudantes controlem a ansiedade.

### Preservação de face positiva

11

Diego e Bárbara foram aprovados para o curso de Medicina da UFS, através do sistema de cotas. Esse programa causa conflito de opiniões entre os alunos de escolas particulares e públicas.

12

A degradação do meio ambiente é crescente. Embora todos saibam que esse problema é de todos e que é necessário mudar alguns hábitos que prejudicam o meio ambiente. Muitos têm se comportado como se o problema não fosse seu.

13

Nos últimos anos, a diversidade sexual tem sido tema na mídia e nas redes sociais. Tal fato é decorrente das declarações de pessoas públicas que se posicionam contra ou a favor da homossexualidade, e dos direitos dos homossexuais.

14

O programa Bolsa-Família foi lançado com o intuito de combater a fome no Brasil, mas nem todos veem com bons olhos essa ação.

15

Maltratar animais é crime e prevê pena de 3 meses a um ano de detenção. Bruna e Letícia presenciaram o vizinho espancando um cachorro. Bruna pensou de imediato em acionar a polícia militar ambiental, já Letícia pensou em prestar atendimento ao animal.

16

Com dois meses de casados, Jonas obrigou sua esposa a pedir demissão do emprego, alegando que ela tinha que cuidar da casa. Alguns meses depois, começou a espancá-la, sendo denunciado à polícia por duas amigas de sua esposa.

17

O sistema educacional do Brasil apresenta-se, ainda, muito deficitário. Melhorar a qualidade da educação deve ser prioridade do governo. Cabe à sociedade cobrar e fiscalizar as ações do governo.

18

**Pedro é uma das pessoas que ainda pensa que a cor da pele faz com uma pessoa seja melhor que a outra. Diversas vezes demonstrou para as pessoas com as quais convive que ele tem tal pensamento ao agir de modo preconceituoso.**

19

**Juliana e Stefany são grandes amigas desde os primeiros anos escolares. Quando foram realizar o ENEM, elas escolheram cursos universitários diferentes. Juliana escolheu Geografia e Stefany escolheu Medicina. Desde que iniciaram as aulas na UFS, Stefany não dá mais atenção a Juliana.**

20

**No colégio Atheneu, o uso de celular durante as aulas é proibido, pois atrapalha a concentração dos estudantes. No entanto, João insiste em utilizar o aparelho para enviar e responder mensagens, mesmo quando o professor está dando explicações muito importantes.**

#### **Preservação de face negativa**

21

**Dias antes de a menstruação descer, as mulheres passam por um período chamado tensão pré-menstrual, no qual, devido às alterações hormonais, pode ser observada irritabilidade, agressividade, dor nas mamas, dor de cabeça etc., impactando tanto na vida das mulheres como na das pessoas que estão ao seu redor.**

22

**Joana estava no ônibus voltando para casa, e para passar o tempo ouvia música em seu celular, quando foi surpreendida por dois meliantes que estavam no mesmo ônibus e anunciaram o assalto, levando seu celular.**

23

Luana e Brena estavam relembrando sobre o primeiro beijo. Em meio a tantas gargalhadas, a mãe das duas chegou sem que elas percebessem e descobriu que elas já estavam namorando.

24

Pedro possui uma família unida e feliz. Ao conversar com um rapaz, explica como sua família é estruturada, o que fazem, os lugares que frequentam, o que cada um gosta de fazer e a ocupação profissional que cada um tem.

25

Maria tem problemas intestinais que lhe provocam gases. Certo dia, durante a aula de química no laboratório, de repente veio aquela vontade incontrolável e Maria não teve como se conter. A sala em que eles estavam ficou com um mau cheiro insuportável.

26

Pedro, assim como a maioria dos homens, pensa que falar da vida alheia é uma característica feminina. Sua irmã disse que colocar os assuntos em dia é indispensável nos grupos de amigas e que os homens também não deixam as novidades passarem despercebidas.

27

A amiga de Ana está precisando de dinheiro para fazer alguns pagamentos urgentes relacionados à saúde. Ana conhece muito bem a amiga e sabe que, se emprestar o dinheiro, não verá a cor deste tão cedo. Devido a isto, Ana não sabe como dizer que não pode emprestar o dinheiro.

28

Pedro observa muito o comportamento/atitude das pessoas. Um dia desses, Pedro avaliou as competências positivas e negativas de um amigo frisando principalmente esta última.

29

**Os adolescentes não costumam ter relacionamentos longos. Mirlany estava namorando com Matheus e soube que ele também estava namorando com Isabela. Quando soube disso, ela tomou uma atitude drástica.**

30

**Nos encontros dos jovens, rolam os mais diversos assuntos, e um dos mais comentados durante essas reuniões dos amigos são os assuntos relacionados à sexualidade.**